



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - MESTRADO**

Cindy Romualdo Souza Gomes

**O COTIDIANO MEDIADO PELA INTERNET: A NECESSIDADE DE
UMA FORMAÇÃO EDUCACIONAL PARA A WEBSOCIALIZAÇÃO**

**DOURADOS/ MS
2011**

Cindy Romualdo Souza Gomes

**O COTIDIANO MEDIADO PELA INTERNET: A NECESSIDADE DE
UMA FORMAÇÃO EDUCACIONAL PARA A WEBSOCIALIZAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados, sob a orientação do Prof.^o Dr. Reinaldo dos Santos.

**DOURADOS-MS
2011**

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central - UFGD

370.2854 Gomes, Cindy Romualdo Souza.
G633c O cotidiano mediado pela internet : a necessidade
de uma formação educacional para a websocialização /
Cindy Romualdo Souza Gomes – Dourados, MS :
UFGD, 2011.
170 f.

Orientador: Prof. Dr. Reinaldo dos Santos.
Dissertação (Mestrado em Educação) –
Universidade Federal da Grande Dourados.

1. Educação – Recursos de rede. 2. Internet na
educação – Dourados. 3. Websocialização I. Título.

KID VINIL

Zeca Baleiro

kid vinil quando é que tu vai gravar cd
kid vinil quando é que tu vai gravar cd

tecnologia existe pra salvar o homem do fim
se você estiver triste delete a tristeza assim
e se quiser conversar passe um fax pra mim
time is money god is dead have you a nice dream

acessando a internet você chega ao coração
da humanidade inteira sem tirar os pés do chão
reza o pai-nosso em hebraico filosofa em alemão
descobre porque que o michael deu chilique na televisão

milhares de megabytes abatendo a solidão
com a graça de bill gates salve a globalização
se o homem já foi à lua vai pegar o sol com a mão
basta comprar um pc aprender o abc da informatização

Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/zeca-baleiro/kid-vinil.html#ixzz1Hq3LPGuj>>.

AGRADECIMENTOS

A Deus, e a todos os que de maneira direta ou indireta contribuíram para que esse trabalho se concluísse.

Em especial:

Ao apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES);

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFGD, que oportunizou usufruir do Mestrado em Educação.

Aos professores do Programa, por ensinar com seriedade e instigar a busca pelo conhecimento, principalmente à Professora Dirce Nei Teixeira de Freitas, Professora Magda Sarat e o Professor Reinaldo dos Santos.

A meu orientador, Professor Reinaldo dos Santos, pela dedicação, seriedade, tranquilidade, segurança e competência na atribuição de balizar nossos passos na elaboração desta dissertação e demais atividades acadêmicas.

Às professoras Magda C. Sarat Oliveira, Gláucia da Silva Brito e Morgana de Fátima Agostini Martins, pelas considerações e sugestões no exame de qualificação.

Aos gestores e funcionários das escolas, pela atenção durante a coleta de dados para a pesquisa.

À minha família, sobretudo minha mãe Maria Ângela, meu pai Miguel e minha irmã Steffany, pelo carinho, compreensão e apoio.

Ao Valdir, meu namorado, que sempre me incentivou, compreendeu e apoiou minha caminhada.

Às amigas da graduação que juntas continuamos nossa caminhada nos estudos, Nataly Gomes Ovando, Milene Dias Amorim, Simone Estigarribia

de Lima e Vanessa Ramos Ramires, Larissa Wayhs Trein Montiel, Míria Izabel Campos e Danieli Tavares.

Agradeço também as boas e novas amizades trazidas pelo mestrado, Juliana da Silva Monteiro, Nubea Rodriguez Xavier, Márcia Prenda, Michele Aparecida de Sá, Ana Maria da Silva, Vânia Pereira da Silva Souza, Márcia Maria Ribera Lopes, Cristina Fátima Pires Ávila Santana e Lincoln Christian Fernandes.

E demais amigos fora da academia, porém não menos importantes, que também estiveram juntos comigo, seja em momentos de festejar, apoiar e conversar sobre os andamentos da pesquisa e os desafios da vida acadêmica. Obrigada à Eduardo Lenzi, Janaína Martine Bentinho, Luís Eduardo Zagretti, Ana Carolina Pinheiro Nitto e Lucimar Alves Valenzuela.

A todos, o meu muito obrigada!

RESUMO

Os levantamentos de dados e discussões feitos nesta pesquisa vincularam-se a intenção de refletir e propor que a escola seja o *lócus* de formação para as interações sócio-culturais dos alunos por meio da internet, a websocialização. Tal preocupação surgiu da análise de dados de institutos de pesquisa como IBGE, IBOPE, CETIC.BR, SaferNet Brasil entre outros, possibilitou traçar o perfil do internauta brasileiro e o crescente uso da internet nas mediações de suas atividades. Dados locais também foram coletados por meio de questionários distribuídos a pais, professores e filhos/alunos, vinculados as séries finais do Ensino Fundamental de duas instituições escolares (pública e privada), da cidade de Dourados – MS, tendo como intuito conhecer a dinâmica entre escola, família e internet. Essas informações possibilitaram-nos demarcar o conhecimento dos indivíduos sobre seu acesso e disponibilização de conteúdos, aproveitamento das potencialidades da internet e, sobretudo, os riscos e constrangimentos que esses se expõem por não terem uma formação direcionada ao acesso responsável e consciente. Com base na teoria dos processos civilizadores, de Norbert Elias, propusemos aos professores e alunos, das referidas escolas, a aplicação de nossa proposta didática que vinculou informações sobre a internet a conteúdos de três disciplinas do currículo. Dessa experiência, concluímos que há grandes possibilidades de inserção da temática no ambiente escolar, antes, porém, é preciso uma formação que coloque o professor como protagonista do saber, havendo o reconhecimento da internet como um meio em potencial para a construção de diferentes aprendizagens, para além da função de pesquisa, comunicação e informação.

Palavras-chave: Educação; TICs; Websocialização.

ABSTRACT

The data and discussions collection done in this search linked up to the intention of reflecting and proposing that the school is the training *locus* to the socio-cultural interactions of the children through the internet, the websocialization. This concern came from the analysis of data from research institutes, such as IBGE, IBOPE, CETIC.BR, SaferNet Brazil and others, it allowed to trace the Brazilian internet user profile and the growing use of the internet to mediate their activities. Local data were collected too through questionnaires that were given to parents, teachers and children/students linked to the final grades of elementary school of two educational institutions (a public school and a private school) in Dourados-MS city, with the purpose to know the dynamics between the school, the family and the internet. These information allowed us to delimit the knowledge of the individuals about their access and availability of content, use of the internet potential and, above all, the risks and constraints that they expose themselves because they don't have a formation directed to the conscious and responsible access. Based on the civilizing processes theory, from Norbert Elias, we proposed to the teachers and students, from the mentioned schools, the application of our didactic proposal that linked information about the internet to three subjects in the curriculum contents from this experience, we concluded that there are possibilities to enter the subject in the school environment, but, before, a formation that puts the teacher as the main character of the knowledge is needed, which has the recognition of the internet as a potential vehicle to build different means of learning, beyond the search, communication and information function.

Key words: Education; ITC; Websocialization.

LISTA DE SIGLAS

ABA	Associação Brasileira de Anunciantes
CAIS	Centro de Atendimento a Incidentes de Segurança
CDI	Comitê para a Democratização da Informática
CEIM	Centro de Educação Infantil Municipal
CETIC.BR	Centro de Estudos sobre Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil
CF/88	Constituição Federal do Brasil 1988
CGI	Comitê Gestor da Internet no Brasil
DENATRAN	Departamento Nacional de Trânsito
EaD	Educação à Distância
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
EPTV	Emissoras Pioneiras de Televisão
EUA	Estado Unidos da América
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FBI	<i>Federal Bureau of Investigation</i> (Escritório Federal de Investigação)
FIESP	Federação das Indústrias do Estado de São Paulo
FUST	Fundo de Universalização das Telecomunicações
GVT	Operadora de telecomunicações brasileira
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBOPE	Índice Brasileiro de Opinião e Estatística

LER	Lesão por Esforço Repetitivo
LNCC	Laboratório Nacional de Computação Científica
MEC	Ministério da Educação
MSN	Microsoft Network Messenger
NIC.BR	Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR
NTE	Núcleo Tecnologia Estadual
NTEM	Núcleo Tecnologia Educacional Municipal
OAB	Ordem dos Advogados do Brasil
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PUC	Pontifícia Universidade Católica
RNP	Rede Nacional de Ensino e Pesquisa
SEDH	Secretaria Especial de Direitos Humanos da Previdência da República do estado do Paraná
STE	Sala de Tecnologias Educacionais
TICs	Tecnologias de Informação e Comunicação
UEMS	Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul
UFGD	Universidade Federal da Grande Dourados
UNIGRAN	Centro Universitário da Grande Dourados
UOL	Universo On Line
WCF	World Childhood Foundation

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	O Brasil mediado pela internet.	16
Figura 2	Conversa sobre sexo.	23
Figura 3	Comunidades do Orkut, sobre catarro.	37
Figura 4	Comunidades do Orkut, sobre o ato de defecar.	38
Figura 5	Comunidades do Orkut, sobre o ato de urinar.	38
Figura 6	Pérolas do Orkut: Oops, pequeno descuido.	39
Figura 7	Pérolas do Orkut: Fotos que não precisavam estar no Orkut.	39
Figura 8	Na internet é assim. Você nunca sabe com quem está falando.	55
Figura 9	Identificar os criminosos na Internet não é simples	55
Figura 10	“As crianças podem aprender muitas coisas sobre a Internet. IG Control Pais.Tornar a Internet um lugar seguro”.	63
Figura 11	Notificação: Enciclopédia Livre Wikipédia, pesquisa sobre a "Dengue".	88
Figura 12	Capa do livro de história “A internet segura do menino Maluquinho”.	93
Figura 13	Capa da cartilha “Criança mais segura na internet”.	94
Figura 14	Capa do Guia “Minha Primeira compra na Internet”.	95
Figura 15	Capa do Guia “Uso responsável da internet”, vol 1.	96
Figura 16	Capa do Guia “Uso responsável da internet”, vol. 2.	97
Figura 17	Capa do guia “Guia para o uso responsável da internet”-crianças, 3.0.	99
Figura 18	Capa do guia “Guia para o uso responsável da internet”-pais, 3.0.	100
Figura 19	Capa do guia “Guia para o uso responsável da internet” – professores, 3.0.	101

Figura 20	Capa da cartilha “Segurança em redes sociais: recomendações gerais”.	102
Figura 21	Capa da cartilha “Saferdicas”.	103
Figura 22	Capa da cartilha “Navegar com segurança: protegendo seus filhos da pedofilia e da pornografia infanto-juvenil na internet”.	104
Figura 23	Capa da cartilha “Segurança: Protegendo seus filhos no uso da internet”.	106
Figura 24	Capa do guia “Guia prático para o bom uso da internet”.	108
Figura 25	Capa da cartilha da OAB “Recomendações e boas práticas para o uso seguro da internet para toda a família”.	109
Figura 26	A expressão dos impulsos na internet.	116

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Tempo de navegação por pessoa: acesso à internet no trabalho e em domicílio.	69
Tabela 2	Tempo de navegação por pessoa: finalidade do acesso.	70
Tabela 3	Atividades desenvolvidas na internet: Lazer.	73
Tabela 4	Atividades desenvolvidas na internet: treinamento e educação.	74
Tabela 5	Atividades desenvolvidas na internet: busca de informações e serviços online.	75
Tabela 6	Atividades desenvolvidas na internet: serviços financeiros.	76
Tabela 7	Evidências comportamentais de quem é viciado em internet.	143

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Local de acesso individual à internet.	66
Gráfico 2	Domicílios com acesso à internet por região do Brasil	68
Gráfico 3	Finalidade de acesso à internet: população 10 anos ou mais de idade.	71
Gráfico 4	Quem está menos exposto aos riscos da internet?	130
Gráfico 5	Quem está mais exposto aos riscos da internet?	130
Gráfico 6	Como você classifica a orientação de seus pais sobre a internet?	132
Gráfico 7	Como você classifica a orientação de seus pais sobre a internet	135

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I – INSERÇÕES SOCIAIS: FAMÍLIA, ESCOLA E INTERNET	22
1.1 Comportamento e autocontrole dos impulsos	25
1.2 Dualidade comportamental: novos espaços de socialização	31
1.3 Bastidores da vida social no palco da internet	36
1.4 Incompatibilidade comportamental	45
1.4 Espaços civilizadores: família, igreja, escola e mídia	49
CAPÍTULO II – ACESSOS E EXCESSOS NA INTERNET	62
2.1 Contextualização: a internet no Brasil	65
2.2 Acessos: as potencialidades da internet	78
2.3 Excessos: os riscos da internet	81
2.4 Os crimes digitais	84
2.5 Imprudências na comunicação e informação	87
2.6 Algumas iniciativas para o uso responsável da internet	89
2.6.1 Cartilhas e guias sobre internet	92
CAPÍTULO III – FORMAÇÃO PARA A WEBSOCIALIZAÇÃO	117
3.1 Esclarecimentos metodológicos	119
3.2 Contexto de aplicação da proposta didática	123
3.3 A internet sob o olhar de pais, adolescentes e professores	127
3.4 Proposta Didática	137
3.4.1 Temáticas escolhidas para proposta didática	137
3.5 Aplicação e resultados da Proposta Didática	148
CONSIDERAÇÕES FINAIS	152
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	159

INTRODUÇÃO

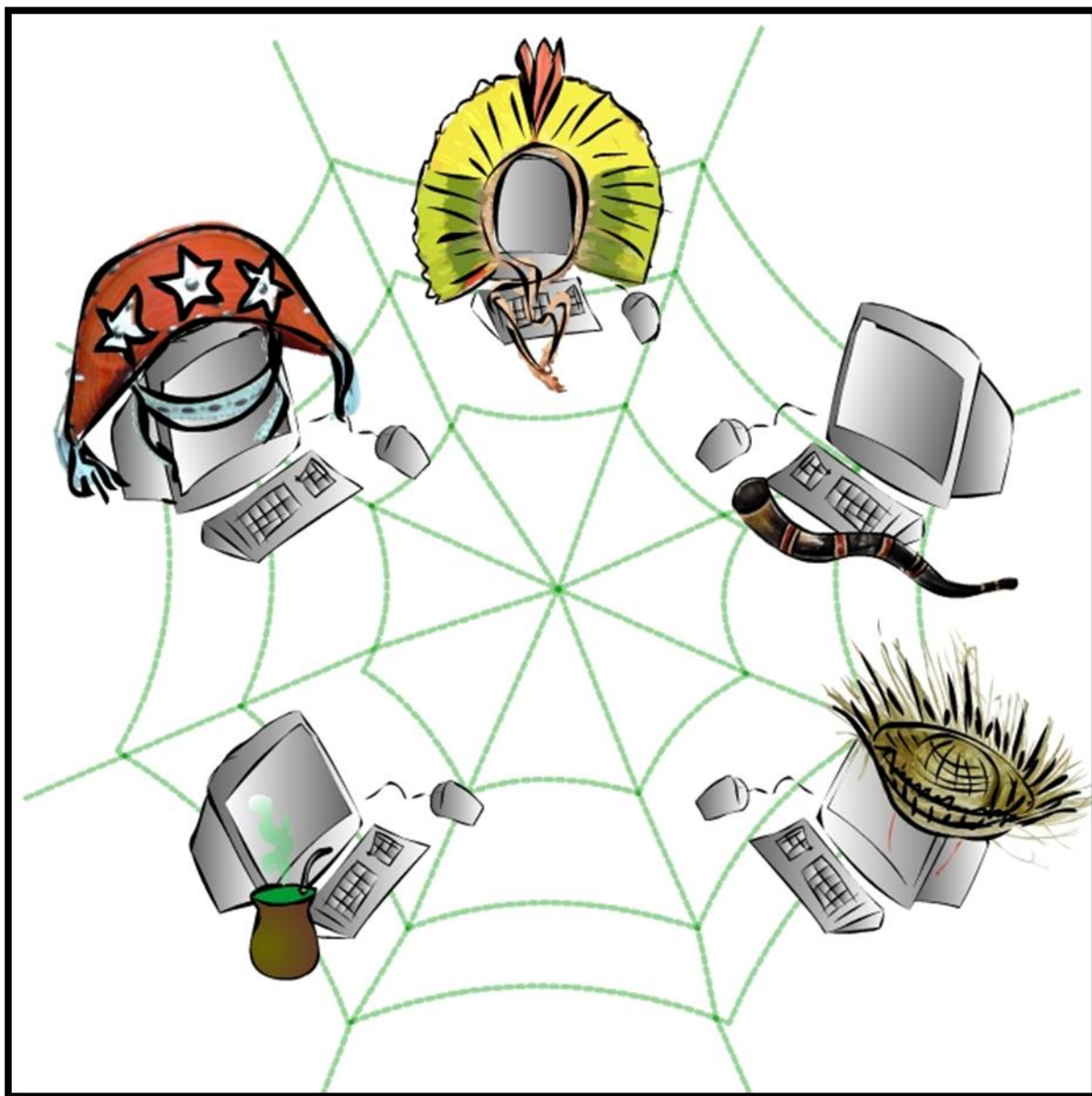


Figura 1: O Brasil mediado pela internet

Fonte: <http://api.ning.com/files/8uNnwqtoaTxLt8s7Jp7RiIBVe*i3uEBzJZfALPOXzaumUPIvhO9Jtt*JB2aHnxV4e9AXFpRKInp2jIh3t3fm470g*1drpKob/Texto_18Internet.jpg>. Acesso em: 20 mar. 2011

INTRODUÇÃO

“Na sociedade global do século XXI, a internet não é uma simples tecnologia de comunicação, mas o epicentro de muitas áreas da actividade social, econômica e política” (BOTTENTUIT JÚNIOR; COUTINHO, 2007). Esse frenético avanço das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) trouxe para a interação do ser humano com o ser humano e do ser humano com diferentes serviços, a urgente necessidade de se aprender na prática como reorganizar e ampliar as atividades do dia a dia por meio da praticidade da internet. Diante da demanda, aprendemos a interagir com o computador e internet de maneira informal, a partir da curiosidade e colaboração de quem sabe um pouco mais.

Aos poucos ou em explosões do modismo, transferimos para o mundo virtual muitas das nossas atividades reais e até reinventamos tantas outras, deste modo as possibilidades da internet imitam, reproduzem e dão continuidade aos fenômenos da vida real, o resultado é um ambiente organizado como mais um espaço de interatividade sócio-cultural.

Trocamos opiniões, fazemos críticas, adotamos alguns comportamentos, repensamos outros e, por fim, construímos e reconstruímos, juntamente com nossos pares comportamentos, valores, princípios e conhecimentos.

Como em uma praça, um clube ou um bar, esse é o espaço no qual as pessoas trocam informações sobre as novidades cotidianas de sua vida, mostram as fotos dos filhos, comentam os vídeos caseiros uns dos outros, compartilham suas músicas preferidas e até descobrem novas oportunidades de trabalho. Tudo como as relações sociais devem ser, mas com uma grande diferença: a ausência quase total de contato pessoal. (SCHELP, 2009).

O uso das tecnologias geralmente rompe com o que até então estava estagnado, esse rompante pode caracterizar-se com avanços, retrocessos ou estagnações, conforme os níveis de assimilação e adaptação das sociedades. Com o fenômeno da internet não seria diferente, assim como aprendemos a lidar de modo consciente e seguro com o auto-atendimento

nos caixas eletrônicos dos bancos, também precisamos nos adaptar e aprender a lidar com as facilidades e riscos de navegar pela internet, é necessário questionarmos sobre o modo como acessamos, disponibilizamos e usamos as informações e as ferramentas da rede.

Compomos por meio de sites, redes sociais, fotos, vídeos e outras linguagens esse mundo sem fronteiras, livre e sem medida, no qual a ânsia pelo acesso e atualização, de tudo e de todos, ofusca a preocupação com a dimensão e consequência do que é feito quando se está na rede.

Nosso interesse pelas mídias e as relações dos indivíduos com elas e a partir delas, motivou-nos a pesquisar desta vez as dinâmicas interativas entre pessoas, bens e serviços organizadas por meio da internet.

Diante das potencialidades que esse meio nos oferece, observamos a crescente necessidade de que haja uma formação para o uso, pois por parte dos indivíduos há uma ausência de informação e formação, que tem comprometido a navegação a ponto de expor o internauta a diferentes riscos. Ou seja, acesso a conteúdos inapropriados à idade (e até mesmo ao discernimento); envolvimento consciente ou inconsciente em ações ilegais; exposição a golpes, fraudes, ameaças, assédios entre outros atos que perturbam a segurança ou a integridade pessoal de si mesmo ou do outro.

A ausência de uma formação para o acesso à internet resulta muitas vezes em constrangimentos sociais, entendidos aqui, como exposições das mais variadas que ridicularizam, acentuam defeitos ou limitações de uma determinada pessoa em um ou vários ambientes da internet.

Diante das evidências da realidade estudada é importante considerar que por mais que os aspectos ruins caiam em evidência maior do que as qualidades trazidas pela internet à vida dos indivíduos, não temos, com essa dissertação, a intenção de demarcar o ambiente da internet como sendo algo nocivo as interações e integridade humana, por mais que ocorram atividades de teor negativo, não podemos deixar de considerar as inúmeras potencialidades que essa ferramenta traz a diferentes setores sociais.

Não a vemos como algo ruim sobre nossa geração, pelo contrário concordamos com as considerações de Ricardo Neves,

Essa ferramenta é um veículo neutro no qual têm trafegado tanto conteúdo virtuoso quanto corrupto. Mas isso são escolhas individuais de seres que compartilham essa notável infra-estrutura e não a natureza da própria ferramenta. Amaldiçoar a criação da Internet seria como amaldiçoar a criação do dinheiro. Ambas são ferramentas que podem servir indistintamente tanto para o bem quanto para o mal. (NEVES, 2007, p. 220).

Negar sua criação e uso seria retroceder em muitos aspectos que podem envolver conquistas democráticas de aprendizagem, expressão, criação, interação, cooperação entre outras construções e reconstruções sócio-históricas possibilitadas a partir da expansão e uso da internet.

Frente à positividade da internet nas interações humanas, é que propomos uma mudança comportamental para melhor utilizarmos essa tecnologia sem que estejamos expostos a experiências ruins e perigosas, e que a partir disso possamos cada vez mais utilizar de seus aspectos positivos, como colaboração em rede, entretenimento, aprendizagens e etc.

Sendo assim as considerações trazidas ao longo da pesquisa não são para negativar ou invalidar a importância das iniciativas de ONGs, empresas e órgãos públicos que se propõem em informar e formar a população acerca da necessidade de se acessar a internet de maneira segura e consciente.

Os levantamentos de dados e discussões feitos nesta pesquisa estão vinculados ao objetivo de refletir e propor que a escola seja o *lócus* de formação para as interações sócio-culturais dos alunos por meio da internet, ou seja, para a websocialização, com conhecimentos específicos exigidos nas interações virtuais, de modo que agregue conhecimentos quanto as possibilidades positivas da internet, seus riscos e prevenção.

Os encaminhamentos metodológicos da pesquisa foram organizados da seguinte maneira:

- **Pesquisa bibliográfica**, que envolveu estudos de autores que teorizam e discutem sobre TICs e educação, internet no cotidiano e mudanças comportamentais e sócio-culturais;
- **Levantamento de dados**, feitos em bancos de dados de online de institutos de pesquisas, tais como: IBOPE, IBGE, SaferNet Brasil, CETIC.BR entre outros institutos para dimensionarmos o tempo, finalidade de acesso, faixa etária do público e etc. Também buscamos informações em periódicos nacionais populares tais como: Revista Veja, Jornal Folha de S.Paulo, Giro Ibope, além de outras revistas ao acaso.
- **Estudo documental**, foram consultados documentos reguladores da educação brasileira, PCNs e PCNs Mais, a partir de itens relacionados as TICs, internet e informática na escola.
- **Aplicação de questionários** levantamentos de dados por meio de questionários direcionados a pais, professores e filhos/alunos vinculados aos 8º e 9º anos do Ensino Fundamental tendo como intuito conhecer a dinâmica entre escola, família e internet.
- **Aplicação da proposta didática para websocialização.** Por websocialização compreendemos como sendo um conjunto de práticas comportamentais de mesma importância que as praticadas em momentos de socialização em ambientes de interações presenciais. A websocialização, por sua vez, possui características comportamentais específicas advindas das diferentes experiências tanto positivas quanto negativas de se expor em interações nos ambientes virtuais.

A sistematização e interpretação dos dados, reflexões e conclusões estão apresentadas da seguinte maneira:

Capítulo I - Inserções sociais: família, escola e internet, analisamos e refletimos sobre a atualidade comunicacional, seus constructos comportamentais que se balizam por meio de novos níveis de tolerância aos impulsos das emoções, sobretudo no ambiente virtual. Iniciamos nossas reflexões sobre o fenômeno da internet a partir dos estudos de Norbert Elias,

sobre os comportamentos dos indivíduos em diferentes momentos sócio-históricos. Em meio a essas mudanças se fez importante pensar nas atribuições, presenças, ausências e influências educacionais das instituições socializadoras dos indivíduos, desde as tradicionais até as contemporâneas.

No **Capítulo II - Acessos e excessos na internet** as discussões tratam sobre as possibilidades que a internet traz para o acesso e desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). São apresentadas, no item acessos, as potencialidades positivas da internet. Já o item excessos condiz diretamente com os riscos que os internautas desinformados se expõem ao transitarem na rede, sem cautela sobre no que clicam, com quem teclam e o que disponibilizam na rede. Diante dessa realidade encontramos materiais como guias e cartilhas que têm por objetivo informar a população a navegar com mais responsabilidade na internet, sendo então esses materiais alvos de apreciação no ultimo item desse capítulo.

E por fim no **Capítulo III - Formação para a websociabilidade**, descrevemos atividades desenvolvidas na internet que a caracterizam como mais um espaço de socialização. Seguindo a lógica e os resultados de um acesso sem conhecimentos, essa interação exige que haja uma formação que prepare os indivíduos para as relações websociais. Sendo assim nesse capítulo apresentamos uma proposta que aborda conhecimentos sobre os riscos e potencialidades das interações na rede, para tanto o cenário eleito é a instituição escolar, onde apresentamos as possibilidades os erros e acertos dessa educação processual, contextualizada e contínua.

Diante dessa trajetória de pesquisa como **Considerações finais**, trazemos breves considerações sobre os dados e reflexões teóricas de cada capítulo, bem como um resultado sobre o todo da pesquisa que desemboca em questões tidas como urgentes sobre as interações humanas por meio da internet seus riscos e potencialidades principalmente quando pensada a partir de uma formação para o uso.

E na seção **Anexos** (organizados em CD) disponibilizamos os três exemplares de questionários aplicados à pais e/ou responsáveis, professores e filhos/alunos, nessa seção foram disponibilizados também exemplares dos

três planos de aula elaborados para contemplarem de modo transversal as temáticas fraudes, vício em internet e privacidade, abordados respectivamente nas disciplinas de Língua Portuguesa, Educação Física e Geografia.

CAPÍTULO I
INSERÇÕES SOCIAIS: FAMÍLIA, ESCOLA E INTERNET



Figura 2: Conversa sobre sexo. Fonte: <www.glugu.com>. Fonte: <www.glugu.com>. Acesso em: 20 mar. 2011.

CAPÍTULO I

INSERÇÕES SOCIAIS: FAMÍLIA, ESCOLA E INTERNET

De maneira geral os avanços tecnológicos representam às organizações sociais mudanças em sua dinâmica. Esse reorganizar traduz-se em forças que reagem de maneira involuntária do individual para o coletivo social, que podem gerar desenvolvimento, retrocesso, conflitos e/ou melhorias. (ELIAS, 1994a; 1994b; 2006). Diante das consequências dessas reações a sociedade pode organizar-se de modo a optar por ações que gerem melhoramentos a manutenção da vida.

O irrevogável entrelaçamento dos atos, necessidades, idéias e impulsos de muitas pessoas dá origem a estruturas e transformações estruturais numa ordem e direção específicas que não são simplesmente “animais”, “naturais” ou “espirituais”, nem tampouco “racionais” ou irracionais, mas sim *sociais*. (ELIAS, 1994a, p.39).

A partir desse cenário contemporâneo de interações sócio-culturais na internet, enveredaremos discussões quanto às mudanças de comportamentos que evidenciam uma reorganização “flexiva” e “reflexiva” do controle dos impulsos, que resulta em uma “terceira natureza” comportamental dos indivíduos (WOUTERS, 2009).

Essa combinação: internet, comportamento e constrangimentos sociais, bem como as resultantes deste processo e suas necessidades de mudanças, para um melhor convívio entre os indivíduos, são os itens de discussão ao longo desse capítulo. Para tanto lançamos mão da teoria dos processos civilizadores de Norbert Elias (1994b) e outros escritos do autor, que descrevem os níveis e processos comportamentais ensinados e aprendidos pelas sociedades nos desdobramentos e mudanças sócio-históricas.

1.1 Comportamento e autocontrole dos impulsos

Com cerca de 5 anos de idade, levá-la como companhia ao mercado, para uma compra pequena, rápida e simples, significava uma tarefa que exigia muita paciência e sangue frio. Diante das prateleiras coloridas e cheias de guloseimas, o comportamento da garotinha era o de: parar, olhar, encher as mãos e dizer “eu quero estes”. Com o dinheiro contado a resposta era “hoje não dá”, e a partir da reação da garotinha: pulos, tapas no ar, choros e gritos, quem estivesse no mercado, vendo ou ouvindo, poderia concluir que mais uma criança fora contrariada em seus desejos de consumo. (GOMES, 2010).

E se essa cena fosse protagonizada por um adulto? A reação das demais pessoas no mercado não seria de compreensão tal qual com uma criança. Tudo porque em nossa sociedade temos o entendimento que para cada idade, cada fase da vida, há um comportamento aceitável pela falta de maturidade, porém passível de ajustes, para que se chegue aos padrões comportamentais e de convívio eleitos como importantes para a vida em sociedade.

O ser humano [...] na infância, não possui a tendência para a autorregulação como nato, original de sua natureza. Sua natureza “animal” é a de satisfazer suas necessidades de forma aberta, imediata e sem qualquer baliza, que não as da própria natureza. [...] Tornar-se humano civilizado, sociável, implica aprender a controlar os impulsos animais nativos, por meio de um processo de aprendizado, que pode ser chamado de educação ou socialização. (SANTOS, 2009, p.157).

A aprendizagem de alguns comportamentos e o desconsiderar de tantos outros, origina-se principalmente das interações da própria dinâmica do crescimento humano em duas instituições tradicionais, a família e a escola. O primeiro espaço de socialização e aprendizagem é a família, e essa socialização caracteriza-se como primária, onde são aprendidos, pela criança, modelos básicos de comportamento e convívio social. Posteriormente a frequência na escola ensina ao indivíduo, com maior profundidade, os padrões de comportamento, convivência e interação fundamentados em leis, normas e distinções de conduta entre o público e o privado, caracterizando-se como sendo a socialização secundária. (SANTOS, 2009).

Essa educação prevê momentos e ambientes de socialização ditos como tradicionais, ou seja, somos orientados a nos comportarmos civilizadamente em ambientes públicos, ou em situações que possam vir a se tornarem públicas. Essas interações teriam como cenário as atividades realizadas entre diferentes indivíduos, em ambientes como igrejas, praças, clubes, escolas, mercados, lojas entre outras localidades de encontros e experiências presenciais.

Diante da relação ambiente e comportamento, podemos então afirmar que nossas posturas frente a determinadas situações seguem a lógica de causa e consequência, pois prevemos que na ausência de uma atitude tida como civilizada, sofreríamos consequências que poderiam findar em danos pessoais imediatos. A reprovação de um comportamento geraria exposição à vergonha, ao ridículo, a exclusão ou ainda desencadearia reações de agressão física e/ou verbal.

O sentimento de vergonha, por exemplo, é gerado em “situações de interação social nas quais as pessoas olham para trás com pesar porque sentem que foram ‘pegas’ fazendo (ou não fazendo) algo que elas pensam que poderiam (ou não poderiam) ter feito.” (GOUDSBLOM, 2009, p.54). Assim agimos com o cuidado de não nos expormos e de também não expor o outro nesse desencadeamento de situações entendidas como desagradáveis e até mesmo incivilizadas.

A vergonha é uma das razões que passamos a balizar nossos comportamentos, um exemplo do cotidiano e que muitas pessoas já presenciaram ou foram corrigidas dessa maneira, refere-se à repressão de atitudes extremadas a partir do julgamento que ou outro fará, ou seja, quando crianças ouvimos: “que feio, pare de chorar, aquela mulher está te olhando...”, “a mulher está vendo você chorar”, “o que aquele homem vai pensar vendo esse escândalo que você está fazendo?” e de exclusão “nossa assim ninguém vai querer ser seu amigo”. Crescemos muitas vezes nos preocupando sobre o que o outro achará de nossas atitudes e quais tipos de repreensão poderemos nos expor ou seremos expostos.

Mas e quando essas interações interpessoais não acontecem de maneira física, tendo um caráter remoto e sem identificação das pessoas? Na atualidade, os nossos ambientes de interação não se restringem somente ao entendimento tradicional (bares, restaurantes, igrejas, praças, shoppings e etc.). Hoje, com os avanços tecnológicos contamos com o ambiente virtual, propiciado pela internet, e sua interatividade disponível em sites de relacionamentos, redes sociais entre outras ferramentas, desta forma

[...] O ser humano produz e utiliza os produtos tecnológicos e termina incorporando-o às suas atividades e pensamento. Com isso, faz de outra maneira atividades que fazia antes e, conseqüentemente, muda sua vida, ou seja, sua forma de relacionar-se com os meios natural, social e cultural. (BRITO e PURIFICAÇÃO, 2006, p.25).

A utilidade da internet na vida dos indivíduos não possui apenas uma função operacional de trabalho e estudos, hoje grande parte de suas movimentações relaciona-se à comunicação, a interação entre diferentes indivíduos, localidades e personalidades. Assim as dimensões criadas pelo advento da internet como um local público e também privado, possibilita-nos a considerarmos como um *lócus* de intensas relações sócio-culturais, construções e reconstruções de identidades, culturas, opiniões e outros arranjos que afloram da criatividade e raciocínio do ser humano.

O que isso indica? Indica uma nova organização de valores dentro e fora da internet, e a partir dessa consideração é que devemos pensar sobre diversos fenômenos que cercam esta realidade. O acesso à internet não pode ser compreendido como algo operacional, ingênuo e livre de influências. Na internet temos o espelhamento da vida real com uma diferença que instiga quem observa e participa, ou seja, muitas vezes nos deparamos com informações e imagens que representam uma mudança comportamental, que expõe os indivíduos de uma maneira quase que impossível de ser pensada nas interações públicas, pessoais e presenciais.

Seguindo alguns processos histórico-sociais que desencadearam o uso de tais comportamentos, vemos a necessidade de fazer uma breve retomada dos processos civilizatórios, trazendo considerações desde o final

da Idade Média até a Modernidade, desenhando assim, o alavancar desses costumes até a fase de um relativo “declínio” nos tempos atuais quanto às interações pessoais via internet e as diversas exposições as quais os indivíduos se submetem ou são submetidos.

Em seu livro “O processo civilizador”, Norbert Elias (1994) encaminha suas análises e discussões sobre controle dos impulsos dos indivíduos em suas relações sociais, partindo dos processos de organização de conduta e postura praticadas nas diferentes épocas. De início, caracteriza os padrões comportamentais da sociedade guerreira, posteriormente da sociedade feudal, em seguida da sociedade de corte e por fim os comportamentos a partir da ascensão da burguesia. (BRANDÃO, 2009).

Na história dos costumes Elias (1994), pontua que os processos de construção e adequação de certos comportamentos efetivavam-se conforme a intensificação das relações pessoais e as dependências entre os indivíduos, assim quanto mais próxima fosse à convivência mais compostura se exigia. O bom comportamento representava então, “instrumentos de exclusão ou rejeição e de inclusão e carisma grupal: indivíduos e grupos com as qualificações necessárias são aceitos nos círculos enquanto os ‘rudes’ – ou seja, todos os outros abaixo na escada social – são mantidos fora” (WOUTERS, 2009, p. 93).

Esse autocontrole é mais um conhecimento adquirido - social e historicamente -, de maneira progressiva e gradual, pelas mais diversas civilizações (indivíduos e sociedades), possuindo **duas funções**. A primeira função é de **indicar ao indivíduo o padrão de conduta mais adequado para a sobrevivência do homem em sociedade**. A segunda função é a de **mostrar a essa sociedade que esse indivíduo é capaz de conviver fazendo uso dos mesmos preceitos** e dentro das normas estabelecidas socialmente. (BRANDÃO, 2009, p.88, grifos nossos).

A “apreensão de normas, padrões de conduta, etiqueta, pudor, decoro, protocolo, polidez, trato social, comportamento em público, controle de emoções e busca pela abstenção de uso da violência como recurso em relações sociais.” (SANTOS, 2009, p.155) figura-se como o obedecer ao que

“a sociedade exige e proíbe [...]” guiando os indivíduos a interagirem diante do “[...] patamar do desagrado e medo socialmente instalados” (ELIAS, 1994b, p.14).

No final da Idade Média, o modelo econômico da sociedade guerreira baseado na conquista de territórios pela força bruta, é superado por uma sociedade organizada a partir do escambo e vendas dos recursos obtidos do cultivo da terra, as atividades para esse feito passam a ser segmentadas mobilizando relações de interdependência entre os indivíduos, fossem nobres ou não. Esse convívio mais próximo desencadeou a necessidade de “um novo e diferenciado controle das emoções especialmente no que diz respeito ao relacionamento entre homens e mulheres.” (BRANDÃO, 2009, p.73). Desse modo as relações hierárquicas não se estabeleciam apenas por questões econômicas, mas também por padrões de comportamento, quanto mais abastado o grupo, maiores eram as exigências de bons costumes e controle das emoções. (BRANDÃO, 2009; SANTOS, 2009; WOUTERS, 2009).

Esse convívio mais intenso entre os indivíduos frente a um padrão de comportamento entendido como necessário, gerou o que Elias (1994) chamou de “controle social”, ou seja, mais próximas as pessoas participavam e partilhavam o seu dia a dia e observavam-se nas diferentes situações, reforçando a importância do bom comportamento por meio de atitudes que demonstravam avaliar o comportamento do outro. Conforme as relações foram se estreitando maiores eram os detalhes de decoro, o que resultou em uma consciência e autorregulação muito rígidas, quase que automáticas até o século XIX.

A usualidade e importância dos bons costumes vinculavam-se a questões de poder e pertencimento a determinados grupos, “[...] primazias, linguagem corporal, expressões faciais, etc., sempre de acordo com hierarquias, idade e gênero, regulavam e encobriam a competição por *status* na boa sociedade.” (WOUTERS, 2009, p.105).

As relações de interdependência entre diferentes indivíduos promoveram misturas sociais. Por mais que um indivíduo da corte não

quisesse ficar em companhia de um camponês ou pescador, expressar repulsa representava falta de educação, e a esse julgamento ninguém queria se expor. Assim o controlar de certos impulsos deu margem a uma reorganização das relações, que por consequência se tornaram menos hierárquicas, rígidas e polidas. Aos poucos no século XX, (principalmente nas décadas de 1960 e 1970) o bom comportamento deixa de estar vinculado aos grupos mais abastados de uma sociedade, e essa característica passa a ter importância de maneira individual entre as pessoas. Mudanças de valores comportamentais expressavam a informalidade entre os indivíduos. Comportamentos pautados em firmar diferenças sociais, eram negados diante da diversidade das relações, resultando no nivelamento igualitário das interações. (WOUTERS, 2009).

Tanto o tipo como o grau de controle correspondem à posição social da pessoa que os impõe, em relação à posição daqueles em cuja a companhia está. Isto muda lentamente, à medida que as pessoas se aproximam mais socialmente e se torna menos rígido o caráter hierárquico da sociedade. Aumentando a interdependência com a elevação da divisão de trabalho, todos se tornam cada vez mais fracos. Estes últimos tornam-se a tal ponto iguais aos primeiros que eles, os socialmente superiores, sentem vergonha até mesmo de seus inferiores. Só nesse momento é que a armadura dos controles é vestida em um grau aceito como natural nas sociedades democráticas industrializadas. (ELIAS, 1994b, p.143).

Esse estreitamento/nivelamento das relações entre os indivíduos relaciona-se com as mudanças sociais geradas principalmente pelo aparecimento e aplicação de novas tecnologias que por consequência atingiu setores da organização trabalhista.

Em se tratando das transformações sociais advindas das tecnologias, serão neste capítulo estudadas com maior empenho as mudanças a partir do desenvolvimento vinculado às necessidades de mobilidade e comunicação, que atualmente desemboca no entendimento do papel da internet na atualidade, fenômeno esse que representa o estreitamento das interações: culturais, geográficas e comportamentais entre indivíduos de diferentes sociedades.

1.2 Dualidade comportamental: novos espaços de socialização

Na confraternização de final de ano dos professores e seus familiares, parte dos participantes estavam próximos da piscina onde crianças e adolescentes brincavam entre si mergulhando e saltando, com bolas e bóias. O burburinho deu lugar a gargalhadas e todos ao redor e na piscina voltaram sua atenção para um mesmo ponto: um menino, com seus 12 ou 13 anos de idade, que tinha escolhido um pequeno espaço ao lado do chuveiro, em frente à piscina para fazer a troca do seu calção de banho por sua bermuda seca. Ali nu de costas para sua platéia, que cessou suas atividades para ridicularizá-lo, trocou-se sem perceber o que ocorria a sua volta. Após trocar-se ficou um tempo ainda de costas, torcendo seu calção para retirar o excesso de água, a platéia retomou suas atividades já que o menino não percebeu e nem interpretou o ocorrido como os demais. A situação foi finalizada quando um adulto discretamente aproximou-se do menino, cochichou algo em seu ouvido e o retirou do local. (GOMES, 2011).

Em comparação entre a situação presencial e a situação virtual, vemos a mobilidade de limites nas relações. Sendo assim podemos supor duas situações: o menino se expõe, pois não vê a reprovação da platéia, tal como muitas pessoas na internet, onde desligar o computador ou possuir um perfil falso tem a mesma representação que estar virada de costas. Ou ainda o menino se expõe, pois seu nível de tolerância a vergonha e compreensão de tal atitude é entendida como normal, assim como fazem indivíduos que publicam na internet sem constrangimentos, entre amigos e desconhecidos, fotos íntimas a partir de outros valores como coragem, diversão e etc.

A internet tem protagonizado mudanças comportamentais, no qual conceitos reguladores como a diferenciação de público e privado, bem como outros comportamentos importantes para o convívio pacífico, têm ganhado outros limites e significados. Tudo porque, por trás de um computador e na ausência do contato pessoal, a ânsia por conhecer e ser conhecido tem influenciado na seleção quanto ao que o outro terá de conhecimento sobre o eu.

Observamos então uma transposição de limites: atividades que antes pertenciam aos bastidores da vida social ganham visibilidade ao público

da internet, por meio de divulgação de textos, imagens, vídeos e sons. Muitas dessas interações se caracterizam como uma tentativa de manter um relacionamento privilegiado ou *status* em um ambiente de repercussão global como a internet.

A internet é reconhecida como um espaço democrático no que diz respeito a postagens de conteúdos e acesso. Nenhum indivíduo precisa pedir permissão a um órgão ou instituição para se expressar ou agir da maneira que quiser. (CULTURA DIGITAL, 2010). Sem restrições de acesso e conteúdos, idade e horários, os internautas navegam a partir de seu discernimento. Valores como pudor, etiqueta, discricção entre outras posturas tidas como pertinentes em público, são anulados diante da ausência de repressão imediata, e mesmo que esta exista é facilmente ignorada com o desligar do computador.

O equivocado entendimento de que na internet acessamos e postamos conteúdos sem sermos notados, avaliados ou até identificados vincula-se a impressão de isenção de culpa que, firma ações irresponsáveis, inconsequentes, inconscientes e até criminosas.

Comparando o comportamento nos ambientes real e virtual, podemos caracterizá-lo como possuidor de duas facetas: no ambiente real há uma postura aceitável e comedida, e no ambiente virtual há uma mobilidade de limites sobre o que será exposto e feito: consigo, com os outros e com os conteúdos acessados e disponibilizados. O resultado é uma sociedade que não sabe se portar na internet de modo que não esteja se expondo a riscos e situações de constrangimentos sociais tais como: danos pessoais, intimidade exposta ou ridicularizações.

A mudança de um comportamento incivilizado para um comportamento civilizado entre os indivíduos é fruto de um desencadear de transformações sociais e econômicas que não se caracterizam de maneira retilínea e progressiva, assim como outros fenômenos sociais os valores de etiqueta possuem seus avanços, retrocessos e estagnações.

Para entendermos essa transição de comportamentos lançamos mão das considerações de Wouters (2009) que ao discutir sobre as etapas comportamentais da teoria elisiana, conclui o aparecimento de um comportamento por ele classificado como “descontrole controlado”.

O comportamento divide-se em três momentos que expressam o tempo da sociedade e do indivíduo. A “primeira natureza”, que no caso é a expressão comportamental dos nossos desejos naturais sem que haja um autocontrole que classifique o que é aceitável ou não no convívio social, nos impulsiona a satisfazer de imediato nossas vontades, como o exemplo dado no início do texto sobre a menina no mercado, que quando contrariada teve como primeira vontade chorar, bater e gritar sem se preocupar ao que estava se expondo e quem mais estava sendo exposto junto com ela.

A “segunda natureza” seria então, a autorregulação, originária do próprio indivíduo a partir da aprendizagem e prática dos padrões de comportamento, as atitudes apenas são praticadas após um julgamento quanto sua adequação ou não aos ditames de etiqueta e decoro. O sentimento de vergonha, de exposição à ridicularização e até mesmo o medo elaborado sobre uma ação/reação hipotética do contexto no qual o indivíduo está inserido, são os balizadores do seu comportamento, sendo assim muitas vezes suas vontades mais inofensivas são resguardadas pela autorregulação.

[...] como um autocontrole automático um hábito que, dentro de certos limites, funciona também quando a pessoa está sozinha. Ao contrário, o controle dos instintos era inicialmente imposto apenas quando na companhia de outras pessoas, isto é, mais conscientemente por razões sociais. (ELIAS, 1994b, p. 142-143).

Com o avanço da civilização a vida dos seres humanos fica cada vez mais dividida entre uma esfera íntima e uma pública, entre comportamento secreto e público. E esta divisão é aceita como tão natural, torna-se um hábito tão compulsivo, que mal é percebida pela consciência. (ELIAS, 1994b, p. 188).

Com o estreitamento das relações entre os indivíduos e as possibilidades de trocas sócio-culturais entre espaços, culturas e aprendizagens diferenciadas, os comportamentos foram flexibilizados diante

dos diferentes níveis de tolerância aos impulsos emocionais das sociedades e gerações.

Esse novo comportamento, Wouters denomina como sendo a “terceira natureza”, que condiz com um agir/reagir em equilíbrio entre a primeira e a segunda natureza, ou seja, os comportamentos não são tão livres e nem tão rígidos, seria então uma autorregulação “reflexiva/flexível”, balizados pelo o que autor denomina como “regra de ouro”.

[a] medida em que mais grupos passaram a ser representados nos vários centros de poder e suas boas sociedades, que funcionavam como modelos de boas maneiras, diminuiu a diferença extrema entre todos os grupos sociais em termos de poder, hierarquia e regulação das emoções. [...] Assim, na medida em que as desigualdades de poder tornavam-se mais frouxas, a *Regra de Ouro* e o princípio do consentimento mútuo tornaram-se um padrão esperando de conduta entre indivíduos e grupos. (WOUTERS, 2009, p.113).

Nesse processo, o limite de tolerância a julgamentos torna-se mais individual do que coletivo, ao contrário das sociedades burguesas, o que está exposto não é uma família, mas sim apenas um indivíduo. Nos espaços de convivência real e presencial, as atitudes são medidas conforme os níveis de tolerância e importância que cada indivíduo despense às consequências dos seus atos, no imediato ou em um futuro próximo.

A mobilidade das pessoas no sentido espacial e social, aumenta. Seu envolvimento com a família, o grupo de parentesco, a comunidade local e outros grupos dessa natureza, antes inescapável pela vida inteira, vê reduzido. Elas têm menos necessidade de adaptar seu comportamento, metas e ideias à vida de tais grupos ou de se identificar automaticamente com eles. (ELIAS, 1994a, p.102)

O *status* comportamental passa a ter na atualidade outro tipo de significado, honra, polidez como referências a uma classe social mais abastada que representam um coletivo familiar dão lugar a expressões que representam rebeldia, opinião, revolução, coragem, audácia, naturalidade, espontaneidade individuais.

Mas na internet, com o anonimato o que fica em jogo? Até onde uma pessoa é ela mesma? E até onde sua identidade é forjada? Na internet essa

“regra de ouro” torna-se muito mais flexível do que de costume, ou seja, comportamentos inadmissíveis no convívio pessoal e público são admitidos no ciberespaço.

Com a qualidade de ser atemporal e aplicável em diferentes situações a “regra de ouro” (WOUTERS, 2009), têm balizado os comportamentos dos indivíduos, porém na condição subjetiva e hipotética.

Em redes cada vez mais densas de interdependência, formas mais sutis e informais de comportamento demandam maior flexibilidade e sensibilidade para perceber as nuances nas formas de lidar uns com os outros e consigo mesmo. O aumento da auto-coação mutuamente esperada permitiu o desenvolvimento de que podemos chamar de ‘descontrole controlado’. (WOUTERS, 2009, p. 111).

Assim com essa nova postura flexível quanto às relações interpessoais mediadas pela internet, o que é certo e errado, cômodo e incomodo a si ou ao outro, passam a ser avaliados por dois princípios relacionados à empatia: “não faça aos outros, o que você não gostaria que fizessem consigo mesmo” e “trate os outros como espera ser tratado”.

Dessa forma, a dimensão de agrado e desagrado de um comportamento é balanceada conforme o julgamento que o indivíduo faz de sua atitude para si próprio, e a avaliação de como o outro irá interpretar tal atitude. O princípio da empatia está na “capacidade de se identificar com outra pessoa e compreendê-la emocionalmente” (AULETE, 2008, p.390), sendo assim, se o agente não vê problemas em seu comportamento e o aceita de modo tranquilo automaticamente conclui que o outro também o aceitará sem problemas ou constrangimentos.

As possibilidades de impessoalidade, anonimato, comunicação remota, perenidade e velocidade dão a impressão de que, o hoje encobre o que foi feito ontem, e isso alavancou na internet um crescente liberar de emoções antes reprimidas. A diversidade de interações entre diferentes pessoas também firmou a informalização do trato de uns com os outros e assim podemos observar a expressão de

Emoções antes reprimidas e negadas, especialmente aquelas relacionada(s) a sexo e violência, foram ‘descobertas’ como parte de um *habitus* emocional coletivo; nesse emancipar das emoções, muitas foram readmitidas tanto em nível da consciência como da discussão pública. (WOUTERS, 2009, p.111).

O resultado do afrouxar de limites é a exposição de tudo o que acontece no cotidiano do ser humano, ou seja, questões fisiológicas ganham espaço no ambiente virtual no formato de vídeos, textos, imagens e sons. Os relacionamentos entre indivíduos, amizade, ódio, sexo, violência, intolerância também são expostos. Atitudes que antes representavam vergonha e falta de civilidade, agora representam diversão, quebra de limites, superação e outros significados que beiram a barbárie da convivência humana.

1.3 Bastidores da vida social no palco da internet

O ambiente virtual tem sido cenário de contrariedade diante dos padrões de conduta, etiqueta e pudor ainda perpetuados de geração em geração. Para ilustrar listaremos de maneira breve algumas das manifestações encontradas na internet, especificamente no site de relacionamentos chamado Orkut, que por possibilitar o uso de diferentes ferramentas, e nos basta para exemplificar como o comportamento dos indivíduos muda do ambiente público real para o ambiente público virtual.

Cada perfil nos sites de relacionamentos pode ser comparado a um pequeno palco. Esse exercício até certo ponto teatral é, no entanto, apresentado a uma audiência invisível. ‘Como não estamos vendo nossos espectadores, somos incapazes de observar sua reação ao que estamos fazendo e, com isso, ficamos à vontade para nos expor mais do que seria prudente’. (WELLMAN apud SCHELP, 2009, p.100).

No Orkut pode-se criar um perfil, adicionar dados pessoais, inserir fotografias, organizar coletâneas de vídeos, adicionar amigos antigos e conhecer novos, enviar recados, obter informações através dos dispositivos de busca, participar e criar fóruns e comunidades, participar de bate-papo e etc.

Nosso interesse no Orkut vincula-se aos conteúdos expostos nas comunidades e nos álbuns de fotografias dos usuários. Essas comunidades surgem da criatividade das manifestações espontâneas dos usuários, sendo assim um bom espelho da realidade comportamental da qual nos propomos a observar e refletir. Além das comunidades, o Orkut possibilita ao usuário a organização de um álbum de fotos, o exagero da exposição cotidiana é tema do site “Pérolas do Orkut” (www.perolasdoorkut.com.br), organizadas em categorias as fotos compõe uma coletânea que vai desde as fotos mais criativas até as fotos que trazem para o centro da cena social comportamentos anteriormente reservados apenas para a intimidade privada.

Desta forma, os exemplos a seguir foram conseguidos a partir de buscas no próprio Orkut sobre as comunidades brasileiras. De maneira objetiva usamos algumas palavras chaves de temáticas abordadas por Elias (1994) em seus estudos sobre os manuais de etiqueta de Erasmo. Desse modo as palavras utilizadas para as buscas foram: escarro/catarro, defecar/coco, urinar/xixi. Já as demais imagens foram buscadas no site “Pérolas do Orkut”, nas seguintes categorias:

- **Ooops, pequeno descuido:** Pessoas que tiram fotos, mas esquecem de conferir a foto antes de mandar para o Orkut;
- **Fotos que não precisavam estar no Orkut:** Algumas pessoas colocam fotos que pelo bom senso não deveriam estar no Orkut;



Figura 3: Comunidades do Orkut, sobre catarro. Fonte: <http://www.orkut.com.br/Main#UniversalSearch?origin=box&q=catarro&searchFor=A&pno=2>.



Figura 4: Comunidades do Orkut, sobre o ato de defecar. Fonte: <<http://www.orkut.com.br/Main#UniversalSearch?origin=box&q=defecar&searchFor=A&pno=2>>.



Figura 5: Comunidades do Orkut, sobre o ato de urinar. Fonte: <<http://www.orkut.com.br/Main#UniversalSearch?origin=box&q=xixi>>.



Figura 6: Pérolas do Orkut: Oops, pequeno descuido. Fonte: <http://perolasdoorkut.com.br/categorias_fotos.php?categoria=18>.



Figura 7: Pérolas do Orkut: Fotos que não precisavam estar no Orkut. Fonte: <http://perolasdoorkut.com.br/categorias_fotos.php?categoria=15>.

Vergonha alheia, nojo, hostilidade, vulgaridade, banalização do respeito a si próprio e ao outro, incomodo, constrangimentos, diversão, ridicularização, prazer fazem parte do discurso, de quem comenta sobre essas e outras fotos no site “Pérolas do Orkut”.

Esses e outros sentimentos e expressões misturados nos diferentes espaços da internet, compõem um cenário de escape dos seres humanos, lá no anonimato, na vivência de uma personagem, os indivíduos testam e experimentam comportamentos e sentimentos que na vida real muitas vezes são vistos como tabus, ou seja, ações e reações negadas por determinadas sociedades por serem contra seus valores, são deixadas de lado sem que haja discussão ou reflexão, simplesmente repudiadas e representadas como algo ruim, ilegal e profano.

Emoções extremadas que expõe a si e ao outro, tais como a violência, o desejo, o ódio, o amor autorregulados na vida real, ganham espaço de exteriorização na internet. Ver ou disponibilizar conteúdos com esse teor representa então o escape do que não pode ser feito na realidade, por representar uma repressão imediata no meio de convívio.

Nestes exemplos do Orkut, rituais vinculados à sexualidade e à higiene, saem do protagonismo social para o centro de discussões e acessos na rede, divulgar ou acessar estes e outros conteúdos, pode vir a representar lazer, diversão, deboche, exaltação de superioridade, inferioridade ou igualdade entre indivíduos e situações. Assim o que é na vida real restrito a grupos, faixa etária e espaços ganha visibilidade na internet, por mais que nos espaços reais onde ocorrem tais situações e manifestações seja entendido como privativo.

Além do conteúdo aqui apresentado, é possível encontrar de maneira fácil, em outros sites, arquivos de texto, áudio e vídeo, que registram tantas outras atividades do cotidiano humano, tais como sites mórbidos e com conteúdos violentos, que comumente vetados em mídias como TV, jornal e revistas, são facilmente publicados e acessados na rede.

Em sites assim o que impera o acesso ou não é a curiosidade e maneira como se relaciona com a apresentação do conteúdo. Como, por exemplo, o site “Assustador” (www.assustador.com.br), que apresenta em sua página abertura a seguinte advertência:

É recomendável que apenas maiores de 18 anos, visualizem o conteúdo deste site. Pessoas com problemas de coração e/ou que não suportam emoções fortes, também não recomenda-se a visualização. O Conteúdo deste site é considerado de Terror e Realidade Marcante, portanto não nos responsabilizamos pelo que vier acontecer com pessoas que passaram desta página. A maioria do conteúdo deste site foi retirado da Internet, por isso, não nos responsabilizamos e nem temos direitos autorais sobre as imagens e textos. Caso algum conteúdo seja de sua autoria, favor nos contatar, para que possamos remover ou colocar os devidos direitos autorais. **Se após ter lido nosso aviso ainda quiser entrar, clique na imagem acima.** (ASSUSTADOR, 2011, grifos do autor).

Advertências assim, por vezes são interpretadas como blefe, como desafios a si mesmo ou entre amigos, quem tem coragem de clicar e ir para a página seguinte?

Advertência do site Cabuloso (www.cabuloso.xpg.com.br):

Antes de ver as fotos e vídeos, leia com atenção. Seja bem-vindo ao Cabuloso.com! Esperamos que nosso conteúdo sirva como lição de vida: tome muito cuidado no trânsito! Aqui no Cabuloso.com mostramos exemplos de fatalidades que aconteceram em "pegas" e distrações nas ruas. Também mostramos exemplos de outros acidentes. Em relação aos acidentes registrados, a divulgação das imagens está baseada na Lei 9.503/97 (Código Nacional de Trânsito), artigos 6º, I e 14, IV, servindo como campanha de educação para o trânsito. É proibida a cópia ou a divulgação abusiva das fotos existentes no site, estando o infrator sujeito às sanções da lei. Ainda que o impacto dessas cenas possam produzir efeito educativo e até preventivo, recomendamos com insistência que crianças e pessoas impressionáveis não vejam o conteúdo. **SITE PROIBIDO PARA MENORES DE 18 ANOS.** (CABULOSO, 2011, grifos do autor).

O incomodo, os níveis de constrangimentos e a vergonha alheia, ao se deparar com esse tipo de conteúdo, além da preocupação com o reforço educacional que esses conteúdos podem representar, demandou que os próprios usuários se organizassem na busca de um bom-senso sobre os comportamentos na rede. Por consequência de interações bem e mal sucedidas, encontramos em comunidades do Orkut, blogs, listas de

discussões, fóruns e revistas a organização de tópicos, passo a passo, dicas e listas sobre como se portar no ambiente virtual de modo a figurar boa educação, evitando equívocos e excessos.

Esses materiais foram encontrados por consequência de nossas buscas pelos guias e cartilhas sobre internet. Os conteúdos abordados direcionam-se a dicas de boa comunicação e interação, dicas de inserções virtuais para quem quer adquirir *status* no ambiente virtual e, há ainda os que trazem listas híbridas com regras de comportamento e prevenção contra exposição a riscos como roubo de dados, vírus e etc. Porém conforme nossos objetivos nesse capítulo, iremos apenas apresentar as inserções que propõem mudanças comportamentais na rede, conteúdos relacionados às temáticas apresentadas no capítulo por meio das cartilhas foram descartados.

De maneira geral todas as abordagens ditas como sendo netiqueta preocupam-se com o fenômeno da comunicação/interação entre os indivíduos. Assim diante do que é observado e praticado na internet propomos aqui, o exercício de conhecer por que tipo de valores algumas pessoas têm aclamado na rede.

O que chamamos de Netiqueta nada mais é que o conjunto de normas de conduta usadas no cotidiano para conduzir melhor as relações humanas na Internet, tendo em vista o respeito aos direitos e aos deveres de cada um com suas diferenças. Não confunda Netiqueta com aquelas regras de boas maneiras para ser mais chique ou esnobe. (SAFERNET BRASIL, 2010).

A SaferNet Brasil, listou como bom comportamento na internet as seguintes atitudes e cuidados:

- Cumprimente as pessoas com as quais vai conversar. Nunca é demais um Bom dia;
- Utilize poucos *emoticons*, tanto em salas de bate-papo quanto nos e-mails. Eles são úteis para expressar emoções e dar uma idéia de expressão facial e tom de voz; entretanto, podem poluir e dificultar a comunicação;
- Evite utilizar letras maiúsculas para expressar sentimentos, conversar ou passar e-mails: letras maiúsculas no ambiente virtual significam falar alto ou gritar com o correspondente e isso pode ser mal interpretado;
- Evite gírias pesadas e palavrões;

- Evite mensagem pública e recados: se você precisa se dirigir à determinada pessoa, faça isso diretamente na conta de e-mail pessoal dela;
- Não deixe ninguém esperando por resposta em chats. É sempre legal ser educado e atencioso;
- Se quiser interromper a conversa, avise e se despeça antes de desligar;
- Não envie aquilo que você não gostaria de receber;
- Sempre informe o assunto da mensagem de forma clara e específica, no caso dos e-mails;
- Faça a verificação gramatical e ortográfica de seu texto. É desagradável receber mensagens cheias de erros ou sem pontuação correta;
- Não envie mensagens com exagero de caracteres de deslocamento de texto, no lado esquerdo (>). Isto torna a leitura difícil, e cada vez que um usuário re-envia ou responde um e-mail, o texto vai sendo deslocado, provocando um acúmulo de caracteres simbolizados por ">".
- Evite enviar arquivos grandes sem prévio conhecimento do correspondente. Isso pode levá-lo a exceder o espaço disponível da conta, dificultando o recebimento de outros e-mails;
- Quando criar um blog ou um site, preze pela acessibilidade de todos usuários da Internet. Existem recursos que, quando implementados, proporcionam a navegação para mais internautas, promovendo a inclusão digital. (SAFERNET BRASIL, 2010).

Já o “Guia de Postura em Redes Sociais”, do I.Start em parceria com o Movimento Criança Segura na Internet, propõe um material com “dicas para se construir uma boa reputação na internet”. (I.START, 2011).

- Manifeste seu pensamento de forma responsável, respeitosa e educada;
- Navegue com uma atitude ética, evitando publicar conteúdos ofensivos, difamatórios ou que ridicularizem outras pessoas;
- Sempre verifique a veracidade das informações antes de transmiti-las para evitar disseminar boatos e conteúdos falsos ou mentirosos;
- Escolha bem as comunidades de que irá participar e evite aquelas que possam prejudicar sua imagem e reputação agora e no futuro;
- Assuma tudo o que fizer, pois o anonimato é proibido no Brasil. Liberdade requer responsabilidade!;
- Se houver algum incidente ou alguém se sentir prejudicado e reclamar a você, a melhor coisa a fazer é pedir desculpas e retirar do ar o conteúdo em questão;
- A reputação de cada um é constituída diariamente! Os modismos passam, mas o conteúdo fica e se perpetua. Por

isso, preserve sua imagem digital de HOJE e de AMANHÃ. Seu futuro, sua carreira e sua família estão vendo você na Web.

- Use as redes sócias em seu favor e de modo construtivo. Inspire-se nesses princípios de boa postura digital e inspire outras pessoas por meio de seu exemplo. (I.START, 2011).

No “Guia da paquera virtual” a leitora da revista “todateen”, de setembro de 2008, encontra dicas de comportamentos de como se tornar interessante para seu paquera.

- Não escreverás errado;
- Criarás um blog ou fotolog com sacadas inteligentes;
- Abusarás da criatividade nas fotos do Orkut;
- Não espalharás fofoca alheia;
- Fugirás de comunidades queima-filme;
- Não encheras seu “alvo” de tiros repetidos;
- Não abusarás do “ausente” no MSN.

(TODATEEN, 2008, p.09).

As tentativas de se estabelecer um padrão de comportamento considerado básico para as interações na internet partem do individual até se firmarem em um coletivo de usuários, que se expressam em fóruns, comunidades e listas de discussões.

Na busca por tornar a internet um ambiente mais agradável e de trânsito, entre sites, mais tranquilo, sem a preocupação de se deparar com conteúdos pornográficos, violentos, mórbidos, desrespeitosos de modo geral, os adeptos da netiqueta usam de chamariz para novos adeptos atributos comportamentais tais “como se tornar interessante” e “como construir uma boa reputação”.

Porém, ainda assim, nos esbarramos com conteúdos e atitudes que nos provam que o modo de interpretação das pessoas sobre o espaço virtual é bem diferente de como estas lidam com sua realidade fora dele. Assim sendo, podemos aplicar o conceito de “descontrole controlado” de Wouters na atualidade da seguinte maneira: o descontrole dos impulsos tem um espaço para ser expresso, na internet, o controle por sua vez é destinar momentos e locais precisos para esse expressar, que muitas vezes conta com o anonimato e platéia desconhecida.

1.4 Incompatibilidade comportamental

A criança cresce convivendo com diferentes pessoas e ambientes. Vivência experiências em diferentes instituições e assim aprende valores, princípios e comportamentos previamente estabelecidos como importantes ao seu convívio com outras pessoas, durante a infância, a juventude e quando adulta.

Os próprios espaços frequentados, com suas diferenças de um local para o outro, seus significados e finalidades, possuem sua representatividade entre os limites e possibilidades comportamentais, idas à igreja, praças, escola, feiras, visitas às casas de conhecidos e desconhecidos representam momentos de adequação comportamental.

Tais espaços de educação são fortemente regulados pelo controle do adulto, no sentido de garantir às gerações posteriores o aprendizado que lhes permita a inserção e civilização dentro do seu grupo social. (SARAT, 2009 p.107).

Essa aprendizagem é um processo que ocorre diariamente, conforme a ampliação do círculo de convivência da criança. Geralmente essas aprendizagens surgem de situações pelas quais a criança se depara, pode ser a partir da orientação de exemplos observados em outras crianças ou ainda a partir de sua própria atitude, seja ela errada ou correta.

Com punições e premiações, os adultos dos diferentes espaços socializadores vinculam as aprendizagens comportamentais a partir da tolerância à: vergonha, exclusão, exposição ao ridículo e à violência. Para além dessa mediação adulta a criança aprende também com seus pares: testa os limites, as reações e as consequências de suas atitudes, tanto para si mesma como para o outro. Porém geralmente os constructos comportamentais são reforçados a partir de ação/reação/consequência e em grande parte estão vinculados muito mais a experiências negativas a positivas para quem é corrigido.

O trânsito e vivências em instituições como a família, a igreja e a escola, compõe uma gama de preceitos de etiqueta e normas fundamentais para as relações em sociedade, que será perpetuada às outras gerações.

Em qualquer época da sociedade, o bom senso coletivo leva alguns anos para ser construído. Mais precisamente, cerca de três gerações. A grande maioria das pessoas possui como conjunto de valores e práticas o que aprenderam com a geração da Revolução Industrial. (PINHEIRO; SLEIMAN, 2009, p. 2).

Desse modo dividimos os impulsos corporais e emocionais entre o espaço público e privado. Quando as relações sócio-culturais não eram divididas entre real e virtual, as aprendizagens sobre postura e etiqueta circundavam entre valores tais como:

- Não deixar a porta aberta. Por uma questão de segurança, uma das primeiras coisas que ouvimos tem relação com a proteção física das pessoas e dos ambientes;
- Não devemos falar com estranhos na rua, nem passar informações a um desconhecido ou suposto conhecido;
- Uma pessoa pode ser julgada pelas suas más companhias, ou melhor “diga-me com andas que te direi quem és”;
- Preocupação com a apropriação do que é alheio, com a própria propriedade privada. Neste sentido ouvimos, ‘não pegue o que não é seu’. (PINHEIRO; SLEIMAN, 2009, p.03).

A teoria dos processos civilizadores de Elias encaminha-se sobre a lógica de que a organização e padronização de certos princípios comportamentais constituem-se em conformidade com as mudanças sociais e a necessidade de regular as interações entre os indivíduos a partir de avanços e/ou retrocessos econômicos, educacionais, tecnológicos, habitacionais, trabalhistas e entre outros fenômenos que estes estejam expostos.

Na atualidade não frequentamos apenas ambientes de encontros presenciais dos quais já sabemos ou supomos quais são os comportamentos adequados. Além das relações estabelecidas pessoalmente mediamos, sejam por questões de trabalho, estudo ou lazer, relacionamentos em ambientes virtuais de longo e curto prazo.

Estas relações caracterizam-se pela multiplicidade de espaços, pessoas e culturas que se misturam e possibilitam flexibilizações comportamentais entre os indivíduos e seus diferentes valores comportamentais originários de suas sociedades. A partir dessa característica de mobilidades na rede, o que observamos é um constante afrouxar de limites, para testar o diferente.

Frente a essa realidade, existem várias tentativas de tornar o espaço virtual um ambiente balizado por bons costumes, mantendo a ordem e respeito entre os internautas. A busca por este equilíbrio caracteriza-se então, por tentativas de adequação as normas comportamentais do real para o ambiente virtual:

- ‘Não deixe seu computador aberto: máquina ligada é como porta aberta. No mínimo tem que bloquear o teclado, mas sempre que possível, desligar também’;
- ‘Cuidado ao falar com estranhos em chats, blogs comunidades: as pessoas podem não ser o que aparentam’;
- ‘Não pegue carona em qualquer comunidade, pois se a mesma for investigada por alguma conduta indevida ou até mesmo prática de crime, todos os participantes podem ser envolvidos’;
- ‘Não copie e cole o conteúdo alheio, dizendo que é seu, pois isso é plágio, podendo, em alguns casos ser de furto de dados a concorrência desleal’. (PINHEIRO; SLEIMAN, 2009, p.03-04).

Porém, diante das peculiaridades de atividades, conteúdos, acessos e formas de relacionamentos por meio da internet, essas e outras normas tornam-se obsoletas e incompletas para o ambiente virtual. Pois “o avanço da tecnização reduziu as distâncias, mas o desenvolvimento do habitus humano não segue o mesmo ritmo”. (ELIAS, 2006, p.61).

[...] é possível observar que, de fato, um surto de tecnização vem geralmente acompanhado de um surto de civilização. Contudo, frequentemente também, um estágio de tecnização recém-alcançado conjuga-se a um contra-surto, em direção à descivilização. (ELIAS, 2006, p. 47).

O que gera o desagrado no real, ganha força e cumplicidade no virtual, manifestações de ódio, racismo, xenofobia, homofobia, violência, pornografia, roubo, fraudes transitam quase que livremente em comunidades, fóruns e sites. Nessas condições de válvula de escape, os princípios e valores da nossa geração bem como as consequências para quem não os pratica na internet, não são o suficiente para condicionar certos comportamentos. Assim estes aspectos indicam que ainda estamos socialmente, em um momento de assimilação da realidade.

Por conta dessa disparidade trazida por modificações tecnológicas que interferem diretamente nas construções das relações sócio-culturais dos

indivíduos, vemos hoje um crescente conflito entre o que estes fazem no mundo real e no mundo virtual.

Com as evidências comportamentais, observadas na própria internet, periódicos e pesquisas, podemos dizer que os comportamentos estão divididos da seguinte maneira: na vida real esboçamos apenas emoções e ações cabíveis a vivência pública, já emoções e ações tidas como pertencentes à esfera privada vemos ser exposta na esfera pública virtual da internet. Assim parte das manifestações emocionais e comportamentais do ser humano habita dois ambientes públicos, nessa nova configuração o que está nas normas fica na vida real e o que serve como válvula de escape da vida real é transposto para a vida virtual. O que é da esfera pública e deve estar longe de aparecer na cena social, ganha noções de distância nas páginas da internet ao se desconectar sendo um indivíduo e re-conectar sendo outro totalmente diferente.

Estar online é estar acessível, muitas vezes, a todo tipo de pessoa e conteúdos, por isso nem sempre o bom comportamento de quem acessa é o suficiente para mantê-lo livre de condicionantes que o envolvam em algum tipo de risco, dano ou exposição, para além de limites comportamentais é necessário ter conhecimento sobre as características de indicadores de dano a si próprio ou ao outro, é preciso estar consciente de que as facilidades de se transitar na internet possibilitam que diferentes pessoas em diferentes condições e condutas transitem pela rede.

Nesse sentido podemos considerar a possibilidade de interagirmos com pessoas de boas ou más intenções estando ou não sob efeito de medicamentos, drogas, doenças, álcool e etc. Variáveis de estado emocional e físico do indivíduos no momento de acesso à internet, influenciam como irão interagir com demais conteúdos e pessoas, pois comprometem seu discernimento entre o que é certo e errado.

1.5 Espaços civilizadores: família, igreja, escola e mídia

O controle dos impulsos do adulto é reflexo de uma educação comportamental estruturada em diferentes ambientes de interação como já pontuamos no item anterior. Tendo conhecimento sobre esse processo civilizador, que tem como alvo principal as fases da infância e da juventude dos indivíduos, resta-nos pensar como ficam as organizações comportamentais da atualidade nas instituições: família, igreja, escola.

Está claro que há uma mudança estrutural das relações entre as pessoas e as sociedades, e que essa mudança tem gerado um desequilíbrio, que no caso das relações por meio da internet, tem submetido os internautas a situações de constrangimentos sociais, além é claro de marcar um acesso à rede mundial de computadores restrito a apenas duas ou três funções (comunicar, pesquisar, se informar).

A partir desse pensamento, cabe agora comparar como eram organizadas aprendizagens relacionadas a essas três instituições socializadoras, como elas têm se configurado hoje, e quais suas perspectivas de colaboração para se pensar uma educação dos impulsos emocionais na atualidade. Ou seja, pensar quais possibilidades de colaboração que cada instituição socializadora tem firmado nos constructos comportamentais para a realidade das interações sócio-culturais por meio da internet.

Além disso, há que se considerar nesse contexto atual a interferência educacional de uma quarta instituição, a mídia, sobretudo televisão e internet. Assim caracterizaremos, de maneira breve, as instituições formadoras seus modos de reforçar a importância e prática de comportamentos vinculados a etiqueta, decoro discrição, e suas possibilidades de colaboração para balizar a postura dessa nova geração da era digital.

A sociedade de corte absolutista foi o lócus social onde mais se desenvolveu o controle dos impulsos e das paixões pelos indivíduos, e de onde segundo Elias, herdamos boa parte dos nossos costumes e padrões de comportamento que chamamos de civilizados ou cortesões. (BRANDÃO, 2009, p.75).

Primeiramente a transmissão de valores comportamentais que distinguíssem sobre trato social, assuntos e ações pertencentes apenas a esfera privada, ficaram sob a responsabilidade da **igreja**. Assim a igreja conduzia a educação comportamental das crianças da seguinte maneira: na intenção de cultivar os sentimentos de vergonha como balizadores dos comportamentos seja em companhia de outras pessoas seja sozinho, a onipresença dos anjos oprimia o que os adultos não podiam acompanhar no cotidiano infantil.

A pessoa bem educada sempre deve evitar expor, sem necessidade, as partes às quais a natureza atribuiu pudor. Se a necessidade a compele, isto deve ser feito com decência e reserva, mesmo que ninguém mais esteja presente. Isto porque os anjos estão sempre presentes e nada mais lhes agrada em um menino do que o pudor, o companheiro e guardião da decência. (ERASMO, 1530 apud. ELIAS, 1994b).

A “[...] crença na onipresença punitiva ou premiadora de Deus teve em si um efeito ‘civilizador’ ou de controle de emoções”. (ELIAS, 1994b, p.198). Pelo vínculo ao medo e falta de estabilidade de sobrevivência os indivíduos adotavam determinados comportamentos em detrimento da busca por melhores condições de vida, assim a busca por uma adequação social gerou aos poucos um convívio pacífico entre as pessoas e a adoção por bons costumes foi tornando-se algo da prática cotidiana.

Posteriormente, com a ascensão da burguesia, o primeiro espaço de socialização da criança passa a ser demarcado pelas relações **familiares**. A boa educação torna-se referencial de *status* grupal, os comportamentos de um indivíduo não representavam apenas ele e sua educação, mas sim os valores trazidos de geração em geração do seu grupo familiar, remetendo diretamente a expressão “educação de berço”.

[...] a família nuclear só aos poucos se tornou, e de forma tão exclusiva, o único enclave legítimo da sexualidade e de todas as funções íntimas de homens e mulheres, assim também só em um estágio tardio ela se transformou no órgão principal para cultivar o controle socialmente exigido dos impulsos, e do comportamento dos jovens. (ELIAS, 1994b, p.187).

Desse modo, a criança primeiramente participa de inserções sociais no próprio círculo familiar, posteriormente ou em paralelo participa muitas

vezes de espaços como igrejas. Os níveis de agrado e desagrado são elaborados a partir dos valores aprendidos e perpetuados pelos pais, e a isso as flexibilizações comportamentais são sujeitas, pois caso a família tenha um nível de tolerância mais flexível a determinados comportamentos, tal qual será o da criança e depois quando for pai poderá mantê-lo ou modificá-lo a ponto de se caracterizar como totalmente reverso à educação que teve.

Conduta e palavras associadas pelos pais à vergonha e repugnância são muito cedo associadas da mesma maneira pelos filhos, através de manifestações de desagrado dos pais, por pressão mais ou menos suave. Desta maneira, o padrão social de vergonha e repugnância é gradualmente reproduzido no filho. (ELIAS, 1994b, p.188).

Porém as vivências da criança e do jovem não se limitam ao âmbito familiar a partir de uma certa idade a criança passa a frequentar a **escola**, e essa instituição passa a ser reconhecida como o segundo local de socialização, onde os níveis de conhecimentos e práticas de boa conduta estendem-se ao conhecimento mais profundo de leis, normas e distinção sobre o que deve permanecer na esfera privada e o que pode ser socializado publicamente. (SANTOS, 2009, p.156).

Na totalidade das formas de existência do ser humano, os grupos sociais criam, de geração em geração, formas de continuidade de transmissão de conhecimento, valores, regras, normas, procedimentos, com o intuito de garantir o convívio entre os homens e difundir a cultura de cada sociedade, o que ocorre por meio da educação. (BRITO; PURIFICAÇÃO, 2008, p.22).

A escola como mais um espaço de socialização conta que a criança chegue em seu ambiente com uma pré-socialização praticada em casa, cabendo a escola dar continuidade à esse processo com novas noções e práticas que tende a cada vez mais se ampliar em vivências.

Conforme ocorrem modificações sócio-históricas (políticas, econômicas e culturais), vemos o desencadeamento de processos de modificação, reestruturação e estagnação. Frente aos avanços tecnológicos principalmente avanços diretamente vinculados a comunicação, trouxeram para o cenário das relações sociais mais uma instituição integrante da construção identitária, econômica, política, cultural e educacional, a **mídia**.

[...] no mundo contemporâneo, o saber tem diferentes esferas de disseminação e até de sua produção. Embora seja a mais importante instituição para a socialização e atualização histórica e científica das novas gerações, a escola já não é mais, como fora no seu início, a única instituição de transmissão do conhecimento. (TOSCHI, 2010. p.10).

As instituições tradicionais como, a própria escola, a família e a igreja atualmente dividem seu espaço de ensinamentos com uma instituição, que se apresenta cada vez mais interessante com seus recursos multimídia. Essa composição cultural midiática e globalizada tem influenciado cada vez mais nos comportamentos e valores dos indivíduos. Neste sentido dividir o espaço educacional com outras esferas construtoras de conhecimentos e valores, por vezes mais atrativas, representa para essas instituições tradicionais a perda de um saber hierarquizado que pode ser negado, questionado e reorganizado.

Televisão e internet compõem então mais um cenário de aprendizagens e modificações comportamentais, sendo assim, pensando as mídias enquanto instituições socializadoras, possuem momentos de vivência à diversão, informação, lazer, pesquisa, humor.

Sabemos que por ser uma extensão da expressão da sociedade assim como possuem espaços para a construção de conhecimentos e comportamentos válidos às relações interpessoais, sabemos também que possui vez ou outra um descompromisso com todos esses valores. Um site e uma emissora preocupam-se com seus conteúdos, mas clicando ali ou apertando outro canal os conteúdos podem até desconstruir os anteriores.

Tanto internet quanto televisão organizam-se por políticas de audiência e nem sempre audiência e qualidade de programação e conteúdos caminham juntos. E por isso devemos pensar no espaço cada vez maior que essas mídias têm na rotina dos indivíduos, quais oportunidades de aprendizagens de socialização estão sendo firmadas.

Trazendo o papel dessas quatro mídias para a organização e perpetuação de constructos comportamentais da atualidade, é necessário

então pensar qual o papel de cada uma em colaborar para uma formação socializadora direcionada para a interatividade por meio da internet.

É vista a necessidade de uma educação voltada para a websociabilidade, ou seja, uma educação comportamental para que os indivíduos tenham consciência e responsabilidade sobre o que fazem na internet, uma educação que permita aprender a identificar e prevenir-se quanto aos riscos e faça conhecer os limites e potencialidades, sobretudo educacionais da internet.

O desafio não é simples, pois cada instituição traz uma tradição que é anacrônica as necessidade e configurações da atualidade. Em meio a família, escola, igreja e mídias a educação socializadora modifica-se conforme a instituição, frente aos fatos de riscos e constrangimentos vivenciados por indivíduos, percebemos que essas instituições tem possibilitado uma educação socializadora que contempla tão pouco as relações interpessoais presenciais.

Pensar cada instituição e seu papel para a websocialização hoje, é se deparar com as seguintes situações: a família não tem condições de dar conta dessa educação sozinha, já que por parte dos pais podemos elencar diferentes situações de interação entre esse conhecimento e a educação dos filhos. Na família há o desconhecimento sobre a funcionalidade do computador e da internet, e nem sempre são todas as famílias que têm condições de ter um computador com internet para acompanhar o acesso de seus filhos.

Quem da família conhece e sabe manipular computador e internet, raramente possui tempo disponível para pensar ou ensinar sobre riscos e potencialidades, porém quando faz inserções educativas em um determinado momento, não há um processo contínuo de aprendizagens e experiências.

A igreja ou os espaços de religiosidade, hoje já não possuem mais uma representatividade forte como antigamente, onde as pessoas eram tementes a Deus e acreditavam em sua intervenção sob o julgo de práticas profanas. Hoje as pessoas não limitam certos comportamentos por acreditarem estar na companhia de seus anjos ou demônios. Os espaços de

manifestações religiosas na atualidade, vinculam-se a práticas voltadas para contemplação espiritual, equilíbrio, meditação sobre as ocorrências rotineiras, além disso, esses espaços contam com determinados preceitos comportamentais aprendidos no âmbito familiar, assim seguindo o que foi ensinado no âmbito familiar dão continuidade apenas a uma educação voltada para a vivência em sociedade real e não virtual. Questões ligadas ao respeito religioso nas práticas diárias, raras são as vezes que funcionam como balizadores comportamentais.

A mídia possui sua parcela de influencia educacional tem compartilhado e disseminado valores, normas, conhecimentos, comportamentos e critérios identitários influentes nas socializações entre os indivíduos. “As mensagens veiculadas pela cultura das mídias se constituem de um conjunto de símbolos, mitos e imagens que dialogam com a vida cotidiana e a vida imaginária de todo nós”. (SETTON, 2010, p.108)

Recentemente temos observado o uso da televisão para conscientizações sobre os riscos da internet, em 2010 começou a ser veiculado nos intervalos comerciais das principais emissoras brasileiras, um vídeo da SaferNet Brasil com a seguinte abordagem “Na internet é assim. Você nunca sabe com quem está falando” em parceria com o Ministério Público. No começo de 2011 outro vídeo produzido pela SaferNet Brasil foi ao ar, desta vez com a temática “Identificar os criminosos na Internet não é simples”.

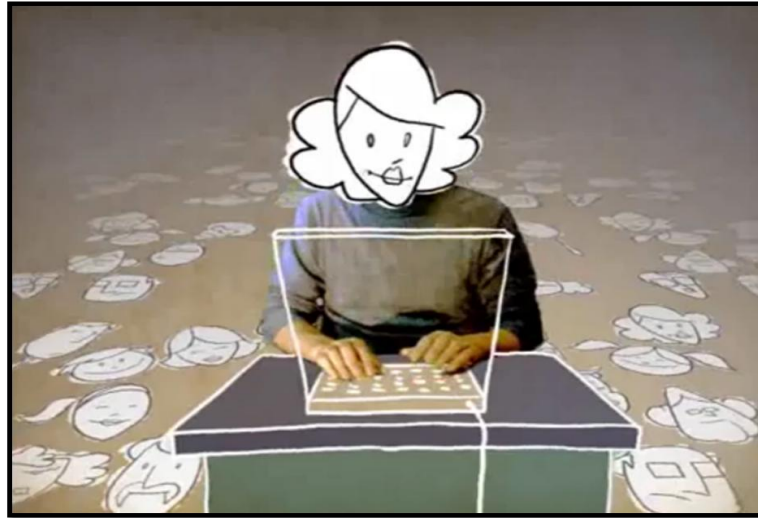


Figura 8: Imagem capturada (00:00:21') do vídeo "Na internet é assim. Você nunca sabe com quem está falando", Safernet Brasil, 2010. Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=3AJAKXwXW_s>.

"Todo cuidado é pouco na hora de enviar fotos, vídeos ou bater papo pela internet ... Na internet é assim. Você nunca sabe com quem está falando" (SAFERNET BRASIL, 2011).

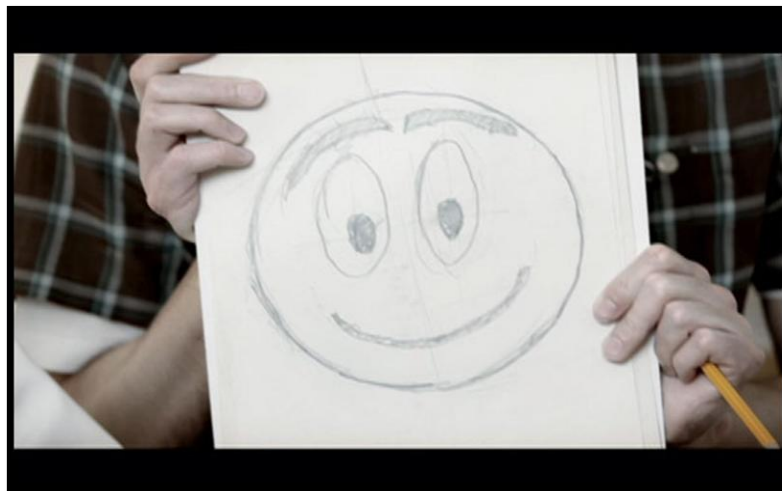


Figura 9: Imagem capturada (00:00:19) vídeo: "Identificar os criminosos na Internet não é simples", SaferNet Brasil, 2011. Fonte: <<http://www.google.com.br>>.

— Ele... ele tinha um sorriso irônico... O rosto era meio redondo. Dos olhos eu lembro bem... Ele tem um olhar forte. (garota depondo para elaboração de um retrato falado).

— Vamos buscar esse elemento! É esse o cara? (delegado)

— É! (garota confirma após ver desenho)

—Você tem certeza? (delegado)

"Identificar os criminosos da internet não é simples..." (SAFERNET BRASIL, 2011).

A emissora Globo também dedicou dois programas para abordar algumas práticas e fenômenos da internet, no seriado “A Grande Família” (apresentado nas quintas-feiras após a novela) Lineu, o patriarca da família, vivenciou dias de vício em internet, já o seriado “S.O.S Emergência” (exibido durante uma temporada aos domingos, após o Fantástico) abordou a temática *Sexting*, onde uma enfermeira tipicamente estereotipada tirava de si fotos sensuais e publicava na internet causando alvoroço no hospital. Além disso, a temática envolvendo os riscos e constrangimentos sociais causados pelo uso inconsciente e irresponsável da internet foram temáticas abordadas no Fantástico, Jornal Nacional e Jornal Hoje.

Seja em vídeos, programas humorísticos ou em telejornais, por mais que valoramos a importância de iniciativas como estas, ainda assim, essas informações e dicas comportamentais não são suficientes para que sejam assimiladas e praticas no cotidiano, tudo por que a adoção de determinados comportamentos vincula-se a um processo contínuo e repetitivo de firmar valores sociais, e relacionam-se principalmente em ação/reação/consequência e constante reforço entre o que é certo e errado.

Até o momento as análises feitas das instituições, família, igreja e mídia demarcam possibilidades de educação fragmentadas, inconstantes e breves. Informações que têm intenção de mudar um comportamento devem ser mais completas e contextualizadas, prevendo que fará parte de um processo que tem como característica a longa duração.

A escola por sua vez em suas práticas educacionais adere aprendizagens e internet, ainda que tenha suas limitações, justamente pela ausência de bons modos de seus alunos na rede, ainda é um espaço em potencial para direcionar aprendizagens para a websocialização.

O internet possibilita experiências positivas e negativas, devemos avaliar então que, a adoção de certos comportamentos e valores partem da interpretação do indivíduo frente a um dado conteúdo. Muitas vezes o desvelar de determinadas situações ocorrem a partir do conhecimento e entendimento

que possuímos. Por isso da importância de chamar o espaço escolar para mediar e orientar o acesso à internet, pois

[...] a leitura dos signos disseminados pela tecnologia da reprodução cultural se alicerça na leitura do mundo proporcionada pela educação (ZILBERMAN; SILVA, 1999 apud. MELO; TOSTA, 2008, p.80). Tanto maior o domínio dos códigos e mais oportunidade tem o cidadão para entender o mundo em que vive. Naturalmente a própria vida enseja mecanismos de apreensão do significado da cultura que nos rodeia. Mas é inegável que a sistematização do conhecimento proporcionado pela escola amplia as chances de participação na sociedade e do usufruto dos benefícios disponíveis. Quanto mais escolarização, mais opções de intervenção no cotidiano, e melhores expectativas de bem-estar. (MELO; TOSTA, 2008, p.80).

A escola não pode ficar alheia aos processos sócio-culturais, porém não deve estar sozinha ao abordar o que vivenciamos na internet. Estar alheia é ignorar novas formas de aprender e construir conhecimentos.

E como toda tecnologia, o computador e a Internet também podem ser usados de forma ética ou não, podem controlar ou emancipar, podem formar ou adequar, podem ensinar ou desvirtuar. Por tudo isso, e por muito mais, é que se considera que a escola não pode ignorar o que está se passando entre estas tecnologias e seus alunos. (TOSCHI, 2010. p.10).

Por mais que a escola divida seus espaços com outras maneiras de construir e disseminar aprendizagens, ainda sim é indiscutível a importância e abrangência que seus ensinamentos possuem para a sociedade e seus indivíduos. Nessa dinâmica escola e mídias, a relação com a internet deve ser pensada de modo a agregar valores e diferentes possibilidades de ter e construir o conhecimento. Pensando assim propomos uma formação contínua e institucionaliza referente ao uso consciente, responsável e seguro da internet, que a longo prazo possibilitará o uso mais racional das potencialidades educacionais e culturais da rede.

Buscamos assim, não o confronto entre essas quatro instituições, que hoje compõe os espaços de aprendizagens de crianças, jovens e adultos, mas sim a partir de suas características da atualidade educar em colaboração de modo que as quatro em parceria possibilitem a organização de um novo processo civilizador para a websocialização.

[...] as mídias revelam-se então como espaços educativos na medida em que são responsáveis pela produção de uma série de informações e valores que ajudam os indivíduos a organizar suas ideias [...] E, como a prática pedagógica, como ação docente, as mídias falam com alguém, exprimem uma ideia, um conteúdo, têm intenção de transmitir, divulgar conhecimentos, habilidades e competências. (SETTON, 2010, p.9).

A partir de leituras de documentos nacionais balizadores das práticas educativas, encontramos em alguns volumes dos Parâmetros Curriculares Nacionais, Ensino Fundamental e Médio, seções destinadas a inserção das mídias e tecnologias como ferramentas educacionais importantes para a construção de aprendizagens.

Nos PCN - Ensino Médio, Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, a temática sobre informática é abordada da seguinte forma: primeiramente são feitas considerações históricas sobre os avanços tecnológicos, a chegada e uso dos computadores na escola, as demandas profissionais do mercado e o ensino instrumentalizado dos alunos, pontuando críticas sobre o marketing das instituições, feito a partir da construção de laboratórios de informática. Na sequência são elencadas as “Competências e Habilidades a serem desenvolvidas em Informática”:

Representação e comunicação

- Construir, mediante experiências práticas, protótipos de sistemas automatizados em diferentes áreas, ligadas à realidade, utilizando-se para isso de conhecimentos interdisciplinares.
- Reconhecer a Informática como ferramenta para novas estratégias de aprendizagem, capaz de contribuir de forma significativa para o processo de construção do conhecimento, nas diversas áreas.

Investigação e compreensão

- Identificar os principais equipamentos de Informática, reconhecendo-os de acordo com suas características funções e modelos.
- Compreender as funções básicas dos principais produtos de automação da micro-informática, tais como sistemas operacionais, interfaces gráficas, editores de textos, planilhas de cálculos e aplicativos de apresentação.

Contextualização sócio-cultural

- Conhecer o conceito de rede, diferenciando as globais, como a Internet, que teriam a finalidade de incentivar a pesquisa e a investigação graças às formas digitais e possibilitar o conhecimento de outras realidades, experiências e culturas das locais ou corporativas, como as Intranets, que teriam a finalidade de agilizar ações ligadas a atividades profissionais, dando ênfase a trabalhos em equipe.
- Compreender conceitos computacionais, que facilitem a incorporação de ferramentas específicas nas atividades profissionais.
- Reconhecer o papel da Informática na organização da vida sócio-cultural e na compreensão da realidade, relacionamento e manuseio do computador a casos reais, seja no mundo do trabalho ou na vida privada. (BRASIL, 2000, p.63).

O que se observa é um despontar de possibilidades que enveredam para dois lados, aprendizagens e práticas institucionais relacionadas a conhecimentos técnicos e operacionais, que representam ações e conhecimentos usados como meios para se chegar a um segundo objetivo: as aprendizagens contextualizadas com o fenômeno da informática na sociedade.

Porém o constatado é que o discurso introduzido no item “Contextualização sócio-cultural”, temática central dos nossos estudos relacionados a internet, tem sua base de ensino e aprendizagem superficial, que não oportuniza para compreensões e interpretações sobre as novas configurações entre os indivíduos e a internet. A contemplação do fenômeno da internet nas suas características sócio-culturais resultaria, no corpo do documento, na organização de parâmetros relacionados a busca por potencializar o uso da internet para as aprendizagens não apenas relacionadas às pesquisas mas também na própria compreensão comportamental que sua inserção cotidiana tem trazido para os diferentes setores sociais.

Reconhecer a internet como parte integrante de transformações e mediações entre indivíduos, bem como os constructos de aprendizagem, seria prever no documento uma abordagem transversal, onde os acessos ao computador e à internet não se limitariam à realização de tarefas escolares, mas comporia também estudos relacionados a fenômenos de transformações: sociais, culturais, geográficas e econômicas engendrados a partir da internet.

Uma aprendizagem é considerada como transversal quando possui

[...] natureza diferente das áreas convencionais. Tratam de processos que estão sendo intensamente vividos pela sociedade, pelas comunidades, pelas famílias, pelos alunos e educadores em seu cotidiano [...] São questões urgentes que interrogam sobre a vida humana, sobre a realidade que está sendo construída e que demandam transformações macrosociais e também de atitudes pessoais, exigindo, portanto, ensino e aprendizagem de conteúdos relativos a essas duas dimensões. (BRASIL, 1998a, p.26).

Até a atualidade são reconhecidos como temas transversais: Ética, Trabalho e Consumo, Pluralidade Cultural, Meio Ambiente, Saúde e Orientação Sexual. Os temas transversais são escolhidos a partir de noções sobre: urgência social, abrangência nacional, possibilidade de ensino e aprendizagem no ensino fundamental, favorecimento a compreensão da realidade e a participação social.

Desses critérios apresentados no PCN – Apresentação dos Temas Transversais de 1998, elencamos dois que justificam a atualização do documento e inserção da temática websocialização nas aprendizagens e aplicações do cotidiano escolar:

Urgência social

Esse critério indica a preocupação de eleger como Temas Transversais questões graves, que se apresentam como obstáculos para a concretização da plenitude da cidadania, afrontando a dignidade das pessoas e deteriorando sua qualidade de vida.

Favorecer a compreensão da realidade e a participação social

A finalidade última dos Temas Transversais se expressa neste critério: que os alunos possam desenvolver a capacidade de posicionar-se diante das questões que interferem na vida coletiva, superar a indiferença e intervir de forma responsável. Assim os temas eleitos, em seu conjunto, devem possibilitar uma visão ampla e consistente da realidade brasileira e sua inserção no mundo, além de desenvolver um trabalho educativo que possibilite uma participação social dos alunos. (BRASIL, 1998a, p. 25-26).

Seguindo a lógica destes dois critérios, abordar conhecimentos e posturas quanto à websocialização, torna-se pertinente ao ambiente educacional, já que acessar a rede sem um conhecimento prévio sobre seus riscos e expondo-se a eles representa “obstáculos para a concretização da

plenitude da cidadania, afrontando a dignidade das pessoas e deteriorando sua qualidade de vida.” Além disso abordar aprendizagens do currículo agregando questões sócio-culturais e demais fenômenos da internet representa possibilitar aos alunos a “[...] capacidade de posicionar-se diante das questões que interferem na vida coletiva” e “[...] possibilitar uma visão ampla e consistente da realidade brasileira e sua inserção no mundo” potencializando o uso da rede para diferentes aprendizagens e interações.

O mundo vive um acelerado desenvolvimento, em que a tecnologia está presente direta ou indiretamente em atividades bastante comuns. A escola faz parte do mundo e para cumprir sua função de contribuir para a formação de indivíduos que possam exercer plenamente sua cidadania, participando dos processos de transformação e construção da realidade, deve estar aberta e incorporar novos hábitos, comportamentos, percepções e demandas. (BRASIL, 1998b, p.138).

A expansão da internet pelo Brasil iniciou em 2005, de lá para cá seu uso na escola ainda caracteriza-se apenas para comunicação, pesquisa e busca de informações. Os documentos consultados datam de 1998 e 2000, porém trazem em seus textos considerações que deixam claras as possibilidades de novas adequações curriculares frente a desafios e mudanças sociais, que interfiram direta ou indiretamente na construção educacional e cidadã de seus alunos.

CAPÍTULO II
ACESSOS E EXCESSOS NA INTERNET

Children can learn many things on the Internet.



iG Parental Control.
Make the Internet a safe place.



Figura 10: “As crianças podem aprender muitas coisas sobre a Internet.
IG Control Pais.Tornar a Internet um lugar seguro”.

Fonte: <http://roupanovaral.wordpress.com/2008/07/15/neogamabbh-torna-a-internet-mais-segura/>. Acesso em: 20 mar. 2011.

CAPÍTULO II

ACESSOS E EXCESSOS NA INTERNET

As interações por meio da internet proporcionam diferentes experiências que, de modo geral, podem ser caracterizadas de duas maneiras: a primeira refere-se a experiências vinculadas as potencialidades, entendidas aqui como o uso da internet de maneira a avançar em temas de educação, desenvolvimento humano, promoção da cidadania e bem-estar. Já a segunda experiência, refere-se aos riscos que os brasileiros se expõem durante o acesso à internet. Deste viés surgiram materiais e informações importantes, nesse sentido foram utilizados dados de periódicos em meio virtual, jornais e revistas (Giro Ibope, Revista Veja, Veja Onlie, Jornal Folha S. Paulo e etc.) de abrangência e importância nacional. As buscas consistiram em acessos aos portais desses periódicos nas seções sobre: “internet”, “informática” e “Tecnologia de Informação e Comunicação”.

Foram feitas ainda pesquisas no buscador Google com palavras-chave tais como “riscos da internet”, “fraudes na internet”, “roubos de dados”, “perigo das redes sociais” entre outros links que apareciam dos próprios resultados.

Além de dados sobre o que há de positivo e negativo na internet, apresentamos nesse capítulo iniciativas importantes e criativas originárias da percepção quanto a necessidade de se haver orientações para um “bom comportamento online”, destinados a pais, professores, crianças e adolescentes com a temática sobre o acesso responsável da internet. Na oportunidade trazemos ao conhecimento do leitor considerações referentes a esses materiais (guias, cartilhas e manuais) com orientações em formato digital para download (gratuito), encontradas em sites de busca (www.google.com.br e www.bing.com.br) com o uso do filtro “imagens” e a frase: “uso responsável da internet”.

2.1 Contextualização: a internet no Brasil

O acesso à internet no Brasil data de 1988, por meio de iniciativas de comunidades acadêmicas como a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e o Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC) do Rio de Janeiro. No ano de 1989, por iniciativa do Ministério de Ciências e Tecnologia, criou-se a Rede Nacional de Pesquisas (RNP), que teve por objetivo coordenar a disponibilização de serviços e acesso à internet, por meio de conexões fornecidas primeiramente às instituições acadêmicas, que colaborariam com a implantação da internet por todo o Brasil, a começar com a disponibilização do sinal para 11 capitais e estender posteriormente em pólos entre as regiões brasileiras.

Em 1994, no mês de dezembro, iniciou-se a exploração comercial da internet, a partir de um projeto-piloto, proposto pela Embratel, com o acesso à internet feito por linhas discadas. Já então no século XXI, compreendido como a era da informação, a era digital, a internet deixa de pertencer somente a institutos de pesquisa e instituições acadêmicas. A partir do ano de 2005, houve um intenso crescimento quanto ao acesso da população brasileira a computadores conectados à rede, a partir de então, começamos a assistir e a participar do fenômeno das atividades cotidianas mediadas pelo uso do computador com conexão à internet.

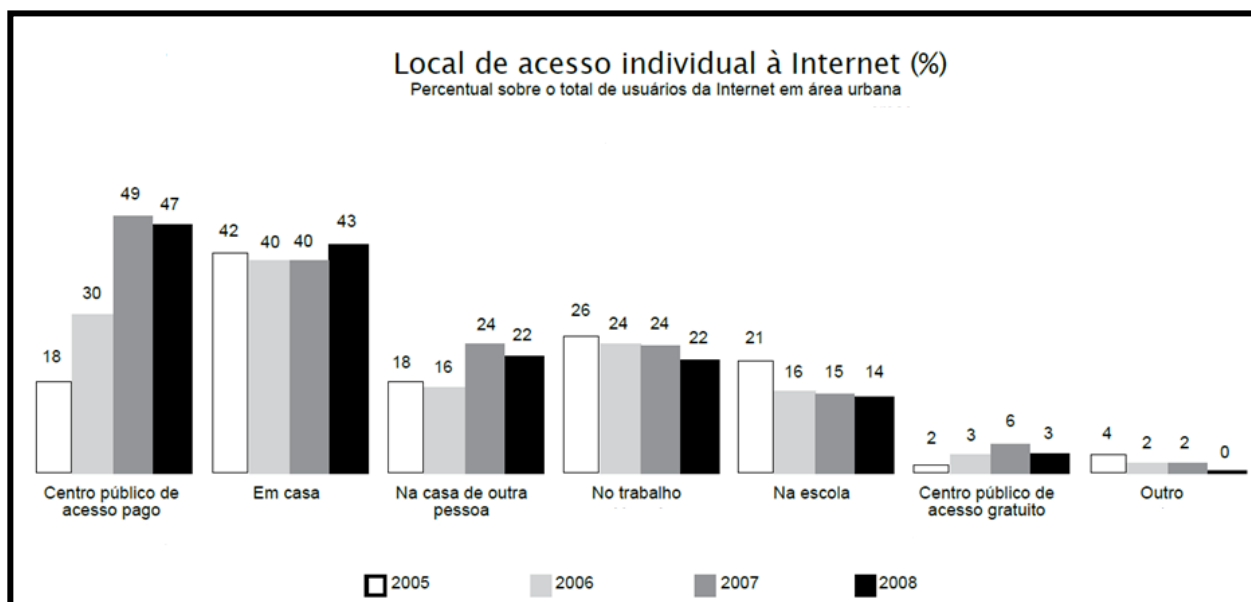
O campo de atuação do computador não se circunscreve apenas ao de um instrumento de trabalho; ele se metamorfoseia num aparelho que possibilita: a realização de encontros sociais e particulares, o processamento e a transmissão de dados, a elaboração de atividades de trabalho e de diversão, televisão e comunicação, concentração e dispersão, ser ignorado ou ser percebido, a ponto de todas essas potencialidades se tornarem indiscerníveis entre si. (ZUIN, 2008).

As possibilidades de se ter ou usar um computador e posteriormente por meio dele acessar a internet, bem como os usos a partir disso, reorientam o entendimento que o computador tinha até então. A partir da função e frequência de atividades desenvolvidas o computador com acesso a internet passa a representar um mecanismo que encurta distâncias, que mantêm ou

cria novos vínculos afetivos, que atualiza, comunica, que ensina e explica e etc. Assim observamos que é crescente o interesse em usá-lo nas mediações de atividades cotidianas. Segundo dados da PNAD/2008 divulgados pelo IBGE, no ano 2007 o quantitativo de residências com computador era de 26,5%; desses, 20% com conexão; e em 2008 a posse de computadores nas casas atingiu 31,2%, representando 17,95 milhões de domicílios, sendo que desses, 23,8 % conectavam-se à internet.

Podemos destacar que o aumento do acesso à internet vincula-se a abertura de centros públicos de acesso pago, como ilustrado no gráfico 1 a seguir.

Gráfico 1: Local de acesso individual à internet



Fonte: CETIC.BR, 2008.

Analisando o gráfico 1 verificamos que os centros públicos de acesso pago caracterizam-se como uma alternativa para quem não tem condições de comprar um computador (12.116 domicílios sem computador), ou ainda para quem o tem, porém sem conexão a rede (1.266 domicílios sem acesso à internet). (CETIC.BR, 2009). É interessante notar que, por mais que haja centros de acesso público gratuito à internet, o gráfico apresenta-nos que o maior percentual de acesso é feito nos centros públicos de acesso pago de 2005 a 2008, talvez esse acesso em maior percentual se dê ao fato de não

haver um controle rígido quanto ao tempo e finalidade de acesso, velocidade do serviço e etc. tal como ocorre no trabalho, na escola e em casa.

Desse modo os frequentadores de Lan Houses têm à disponibilidade computadores conectados à internet via banda larga com velocidade razoável e custo baixo, porém com tempo de acesso controlado em horas. Do público que frequenta as Lans, 49% são indivíduos de 10 a 15 anos e 46% têm idade de 16 a 24 anos. (NIC.BR,2008).

A expansão e adaptação da utilização do computador com acesso à internet para facilitar e/ou possibilitar a execução de determinadas atividades, muitas vezes impossibilitadas por distância entre outros fenômenos, está vez mais sendo valorizada, é o que percebemos ao analisarmos algumas iniciativas governamentais que barateiam o custo de computadores ou ainda vislumbram a expansão da banda larga no território brasileiro a partir da liberação de recursos arrecadados desde 2001, pelo Fundo de Universalização das Telecomunicações (FUST). (LULA, 2010).

Um exemplo de como aos poucos vamos adequando a possibilidades de serviços via internet refere-se ao reconhecimento por parte do próprio governo, que tem disponibilizado serviços online do próprio governo, como entrega da declaração do imposto de renda, requisição de título de eleitor e outros serviços públicos disponíveis na rede. (GINDRE, 2008).

O acesso à internet se dá também em diferentes ambientes e é resultado de iniciativas ligadas ao programa de “Inclusão Digital”, em que são previstos por parte do governo a construção de centros públicos de acesso gratuito, distribuição de computadores às instituições escolares, implantação na grade curricular da informática e redução do valor dos computadores para compra.

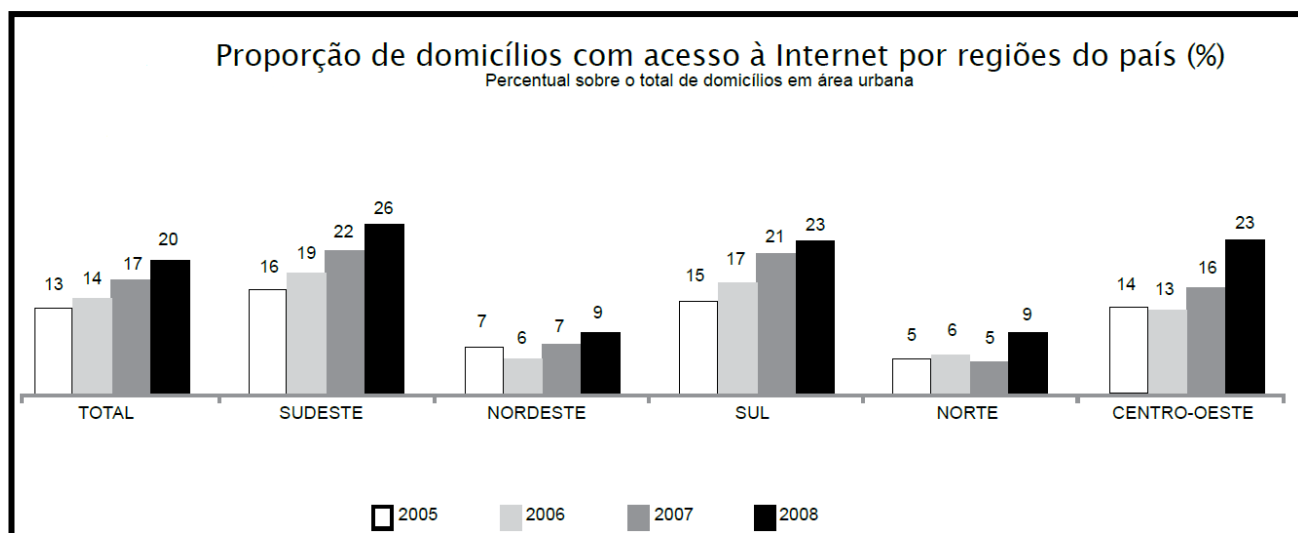
Há ainda, organizações não governamentais e movimentos sociais que se mobilizam pelo mundo, reivindicando o direito à comunicação e deixando claro que esse direito deve ser incluído na categoria de direito humano inalienável, ou seja, como parte daquilo que constitui nossa própria

humanidade, exigindo que a internet seja reconhecida como meio de comunicação e que seja oferecida gratuitamente pelos governos, afim de que a população tenha o direito de comunicar-se. (GETSCHKO, 2008).

Quanto ao acesso à internet chegamos às seguintes marcas: a PNAD 2005 contabilizou cerca de 32,1 milhões de pessoas acessavam a internet. Em 2008 o acesso, segundo o IBOPE/ NetRatings, chegou à marca de 41,5 milhões de internautas (IT WEB, 2010), essa marca cresceu no segundo trimestre de 2009, quando o IBOPE registra a existência de 64,8 milhões de pessoas com acesso à internet em qualquer ambiente.

Dessa maneira no decorrer de quatro anos, a internet deixa de ser compreendida como um serviço direcionado apenas a atividades e espaços de trabalho e estudo ausentes de residências e fora de utilização, se não, para as duas finalidades mencionadas. A inserção de computadores com acesso à internet nas residências pode ser visualizada também no gráfico 2 “Domicílios com acesso à internet por região do Brasil”.

Gráfico 2: Domicílios com acesso à internet por região do Brasil



Fonte: CETIC.BR,2008.

Com a democratização do acesso à internet, sem definições quanto a finalidade e tempo de navegação na rede, principalmente em centros de acesso público pago e em residências, as possibilidades de utilização e criação de diferentes serviços e hábitos aumentaram.

A inserção cada vez maior do uso da internet no cotidiano das pessoas é constatada na pesquisa do IBOPE Nielsen Online (2009), sobre o quantitativo de tempo que o brasileiro se dedica ao acesso à internet, grande parte desse acesso não se vincula apenas a atividades relacionadas ao trabalho ou ao estudo, sobre vinculam-se as mais variadas formas de entretenimento, como apresentada na tabela 2.

Quando consideradas as horas de navegação, chegou-se à marca de 44h59min e, quando incluídos ao tempo de navegação o acesso à aplicativos da rede, o tempo aumenta para 69h55min. por mês. Colocando o período de navegação do brasileiro em um ranking de mais nove países, o Brasil é o país onde, por pessoa, soma-se mais horas diante do computador navegando na rede, sendo a última colocada a Suíça com 32h27min.

Tabela 1: Tempo de navegação por pessoa, Acesso à internet no trabalho e em domicílio.

Tempo de navegação por pessoa, Acesso à internet no trabalho e em domicílio	
País	Tempo de uso total
Brasil	71h30min.
Estados Unidos	67h33min.
Reino Unido	59h56min.
França	58h19min.
Japão	66h55min.
Espanha	53h09min.
Alemanha	55h35min.
Itália	45h50min.
Austrália	42h15min.
Suíça	32h27min.

Fonte: IBOPE, Julho de 2009.

Das regiões brasileiras, 11% dos internautas da região Sul ficam plugados na internet mais de 31h por semana, quando o acesso dura 1h por dia as regiões equilibram-se: Sudeste 6%; Nordeste 7%; Sul 4% Norte 7% e Centro-Oeste 5%. Com os percentuais mais altos sobre acesso com duração de 1h a 5h por dia fica em primeiro lugar o Norte com 59%, na sequência, o Nordeste com 57%, e Sudeste com 55%. (NIC.BR, 2008).

Elencando dados relativos à faixa etária e maior percentual de acesso à internet em horas, vislumbra-se que os usuários de 10 a 15 anos somam-se em 64% acessando a rede de 1h a 5h por semana. Outro extremo de acesso e também de idade pertence aos internautas de 60 anos ou mais, que representam 59% dos acessos feitos de 1h a 5h por semana. Para o mesmo período de acesso, estão cerca de 53% de usuários com idade 16 a 24 anos, 54% de 35 a 44 anos e 47% de 45 a 59 anos. (NIC.BR, 2008).

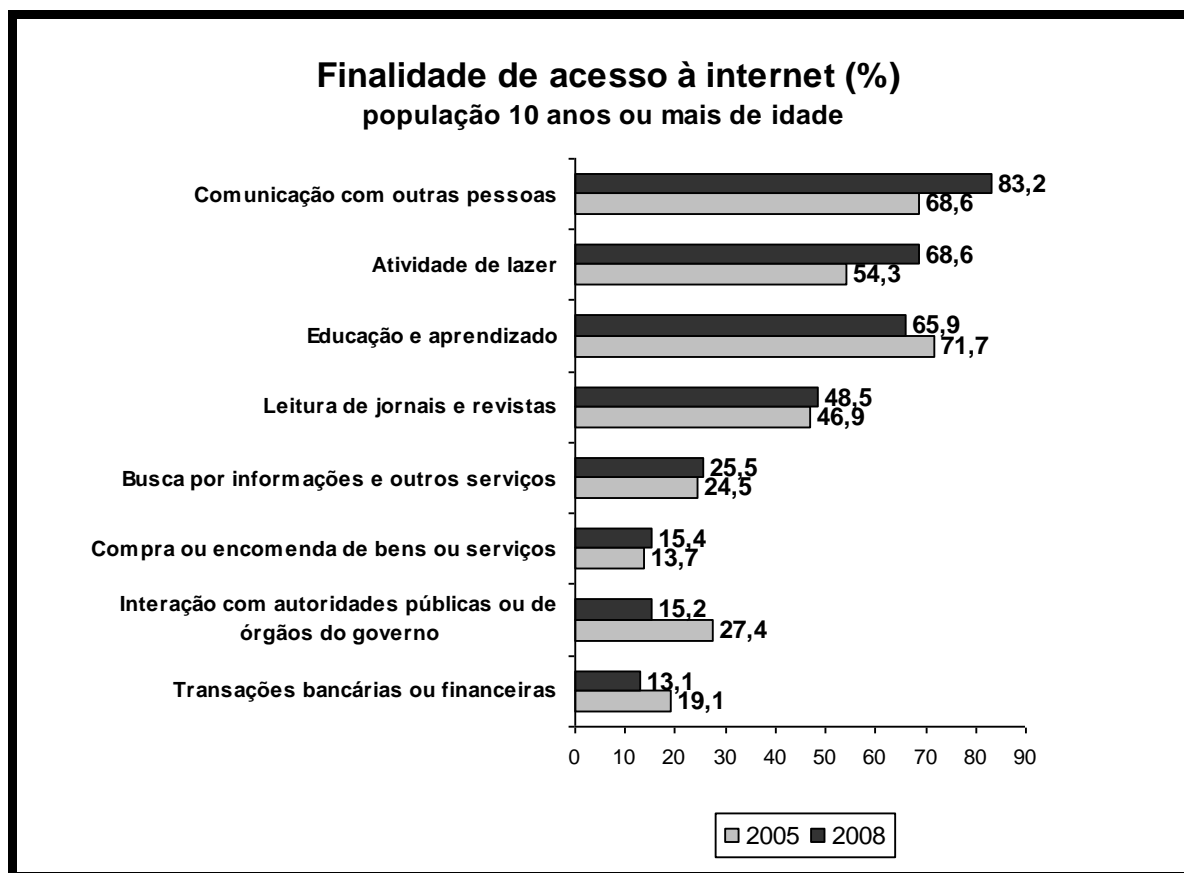
A maioria dos acessos à internet, 83,2% (IBGE, 2008), se justificam pela necessidade de comunicação entre as pessoas. As possibilidades da internet têm modificado nossas maneiras de comunicação, além da fala e da escrita outros recursos são utilizados para a interação e atualização com relação ao outro: usamos fotos, músicas e vídeos caseiros e os disponibilizamos em sites de relacionamentos, redes sociais ou em e-mails.

Tabela 2: Tempo de navegação por pessoa/mês: finalidade do acesso.

Tempo de navegação por pessoa: finalidade do acesso	
Ferramentas Digitais acessadas	Tempo de Acesso jun. 2009
Mensagens Instântaneas	07h15min.
Comunidades	04h17min.
E-mail	02h47min.
Jogos	02h29min.
Fabricantes de Softwares	01h33min.
Portais	01h29min.
Buscadores	01h11min.
Adulto	01h03min.
Ferramentas de Internet	00h58min.
Vídeos e Filmes	00h58min.

Fonte: IBOPE Nielsen Online.

Das preferências exibidas no gráfico 3, sobre as finalidades de acesso (PNAD, 2005/2008), aparece uma mudança quanto as finalidades de acesso do ano de 2005 para 2008. O acesso em 2005 era direcionado para fins educacionais e em 2008 o acesso foi direcionado para a comunicação entre as pessoas.

Gráfico 3: Finalidade de acesso à internet: população 10 anos ou mais de idade

Fonte: IBGE-PNAD 2005/2008.

Segundo Martins e Leal na matéria “Você já usou o Twitter?”, para a Revista Época de março de 2009, o fenômeno explosivo dos sites de relacionamentos traduzem-se em milhões de usuários, MSN (fundado em 1999) com 300 mil usuários, Facebook (fundado em 2004) com 175 mil participantes, MySpace com 130 mil usuários, Orkut (fundado em 2004) com 45 mil perfis, e o crescente Twitter (fundado em 2006) com 6 mil usuários.

Já Diogo Schelp, na reportagem para a Revista Veja de julho de 2009, com a reportagem de capa “Sozinhos.com?”, afirma que as redes sociais concentram 29 milhões de brasileiros por mês e que, para cada quatro minutos na rede, um é dedicado para visitar o perfil de algum amigo. (IBOPE Nielsen Online apud SCHELP, 2009).

Segundo o IBOPE Inteligência, a partir de uma pesquisa feita em janeiro de 2009, com 600 participantes de um evento de tecnologia em São

Paulo, destes, 90% dizem fazer uso da internet como consumidores, colaboradores ou ainda produtores de conteúdos, cerca de 87% dos entrevistados possuem perfil em algum site de relacionamento e, deste total, 17% atualizam o perfil pelo menos uma vez por dia.

Dos internautas que participam de sites de relacionamento (Orkut, Facebook, MySpace), 77% têm idade de 10 a 15 anos, faixa etária que não deveria compor o número de participantes, já que os sites são para maiores de 18 anos. Em seguida, 82% têm de 16 a 24 anos; 63% de 25 a 34 anos de idade, e 53% é o número de participantes de 35 a 59 anos. Há ainda 22% de perfis de internautas com 60 anos ou mais. (NIC.BR, 2008).

Outro percentual alto refere-se ao uso de serviços que possibilitam a comunicação por mensagens instantâneas. Sendo que no Brasil, os serviços de comunicação instantânea, são usados por 61% da população, um desses meios é o uso de portais de voz, ou vídeo conferências, totalizando 17%, mesmo percentual para quem faz a criação ou atualização de blogs ou páginas da internet.

A comunicação por e-mail é marcada por adultos, 83% são enviados por pessoas de 16 a 34 anos de idade, 73% das pessoas que fazem uso do correio eletrônico tem 60 anos ou mais, e pessoas entre 35 anos e 44 anos totalizam 79% de usuários desse serviço.

Sobre as atividades de entretenimento ou lazer desenvolvidas no ano de 2008, optamos pelos dados do CETIC.BR, trazendo os percentuais das finalidades referente ao Brasil, bem como a faixa etária em destaque de percentual maior que utilizam esses serviços disponíveis em rede.

Assim, ao que se refere ao acesso com a temática lazer elenca-se assistir a filmes ou vídeos, total 49% de acessos, sendo que essa atividade é da preferência de internautas de 16 a 24 anos; jogar jogos online, 44% da população e, desse total, 69% são pessoas de 10 a 15 anos; leitura de jornais e revistas praticada por pessoas de 60 anos ou mais, totalizando 59%, e com 58% o público de leitores entre 25 e 32 anos de idade.

Tabela 3: Atividades desenvolvidas na internet: Lazer

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NA INTERNET: LAZER												
Percentual (%)		Assistir a filmes ou vídeos	Ler jornais e revistas	Jogar jogos on-line	Ouvir rádio	Fazer o download de filmes, músicas ou softwares	Fazer o download de jogos	Assistir à televisão	Divulgar filmes ou vídeos	Fazer/atualizar blog ou fotoblog na Internet	Participar de ambiente de simulação ou realidade virtual	Outras atividades de lazer
TOTAL BRASIL		49	47	44	43	32	20	15	15	15	9	2
REGIÕES DO PAÍS	SUDESTE	47	43	45	41	31	22	13	15	13	10	2
	NORDESTE	45	49	47	48	28	21	14	13	16	10	2
	SUL	59	54	41	43	43	19	24	20	18	8	2
	NORTE	43	52	39	43	25	14	15	8	16	10	1
	CENTRO-OESTE	51	48	38	42	33	16	13	10	12	3	2
FAIXA ETÁRIA	De 10 a 15 anos	49	24	69	38	23	23	12	12	11	9	1
	De 16 a 24 anos	59	49	46	50	39	24	18	19	18	12	2
	De 25 a 34 anos	45	58	33	42	35	18	15	14	15	7	2
	De 35 a 44 anos	38	52	29	36	26	16	13	11	14	7	2
	De 45 a 59 anos	34	53	24	36	25	10	15	8	10	8	2
	De 60 anos ou mais	24	59	18	20	12	11	15	7	2	2	5

Fonte: NIC.BR-set/Nov. 2008.

Dos recursos disponíveis, o rádio em tempo real soma 43% das audições da população, e desse total 50% são da faixa etária entre os 16 e 24 anos, ouvir rádio pela internet é ter a possibilidade de escutar estações de outras regiões do país e não somente a local. Em tempo real também é possível assistir à televisão, atividade praticada por 18% das pessoas entre 16 e 24 anos de idade, sendo possível ter acesso de maneira gratuita (e ilegal) às programações de TVs por assinatura, 9% desse mesmo público usa o acesso para participar de ambientes de simulação ou realidade virtual.

Quanto aos downloads de jogos, esses expressam o total de 20% do acesso e são em maioria praticados por indivíduos de 16 a 24 anos de idade, 32% dos downloads são de filmes, músicas e softwares. Atualizações ou elaboração de blogs ou fotoblogs e divulgação de filmes ou vídeos somam 19%.

Quando o uso da internet volta-se para busca de informações, a idade do público aumenta. Das informações relacionadas à saúde ou serviços de saúde 55% dos acessos contabilizam pessoas com 60 anos ou mais; a preocupação com emprego e distribuição de currículos é marcada por 40% da população de 25 a 34 anos; e a busca por informações sobre viagens e acomodações é feita por pessoas de 45 a 50 anos, somando 35% das buscas.

Na atualidade temos à nossa disposição, a partir de um clique, mapas, fotografias, animações, vídeos, músicas, reportagens, livros, revistas, jornais, artigos, museus, bibliotecas, tutoriais etc., sendo assim, as buscas referentes a pesquisas escolares totalizam 66% do acesso, as buscas por informações de cursos de graduação e pós-graduação ou curso de extensão totalizam 22% dos acessos, sendo alvo de interesse de pessoas de 35 a 44 anos. Em seguida, 10% pesquisam a possibilidade de fazerem um curso online; buscas por livros disponíveis em bibliotecas ou até mesmo downloads de materiais online somam 21% dos acessos referentes à educação.

Tabela 4: Atividades desenvolvidas na internet: treinamento e educação

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NA INTERNET: TREINAMENTO E EDUCAÇÃO						
Percentual (%)		Realizar atividades/pesquisas escolares	Buscar informações sobre cursos de graduação, pós-graduação e de extensão	Checar a disponibilidade de livros na biblioteca/fazer o <i>download</i> de material <i>online</i>	Fazer cursos <i>online</i>	Outras atividades relacionadas à educação
TOTAL BRASIL		66	22	21	10	1
REGIÕES DO PAÍS	SUDESTE	63	22	20	11	1
	NORDESTE	72	22	22	8	1
	SUL	56	17	19	7	-
	NORTE	80	27	32	11	1
	CENTRO-OESTE	72	25	20	11	-
FAIXA ETÁRIA	De 10 a 15 anos	85	3	13	4	-
	De 16 a 24 anos	70	25	23	10	1
	De 25 a 34 anos	58	32	27	13	1
	De 35 a 44 anos	55	24	20	11	2
	De 45 a 59 anos	37	20	18	10	1
	De 60 anos ou mais	22	5	10	5	1

Fonte: NIC.BR-set/Nov. 2008.

Tabela 5: Atividades desenvolvidas na internet: busca de informações e serviços online.

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NA INTERNET - BUSCA DE INFORMAÇÕES E SERVIÇOS ONLINE							
Percentual (%)		Procurar informações relacionadas à diversão e ao entretenimento	Procurar informações sobre bens e serviços	Procurar informações relacionadas à saúde ou a serviços de saúde	Buscar emprego/ enviar currículo	Procurar informações sobre viagens e acomodações	Procurar outras informações
TOTAL BRASIL		60	50	33	28	23	5
REGIÕES DO PAÍS	SUDESTE	60	50	33	33	25	6
	NORDESTE	58	43	26	26	15	4
	SUL	64	57	33	20	24	4
	NORTE	57	46	37	26	20	5
	CENTRO-OESTE	63	54	38	26	26	5
FAIXA ETÁRIA	De 10 a 15 anos	58	17	11	5	6	5
	De 16 a 24 anos	67	50	31	36	22	4
	De 25 a 34 anos	59	64	43	40	28	6
	De 35 a 44 anos	52	66	42	29	32	7
	De 45 a 59 anos	52	66	50	22	35	5
	De 60 anos ou mais	44	63	55	10	32	11

Fonte: NIC.BR-set/Nov. 2008.

Das possibilidades de serviços financeiros destacam-se as consultas à conta corrente, poupança ou cartão de crédito. A procura por esses serviços é realizada por 25% das pessoas com 35 a 44 anos; 22% do acesso é feito por pessoas de 25 a 34 anos, e os usuários de 45 a 59 anos somam 28% do acesso a esses serviços. Já as transações são feitas apenas por 9% da população brasileira.

Tabela 6: Atividades desenvolvidas na internet: serviços financeiros

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NA INTERNET - SERVIÇOS FINANCEIROS			
Percentual (%)		Consultas (Conta Corrente, poupança, cartão de crédito)	Transações (Pagamentos, investimentos, transferências etc.)
TOTAL BRASIL		14	9
REGIÕES DO PAÍS	SUDESTE	18	11
	NORDESTE	8	3
	SUL	12	7
	NORTE	12	6
	CENTRO-OESTE	14	10
FAIXA ETÁRIA	De 10 a 15 anos	1	-
	De 16 a 24 anos	10	5
	De 25 a 34 anos	22	15
	De 35 a 44 anos	25	16
	De 45 a 59 anos	28	19
	De 60 anos ou mais	19	10

Fonte: NIC.BR-set/Nov. 2008.

Das atividades da internet voltadas para a compra ou encomenda de serviços ou mercadorias destacam-se a aquisição em lojas virtuais de equipamentos eletrônicos (30%), em seguida livros e jornais com 28% do acesso, e com 24% a compra de produtos para a casa ou eletrodomésticos.

A distribuição de acesso à internet na região Centro-Oeste organiza-se da seguinte maneira: apenas 20% da população no ano de 2008 tinham acesso à rede, os outros 79% que não tiveram acesso, o justificaram pelo custo alto tanto do computador quanto do serviço de internet e domicílio, afirmando que não possuem interesse em adquirir conexão (56%). 44% afirmaram não ter interesse em adquirir um computador por não achar necessário. Dessa maneira, dos 20% de acesso à internet, 44% foi feito em centros públicos de acesso pago.

Ainda assim a região do Centro-Oeste, segundo a PNAD 2008, destaca-se quanto ao tipo de conexão com um investimento pesado por parte dos usuários, somando na pesquisa o maior índice de banda larga, com 79% das conexões existentes dentre as regiões.

Já no estado do Mato Grosso do Sul verifica-se que 39% da população utilizam a internet, e 27% não têm esse acesso. Ainda no ano de 2008, 27,2% da população do estado afirmaram não ser necessário o acesso à internet, e 27,8% disseram não acessar por não terem os conhecimentos necessários ao uso. Dos locais de acesso 42,4% são feitos em domicílio, 29,9% no local de trabalho, 24,5% em estabelecimentos de ensino, e 41,5% em locais e acesso público pago.

Dentre as oito atividades elencadas pelo questionário da PNAD 2008, o estado destaca-se em percentuais altos nas seguintes categorias: 80,9% se entretêm diante do computador comunicando-se com outras pessoas, 67% praticam atividades de lazer, e 46,9% preferem ler revistas e jornais na rede.

Com o advento da internet muito mudou e ainda irá mudar quanto às maneiras de interação entre os sujeitos. Vemos o horizonte se expandir, assistimos e participamos aparentemente de dois mundos que muitas vezes se fundem e se completam. Na internet temos acesso à diversos conteúdos, informações e ferramentas, praticamos ou temos notícias de coisas inusitadas -- como saber por meio de mensagem instantânea do Twitter quando saiu a primeira fornalha de pão francês de uma padaria (ferramenta utilizada por uma padaria da Inglaterra) --, compram-se roupas, flores, assiste-se à televisão, e pessoas trabalham o dia todo conectadas à ela.

Com tantas possibilidades de uso, torna-se difícil pensar na nossa existência sem as tecnologias de informação e comunicação, quem dirá então sem a internet. Sobre o perfil de uso e disponibilidade da internet no Brasil podemos traçar dois grupos de conteúdos, um voltado para adultos, e outro voltado para um público infantojuvenil; e de todas as possibilidades de atividades disponíveis na rede, duas se destacam: as de entretenimento e as de informação.

A cada dia a rotina frenética, principalmente dos grandes centros, nos motivam a utilizar as facilidades e comodidades da internet. Os produtos que compramos, as lojas em que entramos, as empresas que contratamos,

esses e outros serviços, em sua maioria, possuem para além do telefone de contato um e-mail, um chat ou home page. Essas dinâmicas interativas estabelecem novas relações entre os indivíduos, onde colaboração e protagonismo compõem o cenário sócio-cultural da internet. Sem dúvidas essa é uma importante qualidade da internet, comunicar-se, expor, compartilhar, opinar, possuir autonomia entre tantas outras habilidades fazem da internet um meio de aprendizagens importante.

2.2 Acessos: as potencialidades da internet

É importante frisar que a internet possui duas faces, a bem sucedida atestada por diversos trabalhos científicos que incentivam seu uso como uma ferramenta de aprendizagens dentro e fora do ambiente escolar. Dedicamos então, esse espaço à apenas algumas práticas por meio da internet que tenham sua positividade na convivência e aprendizagem dos indivíduos que se unem para utilizar das potencialidades da rede.

A Internet permite que surjam novos focos de interesse comum que podem ser desenvolvidos e nutridos sem que haja necessidade de deslocamento freqüente. Antigamente nossa comunidade era o nosso bairro, Hoje, além de nosso bairro, nossas comunidades são os nossos interesses coletivos com outros seres humanos, estejam onde estiverem. (NEVES, 2007, p. 215).

Por meio de reportagens e pesquisas atestamos que a internet é um meio virtual que cada vez mais conquista usuários no Brasil e no mundo. Em um computador com acesso à rede aglomeram-se diferentes funções que ampliam, melhoram e agilizam muitas de nossas atividades diárias. Quando bem utilizado, o acesso à internet propicia ao usuário momentos de aprendizagem, comodidade e entretenimento.

Igrejas, bancos, papelarias, restaurantes, padarias, escolas, hospitais, clubes e todos os espaços sociais se articulam e trocam informações via redes. Através delas, você pode pagar contas, contratar serviços, reunir-se com amigos, realizar atividades de trabalho, participar de grupos e comunidades diversas, jogar com

parceiros virtuais, namorar, ver vídeos e filmes, ouvir músicas e se divertir, e muito mais. (KENSKI, 2010, p.37).

O acesso fácil e rápido a diferentes recursos como editores de texto, imagem, vídeo e som, tutoriais, simuladores, jogos, informações e serviços em geral, permite que o navegador tenha condições de criar autonomia e ir à busca do que verdadeiramente lhe interessa.

Estamos vivendo uma nova era, em que transações comerciais são realizadas de maneira globalizada, ao mesmo tempo, entre organizações e pessoas localizadas nos mais diversos cantos do planeta. Cientistas de todo o mundo se reúnem virtualmente para realizar pesquisas e discutir resultados. Grandes volumes de dados são transmitidos, transferidos de lugares distantes em questão de segundo, transformando o planeta numa imensa rede global. (KENSKI, 2010, p.40).

A união do computador com a internet e seus meios de comunicação tem gerado grandes oportunidades de socialização e aprendizagem dentro e fora de ambientes educacionais. Dessa interação surgem dados interessantes quanto ao aprimoramento de habilidades, como é o caso do uso de sites de relacionamentos que reúnem pessoas com interesses em comum, sendo, então, um espaço de ação e reflexão sobre diferentes temas.

[A] Internet é um excelente ambiente para as crianças aprenderem, conversarem com os amigos e pesquisarem. Para o pesquisador norte-americano Steven Johnson, o computador e a internet, além de conter muitas informações científicas e culturais, estimulam capacidades cognitivas importantes. Isso porque o [computador] tem uma estrutura de manipulação de informações multitarefa, que instiga o usuário a explorar o ambiente através do mouse. Johnson acredita, e não está sozinho, que o entretenimento eletrônico de hoje está deixando nossas crianças mais inteligentes. (GVT; CDI, 2010)

É o caso noticiado na Folha de S. Paulo online sobre a comunidade do Orkut “Nossos Romances Adolescentes”. Trata-se de um grupo de adolescentes que superaram as expectativas quanto ao interesse pela leitura e escrita, atividades antes entendidas como passíveis de esquecimento diante de tantas outras possibilidades de entretenimento na rede. A comunidade foi criada com o propósito de socialização e publicação, de livros escritos pelos membros que usam o computador para a literatura, praticando a criatividade e a escrita:

Douglas, 16, está escrevendo o último livro de sua trilogia. Maria Eugênia, 14, acaba de terminar o seu primeiro romance e já começou a redigir o segundo. Nilsen, 18, está revisando o seu livro de estréia e, enquanto não o publica, abastece seus leitores com contos [...] Enquanto não caem nas graças de uma editora, eles colocam os textos em uma comunidade no Orkut que já tem mais de 3.000 participantes. (REWALD, 2010).

A comunidade foi criada por uma estudante de jornalismo de 18 anos de idade, que, com ajuda de seus amigos, responsáveis pela manutenção do espaço, escolhem os capítulos de livros que serão publicados.

Nossas mediações feitas por meio do computador com conexão à internet revelam nossas leituras e representações do mundo e de nós mesmos, assim, nesse movimento de comunicação criativa usamos para dar notícias de nossas vidas vídeos caseiros, fotografias, músicas, poemas, poesias, trechos de livros, diário digital etc. e configuramos uma vitrine digital de fatos selecionados das nossas experiências de vida. Cria-se, assim, um mundo de download e upload de informações, culturas, valores, identidades etc.

Outro exemplo quanto às potencialidades do uso da internet como meio de ampliar as possibilidades de aprendizagem envolve uma iniciativa escolar que utiliza de serviços de blog e Twitter por professores que postam conteúdos das aulas bem como tarefas, textos para leitura voltados para o ENEM e vestibular. (ARRAIS, 2009).

Conteúdos voltados para a aprendizagem também são disponibilizados em sites especializados com professores de plantão para o usuário tirar dúvidas quanto a tarefas escolares. Os conhecidos portais educacionais dispõem de mapas, bibliotecas virtuais, artigos, enciclopédias entre outros meios de informação e suas dinâmicas são simples: em alguns destes portais existem até a presença de professores que sanam as dúvidas de estudantes apropriando as informações conforme idade/série.

Muitas escolas que possuem salas de tecnologias e um público de alunos mais abastado estão contratando esses serviços com o custo de cerca de 10 reais por aluno, estes por sua vez ganham senhas para acessar o portal. O único cuidado deve relacionar-se com um hábito de comodismo que

pode surgir devido a facilidade de término das tarefas escolares com o apoio desses profissionais. (BUCHALLA, 2009)

2.3 Excessos: os riscos da internet

Quem poderia imaginar que [...] trabalho, diversão, amigos, fantasias, sonhos, medos, curiosidades e até [...] crimes pudessem ser agrupados simultaneamente em uma única máquina? Isso tudo é possível, basta um computador conectado à internet. (CASTILHO, 2009).

A internet facilitou tanto o mundo das boas ocorrências como também entusiasmou ações voltadas para consequências ruins. A falsa ideia de anonimato no imensurável mundo virtual encorajou muitos internautas a desenvolverem atitudes ofensivas e criminosas.

A impressão de que se pode fazer o que quiser na internet, sem que se seja percebido e punido, faz com que os sujeitos identifiquem o espaço como um ambiente de “coexistência em dois mundos” (CASTILHO, 2009, p.13) real/virtual e certo/errado, ultrapassando o que é moral, legal e ético.

Para além de questões comportamentais que se vinculam à etiqueta ao usar a rede, muito do que ocorre com os usuários e que se caracteriza como algo ruim tem vínculo com informações pessoais postadas, em especial, em sites de relacionamentos.

Dessa liberdade de expressão desenfreada resultam as ofensas virtuais, que se classificam como calúnia, injúria e difamação, que são crimes contra a honra de usuários ou empresas, e que podem ter consequências reais, quando gerado boletim de ocorrência contra o agressor, resultando em aplicação de penalidades ou multa. (PINHEIRO; SLEIMAN, 2009). Trata-se então dos excessos do acesso na rede, quando os usuários perdem noções de exposição pessoal própria e do outro, ultrapassando os limites da livre expressão que tem seu fim quando atinge a honra do outro.

Na vida real quando temos um comportamento em público que é reprovado pelos costumes e valores sociais, presenciamos uma crítica, um

olhar diferente, uma advertência verbal de quem nos acompanha ou está ao nosso redor, despertando sentimentos de vergonha e/ou arrependimento. Já na vida virtual a ausência de retorno crítico significativo e imediato ou ainda a ausência de uma punição também imediata sobre o que é postado na rede, encoraja o usuário a ter comportamentos de comunicação com outras pessoas sejam conhecidas ou desconhecidas atípicos para ambientes de convívio público real.

Uma vez que um conteúdo é postado, dificilmente será retirado da rede sem que hajam mais cópias dele espalhadas por sites, blogs e etc., assim, as facilidades de duplicação e disseminação de conteúdos exigem que o usuário pense muito bem antes de postar qualquer conteúdo.

Sobre os riscos e crimes da internet, podemos classificar os indivíduos da seguinte maneira: existem os usuários que são passivos aos riscos disponíveis em conteúdos agressivos e impróprios, nesse caso caracterizam-se como vítimas (crianças e adolescentes ingênuos e adultos desinformados) que disponibilizam dados pessoais, endereços e telefones, informam sobre locais onde frequentam, lugar e período onde estudam ou trabalham, postam imagens de fachada de casa ou trabalho etc. E ainda existem os usuários com intenções imorais e/ou ilegais, caracterizados como agressores, que podem agir trazendo dano ao outro por pura diversão ou para benefício próprio, como por exemplos, aplicação de fraudes, roubos de senhas e etc.

Dessas informações pessoais divulgadas na internet, a pesquisa da SaferNet Brasil, de 2009, destaca que 21,87% dos usuários divulgam seu nome, 11,47% divulgam seu sobrenome, e 14,01% divulgam a data de aniversário. Das informações que podem vir a comprometer a segurança pessoal, existem usuários que divulgam suas preferências totalizando 12,95%, 3,68% divulgam escola e clube que frequentam, 2,05% divulgam número de celular, 0,64% divulgam na rede telefone fixo e 1,03% divulgam endereço.

Sobre a divulgação de imagens pessoais de caráter íntimo enviadas por e-mail, MSN ou sites de relacionamento, somam-se que 3,94% publicaram

mais de cinco vezes esse tipo de conteúdo, 5,93% o fizeram apenas uma vez, 1,94% publicaram fotos íntimas pelo menos cinco vezes e 88,19% afirmam nunca terem postado fotos desse caráter na internet. (SAFERNET BRASIL, 2009).

Os expostos aos riscos são pessoas que acessam e-mails suspeitos em nome de empresas que não costumam usar esse tipo de serviço para comunicar-se com seus clientes, pessoas que acreditam ter sido, de alguma forma, sorteadas a ganharem prêmios, pessoas que preenchem fichas para receber uma grande quantia em dinheiro, pessoas que compram em sites sem marca de segurança, que caem em golpes de preços baratos etc. Enfim, são pessoas que muitas vezes caem em círculos de crimes sem saberem, como é o caso de correntes de e-mails, em que não se conhece o emissor, porém, como o propósito do e-mail é ser repassado para diversos contatos, o indivíduo o manda sem saber que possui conteúdos ocultos como vírus e softwares que capturam dados de computadores e remetem ao computador de origem.

Já o outro perfil, condiz com usuários conscientes do que fazem, e praticam ações de agressão contra outros usuários ou acessam e/ou produzem conteúdos impróprios e os disseminam. São pessoas que se sentem à vontade para expressarem intolerância religiosa, racismo, neonazismo, pornografia infantil, maus tratos contra animais, xenofobia, apologia e incitação a crimes contra a vida, homofobia, roubo de dados, postagem de conteúdos violentos, cyberbullying entre outros.

Com relação às diferentes situações desagradáveis possíveis de vivenciar na internet, usuários em pesquisa da SaferNet Brasil destacam que dos principais riscos a que eles se expõem estão roubo de dados com 29,01% das opiniões, 24,17% dos usuários entrevistados dizem que um dos maiores riscos relaciona-se com a interação de adultos mal-intencionados, 17,78% apontam os conteúdos violentos ou criminosos, o cyberbullying destaca-se com 16,05% e, por fim, receber vírus representa 11,14% dos riscos da internet.

[...] as leis abrangem os comportamentos das pessoas, seja no mundo real ou virtual, pois não importa o meio utilizado para a manifestação de vontade. Um exemplo disso é o caso do artigo 121 do Código Penal, que trata do crime homicídio [...]. Na lei não há menções sobre qual seria a forma de matar, com qual arma matar, ou seja, matar é crime e este fato independe de como ocorreu o ato. (PINHEIRO; SLEIMAN, 2009, p.5).

Para exemplificar o exercício da lei nas ocorrências reais e virtuais as autoras, citam que na intenção de matar alguém uma pessoa pode entrar em um hospital e desligar os aparelhos de alimentação de oxigênio de sua vítima, praticando um homicídio. Mas se a pessoa no lugar de puxar os fios do aparelho de oxigênio da tomada o fizer acessando um computador e o desligando remotamente o crime estará feito do mesmo modo já que a intenção manifestada foi a de causar a morte.

Diferente de um crime no mundo real, o virtual deixa muitos rastros, isso por que a cada conexão que há entre um computador e outro ocorre uma identificação automática que fica gravada no disco rígido das máquinas, sendo possível ter o registro do que foi acessado, baixado e disponibilizado na rede.

2.4 Os crimes digitais

Os crimes digitais relacionam-se a duas possibilidades: 1ª “ações que podem ser consideradas crime, mesmo que praticadas por desconhecimento” e 2ª “ação ou omissão que nos deixe vulneráveis como vítimas de possíveis criminosos”. (PINHEIRO; SLEIMAN, 2009, p.6).

Neste item do capítulo iremos apresentar casos reais relacionados a essas duas possibilidades de crime, primeiramente iremos apresentar situações onde o internauta ingenuamente se insere em uma ação criminosa sem saber que participa e cria vínculo tal qual um criminoso, esses exemplos foram retirados de livros específicos sobre Direito Digital e Crimes Digitais que buscam cumprir com o papel de informar e prevenir sobre essas ocorrências.

Um exemplo é sobre os e-mails de corrente, esses com histórias engraçadas ou de reflexão e que no final da mensagem aparecem com um

recadinho “para que seus desejos se realizem repasse essa mensagem para tantas pessoas da sua lista de contatos.” Nesses casos muitas vezes a pessoa que te enviou essa mensagem não sabe que nela tem embutido um vírus ou outro programa que pode danificar o computador.

Nos casos em que ocorre este problema as pessoas que enviaram o vírus podem sofrer processo por crime de dano, que significa nada mais que destruir, inutilizar ou estragar coisa alheia, previsto pelo artigo 163 do Código Penal. (PINHEIRO; SLEIMAN, 2009, p.7).

Outra situação é referente à calúnia

Se a calúnia ocorrer através de um e-mail distribuído na Internet, todas as pessoas que tiveram recebido o e-mail e passaram para frente podem ser envolvidas em co-autoria. Pois há previsão legal que diz que na mesma pena incorre, sabendo que é falsa a imputação, a propaga e divulga. (PINHEIRO; SLEIMAN, 2009, p.10).

Os demais casos a serem apresentados condizem com ações de indivíduos que praticam o crime de maneira consciente, na busca por benefício próprio ou ainda na tentativa de prejudicar o outro. Para tanto foram feitas buscas nos sites de periódicos, a partir da palavra chave “crimes na internet”.

Nesses sites encontramos informações tanto de casos brasileiros como também de outros países, porém não tivemos acesso aos endereços denunciados nas reportagens, pois o próprio periódico explica que, seria incorreto e antiético expor os endereços de sites muitas vezes desativados, porém relacionados com atividades ilícitas como o terrorismo e venda de drogas e medicamentos proibidos. Quebrar o sigilo e divulgar esses endereços seria uma irresponsabilidade, frente à verdade de que os conteúdos podem ser acessados por qualquer tipo de pessoa desde um pesquisador até um indivíduo que tem pré-disposição em cometer crimes. Divulgar endereços relacionados a atividades ilícitas seria fazer publicidade, influir e compactuar com as mesmas.

No Brasil, em 2005, na busca por denúncias de racismo na internet, promotores de São Paulo, encontraram grande parte das acusações, 80%, em

comunidades do Orkut. Na época estimava-se que cerca de 265 mil participantes do site eram membros de comunidades que incitavam a violência contra minorias e discriminações sexuais e raciais. (COUTINHO, 2005).

Das incitações contra a vida, há grupos que se unem para se fortalecerem em um ideal de que a solução para as mazelas da vida está em abandoná-la, assim, em pactos coletivos firmados na internet, japoneses combinam suicídio. Além desse fator, ainda existem blogs que dão dicas quanto a venenos, pílulas e outros métodos indolores para o suicídio. (NEIVA, 2006).

Dentre as possibilidades de comunicação na internet, nos Estados Unidos, por exemplo, há quem contrate pessoas para trabalhar na distribuição criminosa de códigos invasivos, são comandos que funcionam por meio de links via e-mail, assim, a cada mil links clicados que dão início ao download do software criminoso, o empregado recebe um pagamento condizente a 180 dólares. O FBI julga que no ano de 2008 os crimes causados por meio da internet somaram cerca de 264 milhões de dólares de prejuízo por indivíduo nos EUA. (FOLHA S.PAULO, 2010).

É possível encontrar na internet recrutamento para aspirantes ao terrorismo, existem sites de organizações originárias do Oriente Médio, Europa, América Latina e Ásia, esses endereços são frequentemente mudados, o que dificulta o rastreamento eletrônico por parte das autoridades. As disseminações de suas ideologias são feitas por meio de sites, e as salas de bate-papo são utilizadas para o planejamento dos ataques. Ativistas do grupo *Hamas*, por exemplo, usam as salas de bate-papo para ensinarem a confeccionar e utilizar explosivos. A *Al Qaeda* publica manuais de treinamento para os militantes e ainda dispõe de simuladores e jogos que operam treinamentos virtuais. (CARELLI, 2004).

Além de ensinamentos quanto à fabricação de bombas há ainda sites que informam endereços de onde comprar drogas, números e senhas de cartões de crédito, ensinam como grampear telefones e utilizá-los para

ligações interurbanas, e ainda como acessar, de maneira clandestina, provedores privados.

2.5 Imprudências na comunicação e informação

“Estamos mais acessíveis, mais acessados e mais expostos.” (PINHEIRO; SLEIMAN, 2009, p.01). Navegando na rede, escondidos atrás do computador, pessoas encontram maior facilidade para conversar, desabafar, se exibir, confabular. Na vitrine virtual, o que agrada e desagrade fica exposto sem cerimônias e aí está mais um fenômeno recorrente, a falta de senso de exposição própria e do outro, bem como o uso de informações.

Os membros de comunidades encontram entre depoimentos, enquetes e recados força para continuarem com as atividades de interesse em comum do grupo, assim essa união pode representar um incentivo tanto para práticas positivas quanto para práticas negativas. Podemos aqui citar duas comunidades do Orkut que corrompem normas de saúde: uma é a “Pró-Ana” comunidade composta por meninas que praticam a anorexia e com perseverança apóiam umas as outras a ficarem de jejum à base de água durante dias. Outro exemplo é a comunidade “Pró-Ana e Mia” que apóia a prática da bulimia com discursos que caracterizam essa prática como sendo um estilo de vida. (PEREIRA, 2007).

Quando o assunto é o acesso a sites relacionados a saúde e doença, as buscas por informações muitas vezes resultam em um bom relacionamento entre médico e paciente, pois a partir de leituras, em sites recomendados e seguros sobre o assunto, o paciente compreende melhor as explicações e ainda tem maiores possibilidades de perguntar e esclarecer suas dúvidas.

Um dado relevante é que muitos destes sites podem conter indicações e informações desconexas com a realidade do doente, que por muitas vezes entra em atrito com o médico, questionando a eficácia do tratamento ou até a veracidade do diagnóstico comparado com as informações

encontradas na rede. Existem casos de que pessoas deixam de ir ao médico por automedicarem-se sob influência dos resultados de busca. (BUCHALLA, 2005)

Muitos sites que disponibilizam esse tipo de informação advertem seus usuários quanto à responsabilidade das informações ali postadas. Esse é o caso da enciclopédia livre Wikipédia.

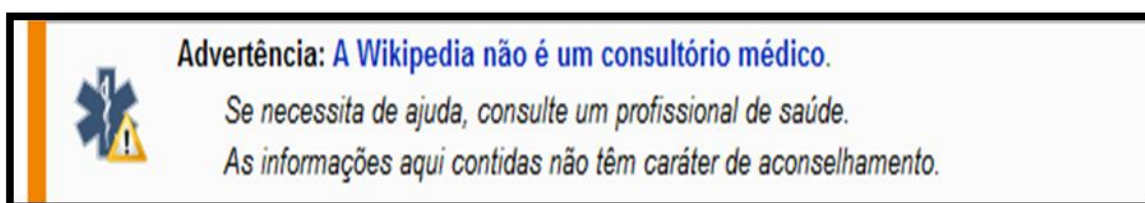


Figura 11: Notificação: Enciclopédia Livre Wikipédia, pesquisa sobre a "Dengue". Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:Aviso_m%C3%A9dico>.

Ainda assim, os acessos às informações sobre saúde auxiliam muitas pessoas que têm ou conhecem alguém que possui alguma doença rara, sendo possível organizar, entre outras pessoas interessadas no tema, encontros e fóruns para debater sobre dificuldades, avanços e tratamentos sobre uma dada doença. Em 2005 calculou-se que dos acessos feitos com certa regularidade, mais de 10 milhões condiziam com buscas sobre doenças específicas, posteriormente destacam-se o interesse por tratamentos, dietas e nutrição. (BUCHALLA, 2005).

Outros espaços virtuais dedicam-se à venda de trabalho intelectual, que no caso abrangem desde tarefas escolares a trabalhos acadêmicos, o cliente solicita os dados da tarefa ou trabalho, lhe é cobrado um valor, depois de pronto basta efetivar o depósito bancário e o cliente recebe por e-mail o conteúdo encomendado.

Quanto às exposições em rede, as preocupações circundam principalmente as de cunho vexatório, que condiz ao cyberbullying, prática voltada para intimidação e exposição do outro ao ridículo de maneira

repetitiva, que muitas vezes pode extrapolar para agressões para além da internet.

Uma pesquisa realizada em fevereiro de 2010 pela SaferNet, aponta que de 2.160 internautas participantes da pesquisa 16% foram expostos ao cyberbullying, e 38% disseram conhecer alguém que foi vítima dessa agressão. (CARPANEZDO, 2010). No Brasil as consequências desse tipo de agressão não chegam a casos extremos como em outros países, onde as vítimas cometeram suicídio depois de entrarem em quadro de depressão.

2.6 Algumas iniciativas para o uso responsável da internet

Observamos que a interação humano/internet/humano é integrante do cotidiano, e a fazemos muitas vezes sem pensar nos caminhos, rastros e armadilhas que nos expomos a cada clique do mouse. Ignoramos que as regras de convivência e sobrevivência da vida real são flexíveis e válidas aos nossos comportamentos no mundo virtual.

O que se observa na internet, sem generalizações, é o encontro dos “desavisados” com os “mal-intencionados”. Os conteúdos disponibilizados na internet não são controlados, seu acesso não depende nem de horário e nem de idade, está disponível para quem procura ou vê sem intenção, seja criança, adulto, adolescente ou idoso.

A (indiferença) do acesso às informações na internet em relação à identidade, idade e formação nivela todos os usuários e provedores. Não há necessidade de treinamento ou formação específica para acessar e manipular a informação, ao contrário, na internet se dá a ruptura com as fontes estabelecidas do poder intelectual e se abre o acesso e a manipulação da informação, há interação e comunicação direta entre autores e leitores. Abrem-se espaços também para que todos possam ser autores e trocar informações e conhecimentos com todo o mundo. (KENSKI, 2010, p.51).

Esse trânsito na internet de diferentes pessoas, com diferentes idades e princípios representa para essa pesquisa um entendimento de liberdade diferente da que estamos acostumados a lidar no convívio pessoal e

real, para as demais análises a liberdade aqui representa transito e ações livres de repressões ou consequências. Ou seja, essa impressão de transito livre, do internauta, em navegar pelas páginas da internet, diferentemente de quando entramos em uma casa que não conhecemos ou em uma loja de artigos de vidro, ambientes que cuidamos nossos movimentos, tons de voz e etc. Ao navegarmos na internet pelas facilidades de interação, pouco esbarramos com pessoas nos controlando ou com acessos restritos, e assim, com essa sensação de autonomia e liberdade clicamos freneticamente em sites, blogs, games e entre outros, que nos proporcionam o desvelar de preconceitos, informações e conhecimentos sobre o novo e o velho.

Assim a situação e a prática da liberdade aparecem na internet com mais evidência do que na vida real, porém o que poucos sabem é que, seja no virtual ou no real. O artigo quinto da Constituição Federal apresenta que

Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade [...]. (BRASIL, 1997)

Na internet o exercício da liberdade vincula-se a duas atitudes, uma refere-se às inúmeras possibilidades de acesso sem a necessidade de ter permissão de algum órgão ou instituição, é a prática do “direito de ir e vir” ao navegar, ainda mais considerando que a cada dia o acesso a rede mundial de computadores torna-se mais barato, tanto por meio das “Lans” como também pela aquisição de computadores, salvo limitações sobre conhecimento de idiomas, capacidade operacional do computador e velocidade de acesso.

O outro exercício da liberdade está relacionado às possibilidades de divulgação de conteúdos e opiniões, ou seja, a liberdade de expressão tem-se em vigor que “é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato” (Artigo 5º, inciso IV). (BRASIL, 1997). Ignorando a legislação, na internet o anonimato, ou seja, o ato de comunicar algo a alguém e/ou sobre alguém, desperta a curiosidade, e a falta de limites na divulgação remete-nos às situações de constrangimentos sociais, pois a impressão de liberdade e de livrar-se de tudo e de todos, corrobora para que por meio do anonimato

(atitude ilegal) sejam expressas opiniões entre outros tipos de conteúdos que venham expor uma pessoa seja por brincadeira ou vingança.

Essa impressão de liberdade seguida de ingenuidade, geram as indisposições no ambiente virtual, que resultam de mau uso dos conteúdos e ferramentas, bem como da falta de astúcia quanto à seleção exposição própria ou do outro em sites da rede.

Nos trâmites de real e virtual, nos deparamos com o choque entre duas gerações que têm um grande obstáculo, chamado tecnologia, em que os pais/responsáveis e professores, sem conhecerem, deparamos com a necessidade, muitas vezes sem saber como, de orientar quanto ao acesso à internet feito por crianças e adolescentes. Esse é o conflito da geração da televisão com a do computador e internet, pois muitos pais e professores não possuem experiências suficientes para orientar e desconstruir os mitos da internet, firmar verdades e impor limites quanto ao acesso.

Deparamo-nos com indivíduos que fazem parte de uma geração conhecida como a geração C: conteúdo, colaboração e conexão, são pessoas que nasceram interagindo com computador e a internet (GVT; CDI, 2009, p.3), também conhecidos como “nativos da geração digital” (KIRAH apud. CHAVES; LUZ, 2007) ou ainda “Geração @” (SETTON, 2010, p.23) lindam de maneira natural com as tecnologias desde cedo, como revelam dados de uma pesquisa americana (NPD Group), em junho de 2007, que apontou a idade 6 anos e 7 meses era o marco inicial da interação das crianças com computadores e internet em ambientes como escolas e residências.

Na intenção de orientar pais e/ou responsáveis surgiram diferentes iniciativas para orientar pais/responsáveis, professores e usuários interessados, nos formatos de guias, cartilhas e manuais, com dicas e informações para o cotidiano mediado pela internet. Estes materiais têm em sua maioria a participação e apoio de organizações governamentais e não governamentais, e foram elaborados por associações de advogados especializados em crimes digitais, técnicos em informática ou segurança de rede e instituições de Ensino Superior.

Aqui foram elencados apenas materiais passíveis de download. Pontuamos ainda que, para além destes materiais apresentados, é possível encontrar online personagens infantis como o “Seninha”*, com tutorial em que dódicas às crianças sobre o uso da internet com segurança e, além disso, esse site possui indicações de sites com conteúdos de entretenimento e aprendizagem.

Nossa intenção é a apresentação e análise destes materiais a partir da capa e tópicos dos sumários que sintetizam os assuntos abordados, seguidos de considerações quanto a algumas peculiaridades de conteúdos mais expressivos.

2.6.1 Cartilhas e guias sobre internet

Começamos então, com o livro do personagem infantil “Menino Maluquinho”, que além de ter orientações online, possui também um livro de história infantil sobre as potencialidades e riscos da internet, o tema é apresentado a partir de um diálogo entre o Maluquinho e um personagem que surge na tela de seu computador.

Este livro surgiu para Zivaldo como sendo uma proposta da professora e advogada Patrícia Peck Pinheiro, que é responsável por obras específicas sobre direito digital, cartilhas e guias de etiqueta para internet, Pinheiro idealizou o Instituto Internet no Estado da Arte I-START juntamente com Patrícia Peck Pinheiros e Advogados, que por sua vez é responsável pelo Movimento Criança Mais Segura na Internet que também produz materiais relacionados ao acesso a internet apresentados nessa pesquisa. (PINTO, 2010).

* Senninha em: Pilotando com segurança na internet. Disponível em: http://senna.globo.com/senninha/navegue_protegido/hq2.asp?area=2. Acesso em: 17 jul. 2011. Senninha e sua turma e Microsoft: a super defesa. Disponível em: http://senna.globo.com/senninha/navegue_protegido/hq1/index.html. Acesso em 17 jul.2011.

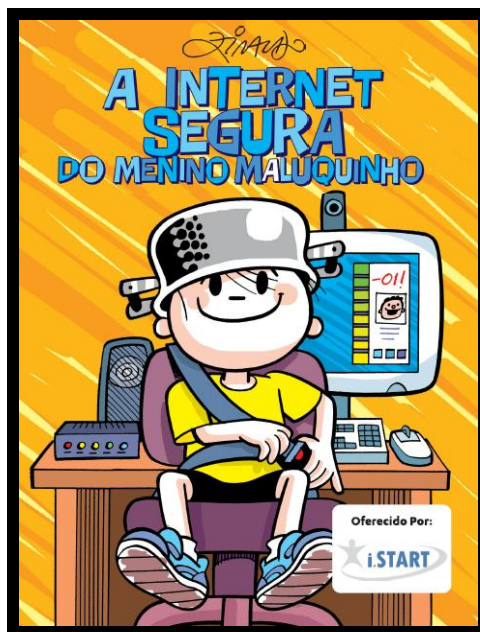


Figura 12: Capa do livro de história “A internet segura do menino Maluquinho”
Fonte: <<http://www.criancamaissegura.com.br/livro-internet-segura-maluquinho.pdf>>.

A cartilha integrante do projeto “Criança mais segura na Internet”, organizada pela ABA, Associação Brasileira de Anunciantes, é composta de duas partes: uma é voltada para crianças e adolescentes com narrativas de acontecimentos cotidianos protagonizados por personagens (criança/adolescente) com a fixação de comportamentos a partir de condutas, onde um é correto em seu acesso e o outro vivencia experiências negativas. A segunda parte é com uma escrita voltada para pais e professores, com itens de olho na lei, com considerações a partir de legislações e artigos que defendem as vítimas de certos crimes digitais e pune os agressores e praticantes de atividades ilícitas.

De modo a aconselhar pais e educadores, a cartilha contém um glossário didático explicativo sobre as ferramentas de comunicação e interação social com dicas de como orientar esses usuários a partir de uma seção muito interessante e importante, a “Checklist”, uma lista com questões que envolvem atitudes e dados que devem ser vistoriados na rede.



**Conteúdo da Cartilha:
(36 páginas)**

Para crianças e adolescentes:

- Proteja sua senha, pois ela é sua identidade virtual;
- Não deixe a porta de casa aberta e nem sua máquina aberta;
- Cuidado ao fazer *Download* na internet;
- Pirataria é crime;
- Não copie dados alheios;
- Lembre-se: 'não faça justiça com o próprio mouse';
- Diga-me com quem navegas que te direi quem és;
- Cuidado ao publicar fotos de outras pessoas na internet;
- Você já procurou por si próprio na internet?

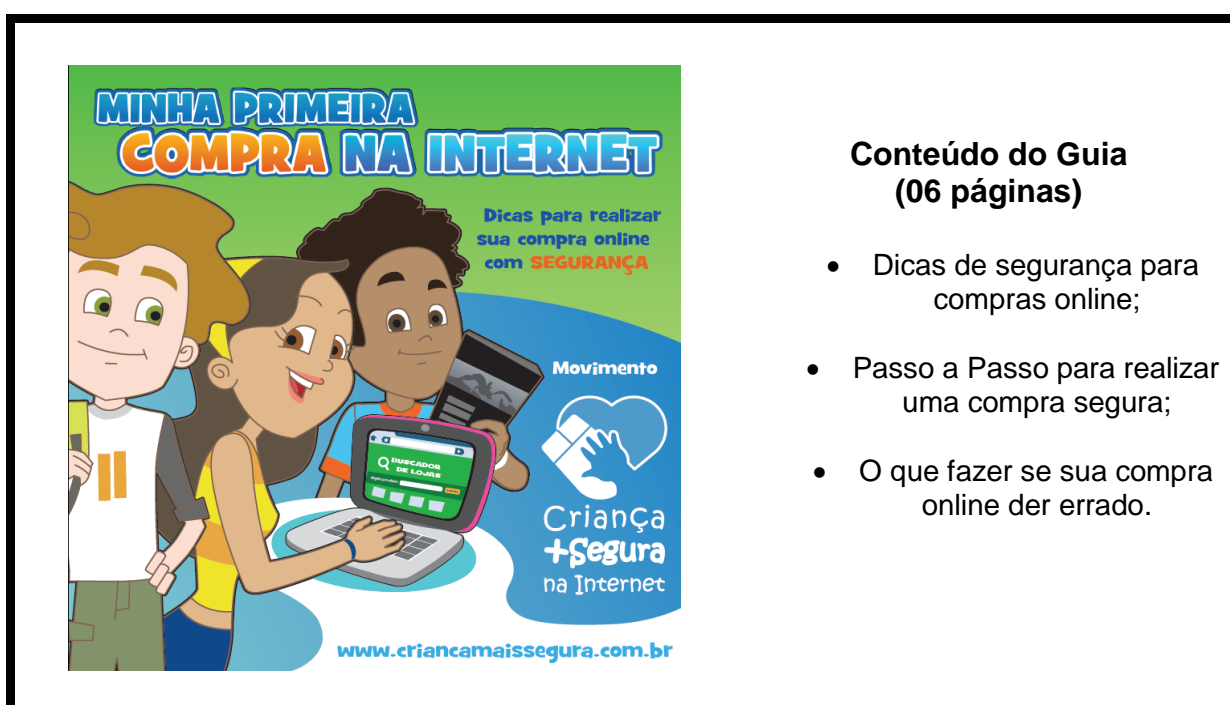
Para pais e professores:

- Checklist;
- Glossário;
- Redes Sociais;
- Comunicadores instantâneos;
- *Cyberbullying*;
- Direitos Autorais e de Imagem;
- Tempo excessivo na internet;
- *Phishing Scam*;
- Informações.

Figura 13: Capa da cartilha "Criança mais segura na internet".

Fonte: <<http://www.criancamaissegura.com.br/cartilha-crianca-mais-segura.pdf>>.

Outra produção do Movimento Criança Segura (I.START), é o guia “Minha Primeira Compra na Internet” que traz especificamente a temática de compras pela internet com passo a passo de como realizar uma compra segura observando indicativos nos sites de compra, bem como as condições do computador, sendo mais seguro fazer compras em computadores protegidos e residenciais.

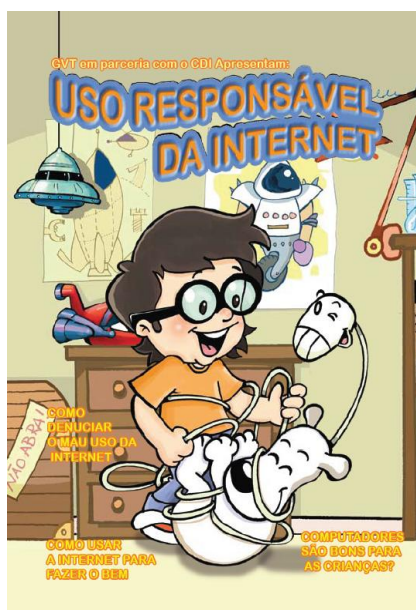


Conteúdo do Guia (06 páginas)

- Dicas de segurança para compras online;
- Passo a Passo para realizar uma compra segura;
- O que fazer se sua compra online der errado.

Figura 14: Capa do Guia “Minha Primeira compra na Internet”.

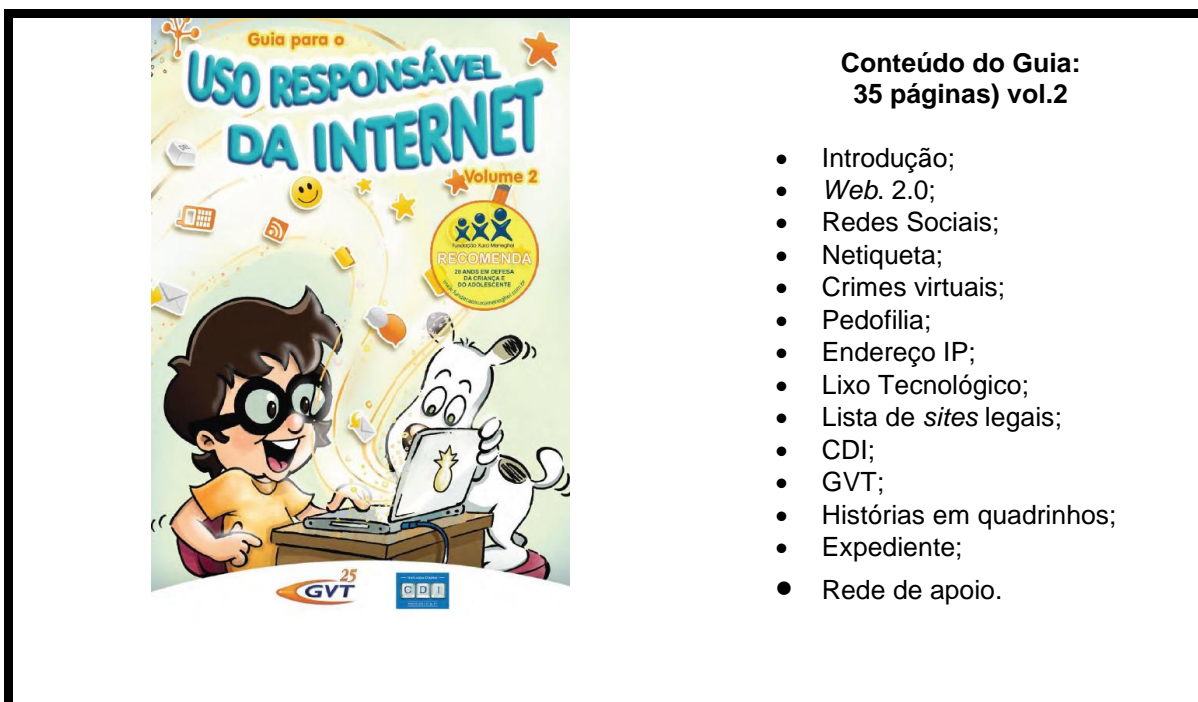
Fonte: <<http://www.criancamaissegura.com.br/cartilha-primeira-compra.pdf>>.



**Conteúdo do Guia:
(38 páginas) vol.1**

- Introdução
- Computadores são bons para as crianças?
- Incentive a criança a compartilhar experiências;
- Nunca fale com Estranhos;
- *Chats* e comunicadores instantâneos;
- Respeito é bom e todo mundo gosta!;
- *Blog*;
- *Per-To-Peer P2P*;
- *Bullying*, o que é?
- Bom-senso sempre!
- Segurança é fundamental;
- Cuidado com *sites* de Relacionamento;
- Como usar a cartilha em sala de aula;
- *Sites* bacanas para professores;
- Para navegar e se divertir com seu filho;
- Como pesquisar na internet;
- Como denunciar o mau uso da internet;
- Como usar a internet para fazer o bem;
- Doações;
- Dicas para professores;
- Desvendando a internet;
- Educando –GVT-
- CDI-Mais que computadores;
- Histórias em quadrinhos;

Figura 15: Capa do Guia “Uso responsável da internet”, vol 1. Fonte: Guia para o uso responsável da Internet. Vol.1, 2008



**Conteúdo do Guia:
35 páginas) vol.2**

- Introdução;
- Web. 2.0;
- Redes Sociais;
- Netiqueta;
- Crimes virtuais;
- Pedofilia;
- Endereço IP;
- Lixo Tecnológico;
- Lista de *sites* legais;
- CDI;
- GVT;
- Histórias em quadrinhos;
- Expediente;
- Rede de apoio.

Figura 16: Capa do Guia “Uso responsável da internet”, vol. 2.

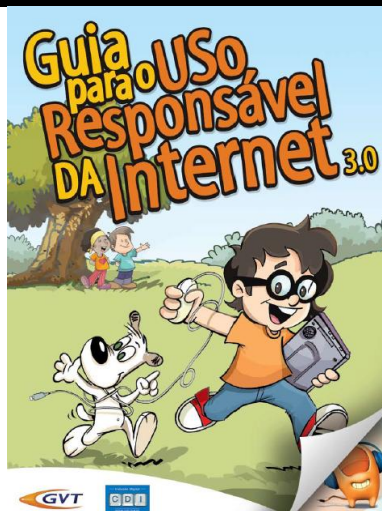
Fonte: <http://www.internetresponsavel.com.br/pdf/educandogvt/novoguia.pdf>.

O guia para o uso responsável da internet segue em dois volumes. O primeiro é uma publicação de 2008, e o segundo data de março de 2009. Ambos apresentam estética voltada para a leitura de crianças e adolescentes trazendo personagens que protagonizam histórias em quadrinhos ao fim das edições. O primeiro volume é mais extenso e aborda os principais pontos sobre a internet, já o segundo volume traz atualizações quanto às novidades da rede.

A estrutura textual ora volta-se para aconselhamentos aos pais e professores, ora para um diálogo direto com o leitor, no caso criança ou adolescente. Desse modo o guia objetiva “fazer com que adultos e crianças conversem sobre o uso da internet em vez de criar restrições ao acesso”. (GVT; CDI, 2009, p. 04).

Recentemente foi lançado pela SaferNet Brasil, no mês de julho de 2010, o volume 3.0 (três ponto zero) do guia sobre o uso responsável da internet, mas desta vez os conteúdos foram organizados em três guias com linguagens e temas diferenciados para os pais, professores, crianças e adolescentes.

O objetivo principal desses três guias é “aproximar quem nasceu antes e quem nasceu depois do surgimento da internet, para que a tecnologia seja usada de forma saudável e participativa por crianças e adultos” (SAFERNET BRASIL, 2010). Assim, as três versões dos guias buscam ajudar pais, professores, crianças e adolescentes a “entender melhor a dinâmica da internet, tirar dúvidas, aprender algumas dicas e se sentir mais preparado para orientar [e navegar] de maneira segura e responsável”. (SAFERNET BRASIL, 2010).



**Conteúdo da Cartilha:
(35 páginas) 3.0**

Conteúdo direcionado para crianças e adolescentes

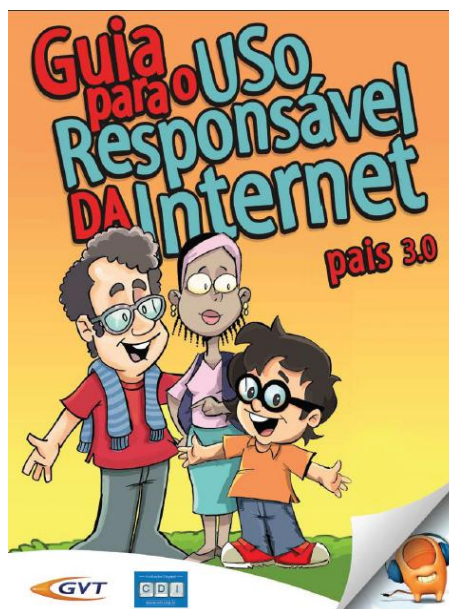
- Pra começo de conversa
- A internet na nova era
- Aproveite, mas com cuidado
- Respeite os limites
- Segurança
- Do que é preciso se proteger na internet
- Como identificar alguém mal-intencionado na internet
- O que fazer se alguma coisa parece estranha
- Como estar protegido na internet
- Netiqueta
- O que fazer
- O que não fazer
- Lixo Eletrônico
- Para onde vai o que você joga fora?
- O que fazer com o que não se usa mais?
- Verdadeiro ou Falso
- Sites legais para você visitar
- Histórias em quadrinhos
- Em tempo real
- inSeguro
- Mais respeito
- He-Man
- Perseguição
- Agora DJ
- e.Gírias
- Eu robô
- Na real
- Namorados
- Conheça os novos amigos do Edu
- GVT
- CDI
- Rede de Apoio
- Expediente

Figura 17: Capa do guia “Guia para o uso responsável da internet”- crianças, 3.0.

Fonte: <http://www.internetresponsavel.com.br/pdf/educandogvt/cartilha_gvt_crianças.pdf>.

Diferentemente das abordagens anteriores voltadas para o público infantojuvenil, esse guia de três volumes e traz muito forte questões relacionadas a punições legais quando o usuário comete infrações na internet. Traz também as consequências de algumas práticas e ressalta os malefícios para quem é autor e para quem é vítima de imprudências. O texto é escrito em formato de diálogo no qual muitas das considerações sobre a internet ganham

reforço com histórias em quadrinhos e ainda com fixação de aprendizagens, a partir de sentenças que devem ser julgadas com falso e verdadeiro.



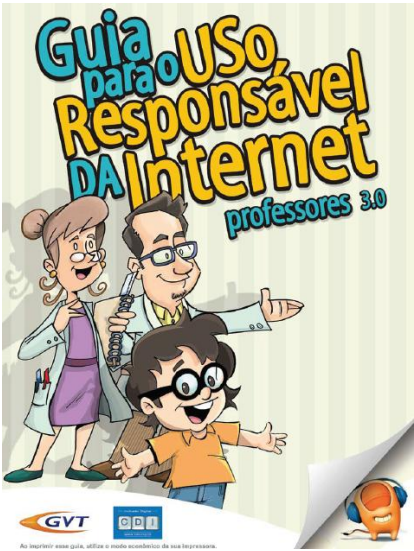
**Conteúdo do Guia:
(44 páginas) Vol.3**

- Para que este guia?
- A internet na nova era
- Conheça os limites
- Segurança
- O que são crimes virtuais?
- Como proteger seus filhos
- Dicas de proteção para você e seus filhos
- Como denunciar
- Pedofilia
- Como identificar o comportamento de um pedófilo
- Ajude seus filhos a se protegerem
- Quando os filhos são adolescentes
- Protegendo seu computador
- Dicas de proteção para o seu computador
- Netiqueta
- Do adulto
- Da crianças
- Lixo Eletrônico
- O que é e porque é nocivo
- Lixo eletrônico tem que ir para o lugar certo
-
- Dê o exemplo dentro de casa
- Explorando a web
- Ajude seu filho a explorar a internet
- Histórias em quadrinhos
- inSeguro
- Eu odeio
- Fim de jogo
- Pirataria tem preço
- Mais respeito
- Perseguição
- E-mail falso
- Link suspeito
- O Gato
- Namorados
- He-Man
- Exagerado
- Gordinha eu?
- Torneira seca
- e.Gírias
- Trabalho nota 10
- Computador morto
- O que é ornitorrinco?
- GVT
- CDI
- Rede de Apoio
- Expediente

Figura 18: Capa do guia “Guia para o uso responsável da internet”- pais, 3.0.

Fonte: <http://www.internetresponsavel.com.br/pdf/educandogvt/cartilha_gvt_pais.pdf>.

No guia direcionado aos pais, o texto é ordenado de modo a aparentar um diálogo, que trata sobre a internet e o espaço que essa mídia possui na vida de seus filhos. Além disso, traz informações de cunho jurídico quanto às punições aos infratores da internet, dicas de como se proteger e agir diante de experiências negativas, como fraude e exposições da intimidade e privacidade.



**Conteúdo do Guia:
(44 páginas) Vol.3**

Conteúdo direcionado para os professores

<ul style="list-style-type: none"> • Como denunciar; • Pedofilia; • Como identificar o comportamento de um pedófilo; • Ensine seus alunos a se protegerem; • Dicas para proteção contra pedofilia; • Protegendo seu computador; • Dicas de proteção para o seu computador; • Netiqueta; • Do Professor; • Lixo Eletrônico; • O que é e porque é nocivo; • Ensine a descartar; • Fale do lixo nas aulas sobre reciclagem; • Ensinando com a <i>web</i>; • Use a <i>Web</i> para ensinar; • Material de Apoio; • Histórias em quadrinhos; 	<ul style="list-style-type: none"> • inSeguro; • Eu odeio; • Fim de jogo • Pirataria tem preço; • Mais respeito; • <i>E-mail</i> falso; • <i>Link</i> suspeito; • O Gato; • Namorados; • He-Man; • Exagerado; • Torneira seca; • e-gírias; • Trabalho nota 10; • Computador morto; • O que é ornitorrinco?; • GVT; • CDI; • Rede de Apoio; • Expediente.
--	--

Figura 19: Capa do guia “Guia para o uso responsável da internet” – professores, 3.0.
 Fonte: <http://www.internetresponsavel.com.br/pdf/educandogvt/cartilha_gvt_professores.pdf>.

O guia direcionado aos professores traz considerações mais práticas quanto as interações com a internet, pontuando principalmente como ele deve agir no seu acesso pessoal e como seus alunos agem, e em que sentido estes precisam de orientações. Possui ainda dicas rápidas de como inserir algumas das potencialidades da internet para somar às aprendizagens dos alunos, bem como traz para o professor dados sobre os riscos da internet incentivando esse profissional a colaborar para uma formação que garanta o acesso seguro e responsável por seus alunos.



Figura 20: Capa da cartilha “Segurança em redes sociais: recomendações gerais”.

Fonte: < http://www.rnp.br/_arquivo/disi2009/rnp-disi-2009-cartilha.pdf >.

A Cartilha “Segurança em redes sociais: recomendações gerais” organizada pelo Centro de Atendimento a Incidentes de Segurança, (CAIS/RNP), vincula-se ao dia “Internacional de Segurança em Informática”, que corresponde ao dia 09 de fevereiro de cada ano. Sua organização é direcionada para quem participa de redes de relacionamento, com um tutorial que aconselha o leitor como se deve configurar o próprio perfil para que este não seja invadido ou acessado por pessoas desconhecidas ou indesejáveis.

Além disso, informa como elaborar senhas fortes, bloquear acesso de estranhos as suas fotos e como se comportar nos momentos de comunicação, para que não existam desentendimentos.

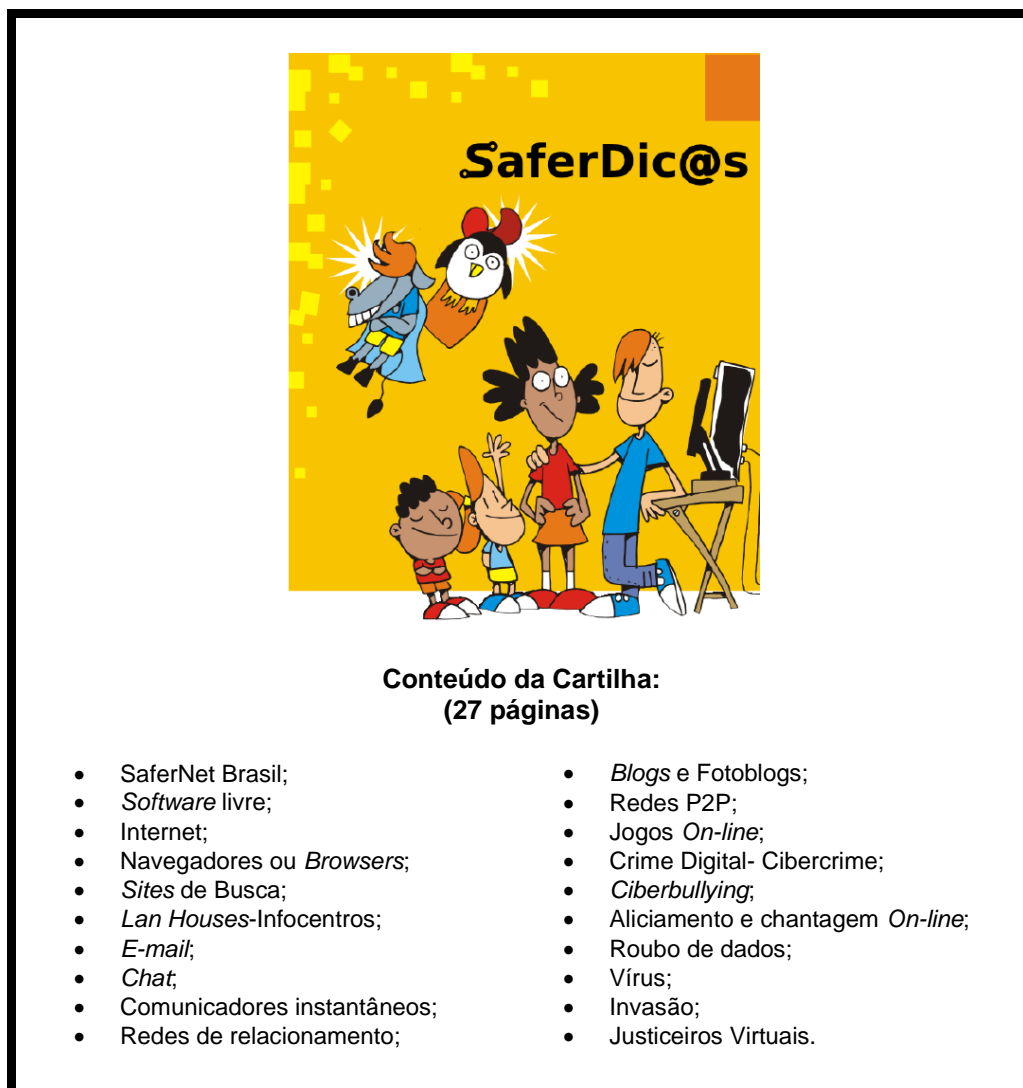


Figura 21: Capa da cartilha

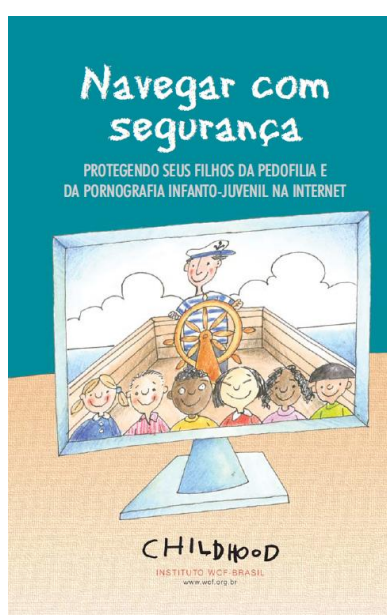
“Saferdicas”. Fonte: <<http://www.safernet.org.br/site/prevencao/cartilha/safer-dicas>>.

A cartilha Saferdicas Brasil tem por objetivo

[...] estimular os brasileiros, principalmente crianças e adolescentes, a aproveitar todo o potencial da rede, sem esquecer de adotar os cuidados necessários neste novo espaço público, seguindo as dicas de segurança. (SAFERNET, 2010).

Foi elaborada a partir de um convite feito pela Secretaria Especial de Direitos Humanos da Previdência da República (SEDH) do estado do

Paraná à SaferNet Brasil, esta por sua vez é uma associação civil sem fins lucrativos e sem vinculação político-partidária, religiosa ou racial, formada (em 20 de dezembro de 2005) por um grupo de cientistas da computação, professores, bacharéis em Direito e pesquisadores. (SAFERNET BRASIL, 2010). A cartilha tem escrita voltada para crianças e adolescentes seu conteúdo é dividido em: “aproveite”, “cuidado” e “dicas para se manter seguro”.



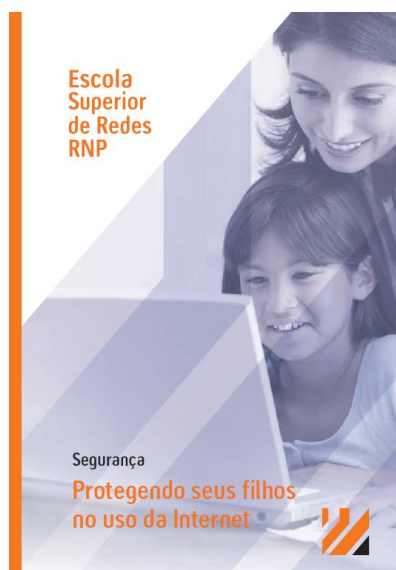
**Conteúdo da Cartilha:
(43 páginas)**

- Uma conversa importante;
- O que é a Internet?;
- Pela internet todos querem navegar;
- O site ou o sítio;
- Por que a internet se tornou tão importante na vida das pessoas?
- É importante estar informado para prevenir os riscos;
- A pedofilia;
- O que é pedofilia?;
- Quem é o pedófilo?;
- Como a pedofilia e a pornografia acontecem via internet?;
- Como age o pedófilo na internet?;
- Depoimento;
- Pornografia infantil;
- Divulgação de imagens pornográficas;
- Presença educativa;
- Proteja suas crianças e adolescentes;
- Programas bloqueadores;
- Dicas para auxiliar nessa proteção;
- Supervisione e acompanhe;
- Observe;
- Desvelando os segredos;
- Redes de proteção: a família, a escola, e a comunidade;
- Denúncias;
- Web;
- Denúncia por telefone;
- Para saber mais.

Figura 22: Capa da cartilha “Navegar com segurança: protegendo seus filhos da pedofilia e da pornografia infanto-juvenil na internet”. Fonte: <<http://www.childhood.org.br/wp-content/themes/twentyten/cartilha/>>.

“Navegar com Segurança: Protegendo seus filhos da pedofilia e da pornografia infantojuvenil na internet” é uma iniciativa da parceria da FIESP (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo) e Instituto WCF-Brasil, e é voltada para instruir pais/responsáveis sobre dois crimes que se ampliaram com o advento da internet: a pedofilia e a pornografia infantojuvenil.

Na cartilha são esclarecidos pontos importantes referentes ao tema. Com uma escrita clara e objetiva o leitor informa-se quanto aos cuidados que deve ter ao criar possibilidades de conversa com seus filhos sobre a internet, buscando assim conhecer os modos de interação de seu filho sem pressioná-lo ou julgá-lo antes da hora.



Conteúdo da Cartilha: (59 páginas)

- Surgimento da internet;
- Funcionamento da internet;
- Utilização do computador pela criança;
- Motivações para o uso da internet;
- Perigos no uso da internet;
- Assédio sexual na internet;
- Métodos de assédio dos pedófilos;
- Medidas de enfrentamento das ameaças;
- Identificando e lidando com atitudes suspeitas;
- Utilização do computador em locais privados;
- Mudança de janelas;
- Barra de tarefas do Windows escondida;
- Criação de usuários com senhas;
- *Cyber Cafés* e *Lan Houses*;
- Regulamentação de proteção ao menor;
- Medidas preventivas;
- Navegadores;
- Armazenando histórico no Internet Explorer;
- Exibindo histórico no Internet Explorer;
- Apagando histórico no Internet Explorer;
- Arquivos temporários no Internet Explorer;
- Visualizando arquivos temporários no Internet Explorer;
- Armazenando histórico no Firefox;
- Exibindo histórico no Firefox;
- Apagando histórico no Firefox;
- Arquivos temporários no Firefox;
- Comunicadores;
- Permissão para amigos no MSN;
- Armazenando mensagens trocadas no MSN;
- Permissão para novos amigos no *Skype*;
- Armazenando mensagens no *Skype*;
- Histórico de mensagens no *Skype*;
- Salas de bate-papo *on-line*;
- Bate-papo UOL;
- Tema da sala;
- Temas das salas de bate-papo;
- *Sites* de relacionamento;
- Perfil no *Orkut* ;
- Adequando o perfil no *Orkut* ;
- Fotos no *Orkut*;
- Comunidades no *Orkut*;
- Página de recados no *Orkut*;
- Perfil no *MySpace*;
- Adequando o perfil no *MySpace*;
- Fotos no *MySpace*;
- Comentários e *blog* no *MySpace*;
- *Blogs* e *Fotologs*;
- *Fotolog*;
- *Blog*;
- Compartilhamento de vídeos;
- Ambientes virtuais e jogos *on-line*;
- Proibição de jogos no Brasil;
- *Webcam*;
- Riscos no uso de *webcam*;
- Resumo

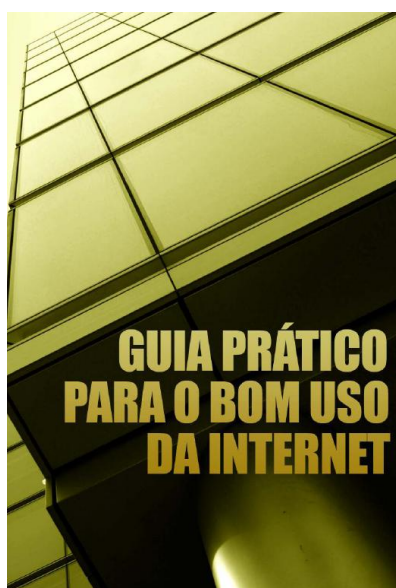
Figura 23: Capa da cartilha “Segurança: Protegendo seus filhos no uso da internet”.

Fonte: <<http://esr.rnp.br/leitura/protegendo>>.

“Protegendo seus filhos no uso da Internet” é uma cartilha com 59 páginas voltadas para pais de crianças e adolescentes. O objetivo da cartilha centra-se em desenvolver nos pais um conhecimento técnico das ferramentas e programas disponíveis no computador e internet, que sejam úteis para a vigília e o controle sobre o que crianças e adolescentes acessam.

Infelizmente nessa cartilha fica expresso que o acesso à internet deve ser monitorado com o acompanhamento dos pais e bloqueio de sites, ferramenta importante quando o acesso é feito por crianças que muitas vezes sem intenção acabam por ver conteúdos impróprios. Porém quando os acessos são feitos por adolescentes esses podem perceber falta de confiança de seus pais.

O que fica claro é que o navegar pela rede só é seguro quando o usuário está em companhia, ou seja, é necessário haver um monitoramento e um controle, recorrendo-se a sugestões de práticas de rastreamento quanto aos sites que adolescentes e crianças visitam, representando a quebra de privacidade dos usuários, ressaltando erroneamente que o uso responsável da internet é um comportamento que não se adquire por meio de educação e diálogo, e sim que se manifesta a partir do outro, de maneira externa ao usuário e não como uma conscientização e retomada de princípios e valores que autorregulem o acesso.



**Conteúdo da Cartilha:
(57 páginas)**

- Segurança da informação;
- A importância do cuidado com a segurança no uso do computador;
- Senhas;
- Dicas de segurança em sua residência;
- Dos meios de comunicação na internet;
- *E-mail*, *Chat*- Salas de Bate-Papo;
- Comunicadores instantâneos;
- Redes de relacionamentos;
- *Twitter*;
- *Blogs* e *Fotologs*;
- Redes P2P- Compartilhamento de arquivos;
- Do mau uso das novas tecnologias de informação e comunicação (TIC);
- Cibercrime-Crime Digital;
- *Cyberbullying*;
- *Sexting*;
- Aliciamento e chantagem;
- Predadores *online*: o que você pode fazer para minimizar o risco;
- Modalidades de invasão de privacidade pela Internet;
- *Hackers* e *Crackers*;
- *Cookies*;
- Engenharia Social;
- *Phishing*;
- *Spywares*;
- *Spam*;
- Negação de Serviço;
- Código Malicioso;
- Vírus;
- *Trojans* (cavalos de troia);
- *Adware* e *Spyware*;
- *Backdoors*;
- *Keyloggers*;
- *Screenloggers*;
- *Worms*;
- *Bots*;
- *Botnets*;
- *Bootkits*;
- Da responsabilidade civil e criminal;
- Do anonimato;
- Dicas para proteger seu computador;
- No Windows;
- Firewall;
- Windows Defender;
- Windows Update;
- Antivirus;
- O escritório;
- Fontes;
- Apoio.

Figura 24: Capa do guia “Guia prático para o bom uso da internet”. Fonte: MARIANI, Santos e Advogados associados. **Guia Prático para o bom uso da internet**. Curitiba/Paraná, 2009.

O “Guia prático para o bom uso da internet” tem como objetivo principal

[...] ensinar os jovens a lidar com a tecnologia de forma simples e segura, levando ao seu conhecimento, bem como de pais e professores quais são as implicações jurídicas advindas do mau uso da internet, as formas de ataque ao computador e dicas de prevenção. (MARIANI; SANTOS. p.05.)

A cartilha é voltada para pais e adolescentes, traz uma escrita objetiva e verbos no imperativo quando se refere à postura dos pais para com os filhos. É uma iniciativa de advogados associados de Curitiba/PR, contendo explicações jurídicas, que alertam sobre de quem é a responsabilidade de atividades desenvolvidas por usuários menores de 18 anos, ou seja, quem responde judicialmente são os pais/responsáveis.

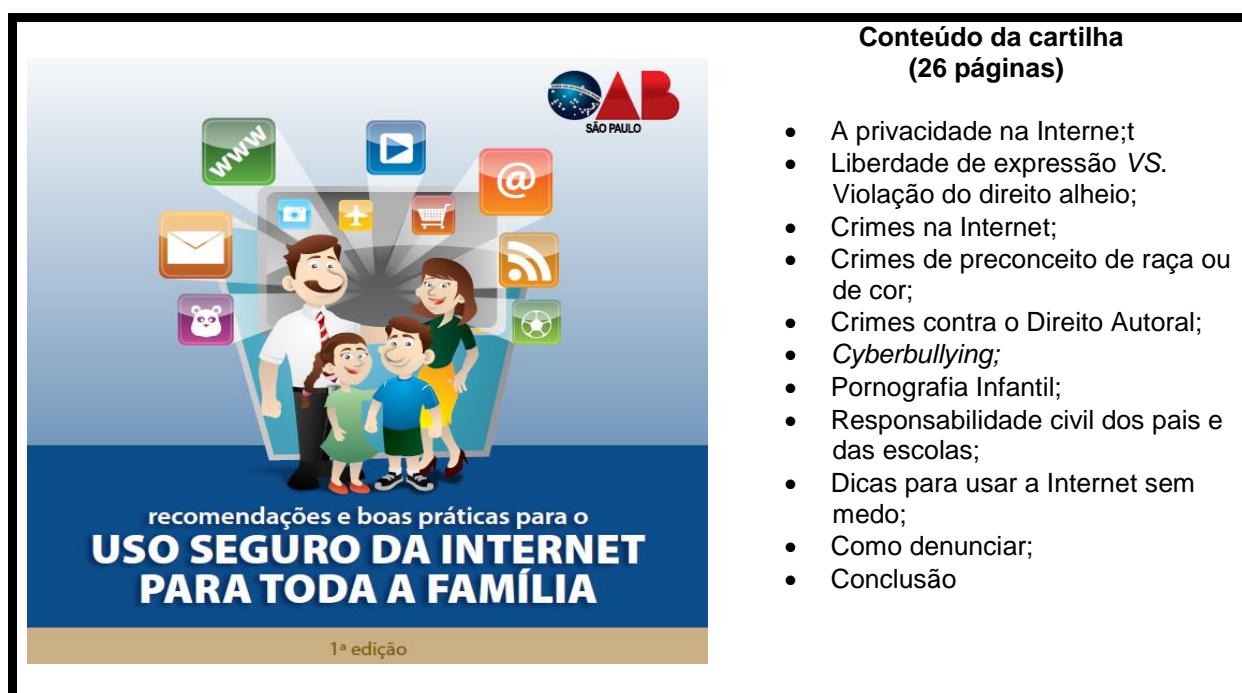


Figura 25: Capa da cartilha da OAB “Recomendações e boas práticas para o uso seguro da internet para toda a família”.

Fonte: <http://www.cnpl.org.br/arquivos/USO_SEGURO_DA_INTERNET_PARA_TODA_A_FAMILIA.pdf>.

A cartilha da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) “Recomendações e boas práticas para o uso seguro da internet por toda família” (lançada em 25 de outubro de 2010), foi elaborada por advogados

especialistas em direito digital em conjunto com Coriolano de Almeida Camargo, presidente da Comissão de Crimes de Alta Tecnologia da OAB de São Paulo. A cartilha além de estar disponível para download também é distribuída gratuitamente em formato impresso. (BLOGOSFERALEGAL, 2010).

As informações trazidas começam sempre pautadas em leis, Constituição Federal do Brasil de 1988 (CF/88), Declaração Universal dos Direitos Humanos e o Código Civil Brasileiro e aplicações dessas em casos de crimes eletrônicos.

A cartilha traz um item que merece ser comentado, pois diferente da maioria das cartilhas e guias aqui apresentados, essa traz para os pais e principalmente para a escola, (instituição que a nosso ver deve zelar e contribuir para uma educação voltada para a consciência digital), a responsabilidade de orientar e arcar com as consequências de um uso indevido da internet por internautas menores de idade.

Assim, ao causar um dano a alguém, é necessário que o responsável pelo mal cometido repare, civilmente, a vítima pelo ato ilícito que cometeu. Aliás, o próprio Código Civil Brasileiro prevê que responderá, civilmente, “todo aquele que, por ação ou omissão voluntária, negligência ou imprudência, violar direito e causar dano a outrem, ainda que exclusivamente moral”(art. 186 combinado com art. 197, Código Civil). Quando o ato ilícito for cometido por menor de idade, seus pais poderão responder pelos atos cometidos por seu filho. Além disso, caso o menor de idade utilize um computador de sua escola para cometer o ato ilícito, esta poderá ser obrigada a reparar a vítima pelo ato cometido por seu aluno. **Tal responsabilidade existe porque é obrigação dos pais e das escolas vigiar e cuidar de seus filhos e alunos, sob pena de responder, civilmente, pelos atos cometidos pelos menores.** (CARTILHA OAB, 2010, p.20, grifos nossos).

Sendo assim esse material traz para a escola e outras instituições de ensino, a responsabilidade de orientar seus alunos e funcionários quanto aos acessos dentro da instituição e a responsabiliza a partir de legislação vigente caso haja algum mal cometido a outrem por meio dos computadores institucionais.

Escola é condenada a pagar R\$ 5 mil a estudante ofendida

Em 2009, o Tribunal Regional Federal da 4ª. Região condenou uma Universidade a pagar indenização a uma aluna, que teve seu nome cadastrado, sem autorização, em um site de encontros com “garotas de programa”. Após ser apurado que esse ato foi feito dentro de um laboratório a Universidade, por um funcionário, a juíza entendeu que a responsabilidade é da instituição de ensino, pois, ao possibilitar a seus alunos a utilização de computadores conectados à Internet em suas instalações, obriga-se a zelar pelo bom uso dos equipamentos, respondendo por eventual falha na vigilância e conseqüente ocorrência de algum ato ilícito. (TRF 4ª. Região apud. CARTILHA DA OAB, 2010, p. 21 apud).

No mesmo item da cartilha, o leitor também encontra sobre as responsabilidades legais dos pais quando seu (sua) filho (a), menor de idade, comete algum ato ilícito na rede:

Pais são condenados a pagar R\$15 mil por ofensas na internet praticadas pelos filhos

Em 2008, a Justiça de Rondônia condenou pais de menores que criaram uma comunidade, em site de relacionamento, para ridicularizar um professor da escola onde os adolescentes estudavam. Após investigação, foi possível se chegar aos nomes dos responsáveis pela criação da comunidade. Na decisão judicial, foi considerado que ‘incumbe aos pais, por dever legal de vigilância, a responsabilidade pelos ilícitos cometidos por filhos incapazes sob sua guarda’. (CARTILHA DA OAB, 2010, p. 21).

Avançando um pouco mais nas estratégias de formação quanto ao acesso à internet destacamos também os eventos e sites que disponibilizam conteúdos e oportunidades de interação entre educadores e pessoas interessadas no tema.

A começar destacamos o “Movimento Criança Mais Segura na Internet”, que tem como proposta tornar obrigatória a disciplina “cidadania e ética digital”, que faria parte da grade curricular do Ensino Fundamental e Médio das escolas públicas e privadas. Essa proposta, ainda não foi apresentada ao senado, está no site (www.criancamaissegura.com.br) do movimento para que seja reivindicada a partir de um abaixo-assinado por meio eletrônico, e até o momento (31/07/2010) conta com a soma de 495 assinaturas. (I. START, 2010).

Além disso,

Para viabilizar esta proposta, o Movimento está capacitando pais, professores e voluntários a ministrar o conteúdo da disciplina, bem como está fornecendo o material didático gratuito para uso em sala de aula, através da Cartilha, dos Vídeos, e treinamentos de capacitação através do ambiente de Educação a Distância (EAD) que estará disponível em 2010. (I.START, 2010).

As pessoas interessadas têm a sua disposição a possibilidade de participar do movimento, cadastrando-se como voluntário para colaborar na formação de “usuários digitalmente corretos”, para as escolas existe a possibilidade de agendar uma palestra, até o momento (26/12/2010), de modo geral sem especificações quanto região do país e que tipo de escolas, o site do movimento indica que mais de 40 escolas já receberam os palestrantes somando 20 mil alunos e professores que receberam formação sobre cuidados necessários na internet. (I.START, 2010).

Outra iniciativa de interação direta com educadores e interessados, é a rede Nética (Ética + Internet), é um exemplo de:

Ambiente digital, livre e colaborativo que visa contribuir para o fortalecimento da rede de educadores que usam as Tecnologias de Comunicação e Informação (TIC) para educar e promovem o uso cidadão, ético e responsável destas tecnologias em todo o Brasil, facilitando os fluxos de informação, pesquisas, materiais pedagógicos, eventos, projetos e leis relacionadas ao uso ético e consciente das TIC. (NÉTICA, 2010).

A rede conta com 11 comunidades e 147 membros, que possuem interesse no tema “ensino da ética e bom uso da Internet” (NÉTICA, 2010), o espaço virtual (www.netica.org.br) ainda é restrito, pois quem se interessa em participar deve solicitar um cadastro e esperar ser aprovado pelos administradores do site.

Com maior abrangência a um público diversificado, destacamos a comemoração anual do “Dia Mundial da Internet Segura” (Safer Internet Day) organizada pela (INSAFE – “rede que agrupa as organizações que trabalham na promoção do uso consciente da Internet nos países da União Européia” (SAFER BRASIL, 2010). No Brasil o evento fica por responsabilidade da SaferNet Brasil, do Ministério Público e Comitê Gestor da Internet.

O Objetivo do evento é de:

Envolver os diferentes atores institucionais, públicos e privados, na promoção de atividades de conscientização em torno do uso seguro e responsável das novas tecnologias de informação, especialmente por crianças e adolescentes. [...] A proposta do evento é a responsabilidade compartilhada entre governos, educadores, pais, ONGs, veículos de mídia, indústria e outros atores relevantes na proteção dos direitos dos cidadãos no que se refere ao uso das novas tecnologias. (SAFERNET BRASIL, 2009).

Nesse dia são propostas diversas atividades para o público presente, bem como divulgação e distribuição de materiais contendo orientações sobre o acesso à rede, das atividades propostas à comunidade elencam-se:

- Campanhas de conscientização na mídia (inserção do tema na programação regular, produção e veiculação de campanhas informativas, anúncios, *websites*, comunidades, *blogs*);
- Concursos e games envolvendo crianças;
- Seminários com pesquisadores, provedores, pais e jovens;
- Coletiva de imprensa;
- Gincanas em escolas e
- *Chats* com especialistas. (SaferNet Brasil, 2009).

O Brasil participa da celebração Internet Segura desde 2003, em 2008 houve a participação de 56 países que se mobilizaram em prol da conscientização do uso ético e seguro da internet e demais tecnologias de informação e comunicação. Em 2009 a celebração ocorreu no dia 10 de fevereiro e em 2010 no dia 09 do mesmo mês, com o tema “Pense Antes de Postar” com a participação de cerca de 65 países, a programação do evento para o ano de 2011 já está disponível no site (www.safernet.org.br).

A diversificação de conteúdos que sejam bons e ruins, bem como as práticas na rede, tem gerado uma demanda onde a necessidade da população origina-se da apropriação de um conhecimento bem como um suporte que possibilite autonomia no que se refere a ações de prevenção, proteção e denuncia sobre atividades ilícitas como crimes contra a honra, pornografia infantil, roubos de dados e entre outros passíveis de execução na rede.

O reconhecimento dessa demanda incidiu ações datadas desde outubro de 2009, como uma ação colaborativa sobre a necessidade de se

elaborar uma legislação nacional que regule os direitos e deveres dos usuários da internet no país, trata-se de um projeto pioneiro, proposto pelo Ministério da Justiça e a Fundação Getulio Vargas, denominado de “Marco Regulatório Civil da Internet” que mobiliza a participação de políticos, jornalistas, sociólogos e legisladores, bem como a colaboração de internautas que totalizaram cerca de 800 contribuições, entre e-mails e comentários no site onde está o esboço da lei. (OLHAR DIGITAL, 2010).

Assim, o Marco Regulatório Civil da Internet, busca atender a demanda de uma organização do espaço público virtual, regulando questões como:

[...] privacidade, liberdade de expressão, direitos de acesso à internet, salvaguardas a sites e blogs, neutralidade da rede e dados do Governo [...] Deste modo esse projeto de legislação procura estabelecer um reconhecimento desses princípios em consonância com valores “respeitados e reconhecidos pelo Direito”. (ALMEIDA apud. OLHAR DIGITAL, 2010).

A primeira versão do documento apresenta-se da seguinte maneira:

MARCO REGULATÓRIO DA INTERNET

1. DIREITOS INDIVIDUAIS E COLETIVOS (EIXO 1)

- 1.1 Privacidade
 - 1.1.1 Intimidade e vida privada, direitos fundamentais
 - 1.1.2 Inviabilidade do sigilo da correspondência e comunicações
 - 1.1.3 Guarda de logs
 - 1.1.4 Como garantir a privacidade?
- 1.2 Liberdade de expressão
 - 1.2.1 Constituição Federal e Declaração Universal dos Direitos Humanos
 - 1.2.2 Conflitos com outros direitos fundamentais. Anonimato
 - 1.2.3 Liberdade de expressão na Internet
 - 1.2.4 O direito de receber e acessar informações
 - 1.2.5 Acesso anônimo
- 1.3 Direito de acesso
 - 1.3.1 Relações com a liberdade de expressão
 - 1.3.2 Acesso à internet e desenvolvimento social
 - 1.3.3 Facilidade de acesso

2. RESPONSABILIDADE DOS ATORES (EIXO 2)

- 2.1 Definição clara de responsabilidade dos intermediários
 - 2.1.1 Ausência de legislação específica
 - 2.1.2 Um regime de responsabilidade compatível com a natureza dinâmica da internet
 - 2.1.3 Procedimentos administrativos e extrajudiciais prévios
- 2.2 Não-discriminação de conteúdos (neutralidade)
 - 2.2.1 O princípio end-to-end
 - 2.2.2 Filtragem indevida

3. DIRETRIZES GOVERNAMENTAIS (EIXO 3)

- 3.1 Abertura
 - 3.1.1 Interoperabilidade plena
 - 3.1.2 Padrões e formatos abertos
 - 3.1.3 Acesso a dados e informações públicos
- 3.2 Infraestrutura
 - 3.2.1 Conectividade
 - 3.2.2 Ampliação das redes de banda larga e inclusão digital
 - 3.3 Capacitação
 - 3.3.1 Cultura digital para o desenvolvimento social
 - 3.3.2 Iniciativas públicas e privadas.

(CULTURA DIGITAL, 2010).

Até o dia 23 de maio a primeira versão do Marco Regulatório, conta com inferências por meio de comentários quanto aos tópicos previstos. Depois de completar então 45 dias de revisão pelos internautas a proposta será revisada e organizada e o anteprojeto seguirá para aprovação entre junho e julho para o Congresso Nacional. (CULTURA DIGITAL, 2010).

Considerando as diferentes ações aqui expostas pontuamos que, nenhuma cartilha ou guia faz considerações sobre o uso das informações disponíveis na rede a partir de critérios como confiabilidade, cientificidade e origem. Além disso, notamos a ausência de orientações quanto a conteúdos disponíveis na rede que tratem sobre saúde, drogas, incitação a violência e contra a vida.

Notamos também de maneira geral que esses materiais orientam seus leitores, pais/responsáveis e professores, para as seguintes posturas: uma refere-se ao acompanhamento e monitoramento de um responsável quando a criança ou adolescente acessa a internet, sendo prevista a mediação durante o acesso e monitoramento após ele. A outra postura condiz com o controle e restrição do uso, com a negociação de momentos e finalidades do acesso (ex: durante a semana para estudos, durante o final de semana para entretenimento), e que conta também com o uso de programas bloqueadores de sites, recursos estes interessantes quando se trata de restringir o acesso feito por crianças, já que muitas vezes os acessos indevidos ocorrem de maneira intencional.

O que fica claro é que por mais que sejam importantes as iniciativas dessas cartilhas, manuais e guias, ora voltados para pais, ora para pais e

professores, e por vezes para pais, professores, crianças e adolescentes, ainda faltam muitos temas a serem discutidos. Nestes materiais, existem apenas dicas e informações sobre a internet, mas em nenhum momento existe uma explanação que seja direcionada à crianças e adolescentes quanto à necessidade de comportamentos pautados em princípios de moral e ética que evidenciem uma formação para a vida em sociedade, para as interações sejam virtual ou real.

Observamos também limitações quanto à divulgação e abrangência dessas, sendo então ações isoladas diante da extensão do território brasileiro, seja por meio impresso ou por eventos essas ações tornam-se limitadas quando refletimos sobre seu alcance populacional, temporal e educacional.

Os eventos aqui apresentados ocorrem nos grandes centros do nosso país (São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraíba e Acre), o evento “Dia da Internet Segura”, por exemplo, dura apenas um dia, além de ocorrer em um espaço público (praças e parques) parte da temática é apresentada em algumas emissoras televisivas, no espaço virtual há discussões em Chats. Materiais disponíveis em meio digital não são muitas vezes alvo de interesse de crianças e adolescente ou ainda, nem são do conhecimento de pais e educadores.

CAPÍTULO III
FORMAÇÃO PARA A WEBSOCIABILIDADE

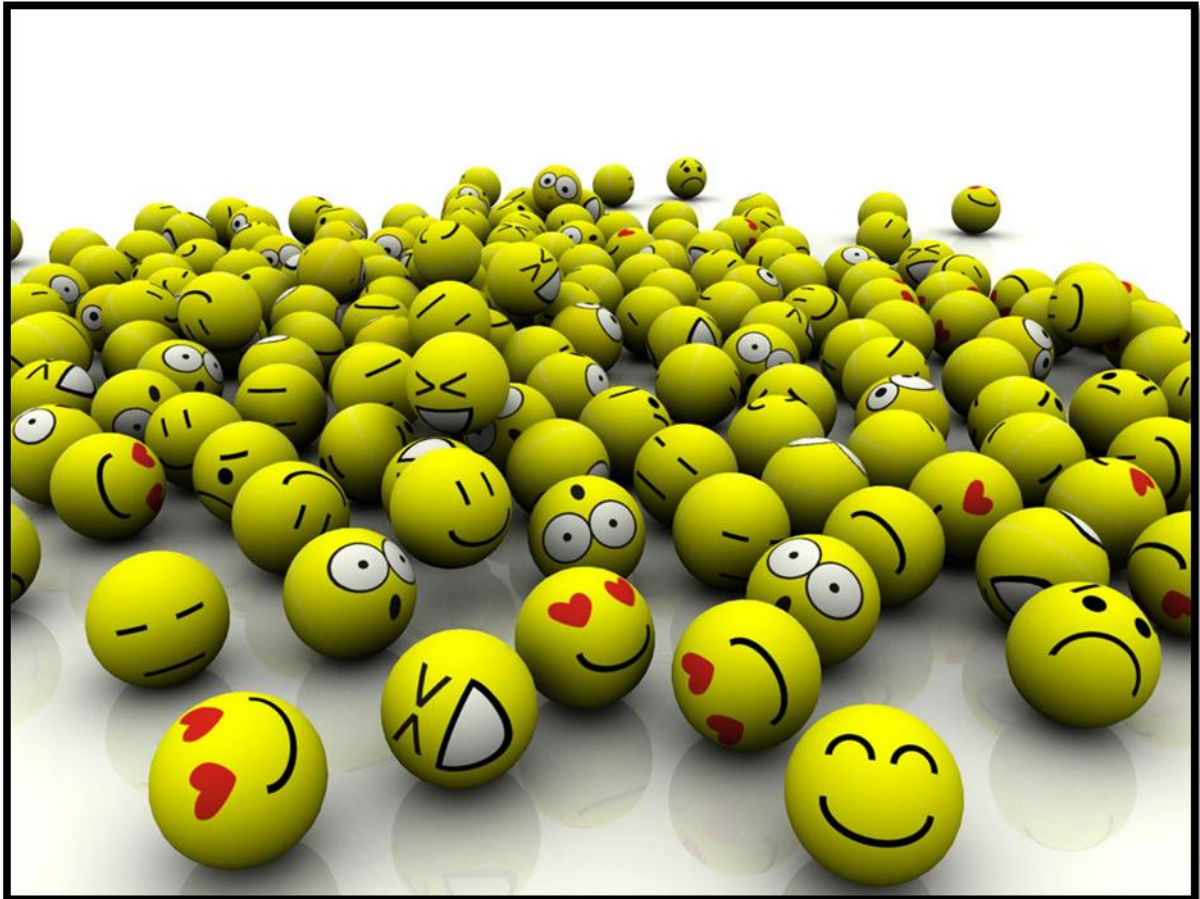


Figura 26: Emoticons – A expressão dos impulsos na internet.

Fonte:

<<http://m157.photobucket.com/albumview/albums/americanidiot813/Miscellaneous/Emoticons.jpg.html?src=www&action=view¤t=Emoticons.jpg&newest=1>>. Acesso em: 20 mar. 2011.

CAPÍTULO III

FORMAÇÃO PARA A WEBSOCIABILIDADE

Nossas interpretações quanto ao modo como as pessoas têm interagido com a internet demonstra-nos variáveis entre acessos tranquilos e exposições a diferentes riscos. Como riscos podemos definir como: exposição do internauta a conteúdos inapropriados à sua idade (e até mesmo ao seu discernimento); envolvimento consciente ou inconsciente em ações ilegais; exposição a golpes, fraudes, ameaças, assédios entre outras situações que perturbam a segurança ou a integridade pessoal de si mesmo ou do outro.

As diversificações de conteúdos próprios ou impróprios, bem como as práticas na internet têm gerado uma demanda em que a necessidade da população origina-se da apropriação de um conhecimento que possibilite autonomia no que se refere a ações de prevenção e denúncia sobre atividades ilícitas, crimes contra a honra, contra a vida e entre outros passíveis de execução na rede.

Neste último capítulo apresentaremos como é a dinâmica entre escola e internet, e acreditando na escola como a instituição melhor preparada para agregar a formação de crianças e jovens conhecimentos e ações formadoras para a websocialização, apresentaremos nossa proposta didática para esse fim, descrevendo a aplicação, os resultados e considerações sobre seus limites e possibilidades.

3.1 Esclarecimentos metodológicos

A princípio diante das evidências de nossas pesquisas idealizamos um momento suprimido e intenso de aprendizagens sobre os riscos e potencialidades da internet, porém conforme os aprofundamentos teóricos foram sendo feitos, além de considerações importantes da banca de qualificação, chegamos à conclusão de que essa aprendizagem necessária

faz parte de algo maior do que simplesmente uma ou duas semanas de práticas. Sendo assim a intervenção didática seria incompatível com estas e outras conclusões as quais chegamos conforme avançávamos nos estudos teóricos, principalmente sobre os processos civilizadores das sociedades (Elias, 1994). Assim seguindo as constatações estruturais das dinâmicas de adoção e exclusão de determinados comportamentos, concluimos que estaríamos propondo uma nova dinâmica processual de civilização direcionada para as relações na internet, e que por isso não teria resultados rápidos.

Além disso, pretendíamos com o final da aplicação da referida intervenção pedagógica, elaborar um guia de uso para os professores, para que a partir desse material, outras instituições tivessem a oportunidade de trabalhar a temática. Porém, a partir dos dados pesquisados em institutos de pesquisas como SaferNet Brasil (2009), que fez um estudo sobre a abrangência de suas cartilhas e eventos relacionados à conscientização do uso seguro e responsável da internet. Eles próprios diagnosticaram que de fato muitos educadores, pais e usuários da internet não conhecem nem os materiais nem os eventos.

Sendo assim chegamos ao entendimento de que esse meio, de intervenção pedagógica seguida da elaboração de um guia didático para os professores, não iria atingir a estimada proporção educacional. Deste modo, a partir de todas essas evidências, reestruturamos outro método de se chegar à escola, aos professores e alunos e propor uma formação para a websocialização.

As intenções dessa proposta didática debruçam-se principalmente na argumentação referente à crescente expansão de acesso e espaço cada vez maior das tecnologias no cotidiano brasileiro, além do entendimento que inclusão digital não é apenas a distribuição de computadores com acesso à internet e conhecimentos operacionais. Estar incluso digitalmente é ter acesso, conhecimento e informação que garantam um uso crítico sobre as limitações, potencialidades e riscos da rede.

A proposta didática que apresentamos é um exemplo de possíveis sistematizações sobre determinadas informações relacionadas a fenômenos ocorridos na internet, nesse caso as ocorrências deverão ser abordadas sob três aspectos: riscos, aprendizagens por meio da internet e prevenção. A organização das informações necessárias para a websocialização deve ter um caráter transversal que seja passível de encaixe nas diferentes disciplinas. Desse modo não apenas garantiremos a participação dos alunos na dinâmica normal da instituição de ensino, como também teremos a presença do professor titular na construção de mais essa aprendizagem.

A partir dessa formação almejamos que os alunos participantes ajam como multiplicadores dos conhecimentos construídos e adquiridos durante o exercício da proposta didática e que repassem a aprendizagem para pessoas próximas, como parentes e amigos, além, é claro, de praticarem no seu dia a dia uma postura responsável e consciente em suas interações na rede.

Pensamos em uma prática, que fosse flexível o suficiente para agregar a temática internet riscos e potencialidades aos conhecimentos do currículo, assim a intenção maior é de demonstrar para o corpo docente que é possível modificar o modo como a escola e os alunos interagem com a internet a partir de uma educação da própria instituição que balize as ações dos alunos.

- Agregar aos momentos de aulas o uso de conteúdos voltados para temas sobre os riscos e potencialidades da internet;
- Modificar a dinâmica escolar quanto ao uso da internet, bem como sua navegação;
- Mobilizar a escola como um todo para essa conscientização permanente;
- Dinamizar o uso da internet não apenas no espaço da sala de tecnologias, mas compor o cenário educacional em diferentes momentos, espaços e situações;

- Modificar práticas gessadas sobre o uso da internet como apenas um meio de informação e pesquisa, reconhecendo como um espaço de comunicação e relações sócio-culturais.

Demonstrado por meio dessas atividades desenvolvidas com 8º e 9º ano do Ensino Fundamental, o quanto os professores podem proporcionar uma formação sócio-cultural para o uso da internet, a partir da elaboração de atividades específicas, atreladas a assuntos e disciplinas do currículo, caracterizando-se como uma aprendizagem de abordagem contínua e transversal.

Pretende-se a partir desses conhecimentos que na escola o acesso à internet, não se restrinja a um conhecimento operacional limitado a pesquisa, informação e comunicação. Mas que se reconheça e inclua nas aprendizagens cotidianas da instituição o acesso à internet possibilitando aprendizagens principalmente a partir do entendimento sócio-cultural que essa mídia possui.

- Presença de objetivos/atividades específicas na proposta pedagógica da escola que estabeleçam aprendizagens condizentes ao uso responsável e consciente da internet;
- Realização de atividades específicas pela escola que ampliem o uso da internet para além de um locus de pesquisa e informação, entendendo-a como um ambiente de relações sócio-culturais;
- Reconhecimento da importância das atividades específicas pelos sujeitos da escola (alunos, professores, gestores e pais);

Deste modo o cenário de contextualização para aplicação da proposta didática vincula-se as hipóteses empiricamente percebidas e cientificamente comprovadas, por meio de questionários aplicados a pais, professores e alunos, no sistema educacional da cidade de Dourados, localizada no estado de Mato Grosso do Sul.

3.2 Contexto de aplicação da proposta didática

Dourados foi fundada em 1935 e atualmente possui cerca de 200 mil habitantes, sendo então considerada a segunda maior cidade do estado. Conhecida também por “Cidade Universitária”, pois possui 5 Instituições de Ensino Superior: a Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), a Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS), o Centro Universitário da Grande Dourados (Unigran), a Universidade Anhanguera Dourados e a Faculdade Teológica e Seminário Batista Ana Wollerman.

Em termos de sistema de ensino regular, a população conta com 34 Centros de Educação Infantil Municipal (CEIM), 42 escolas municipais distribuídas nas zonas rural e urbana, 27 escolas estaduais e 7 instituições da iniciativa privada.

As ações previstas na proposta didática estão direcionadas para o ambiente escolar, em uma amostragem que abrange instituições públicas e privadas do Ensino Fundamental, localizadas no centro e periferia da cidade.

Em Dourados a organização de salas de tecnologias é crescente, tendo o apoio dos Núcleos de Tecnologia tanto municipal quanto estadual, NTEM e NTE, que auxiliam as escolas com consultorias e acompanhamento de projetos escolares, além de prestarem formação para professores e coordenadores sobre sistemas operacionais chamados de softwares livres.

A proposta didática se direciona aos indivíduos de 13 a 14 anos de idade, respectivamente alunos do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental. Os indivíduos dessa faixa etária caracterizam-se por terem uma intensa vida social no ambiente virtual, pois 64% dos usuários de 10 a 15 anos dedicam cerca de 5 horas por semana de navegação na internet. (NIC.BR, 2008).

Além da observação quanto às preferências de acesso e dedicação ao ambiente virtual como um indicador de vulnerabilidade às experiências negativas na internet, bem como mal uso de conteúdos, seja por acesso, seja por disponibilizá-los, a escolha dos alunos nessa faixa etária vincula-se ao

momento que esses indivíduos estão vivenciando, ou seja, estão em mais um momento de autoafirmação, com perspectivas de ingresso no Ensino Médio, o que exige mais um processo de avançar na maturidade e responsabilidade por suas escolhas e ações, sendo então capazes de colaborar com discussões e reflexões acerca do acesso e uso de conteúdos disponíveis, avaliando assim aspectos negativos e positivos da rede.

As três temáticas elencadas como propícias ao ambiente escolar na situação de proposta didática piloto, foram organizadas em formato de planos de aula (anexo). São planos simples que envolvem conhecimentos das próprias disciplinas voltadas para o contexto do aluno e os fenômenos da internet. Todo material condizente com a proposta didática foi organizado em envelopes, além dos planos havia também os três questionários para coleta de dados sobre o conhecimento e acesso à internet, destinados para pais/responsáveis com nove questões, questionário destinado aos professores com no total de 12 questões e o questionário destinado para os alunos/filhos com no total de 15 questões (anexo).

Apresentamos nosso material para quatro instituições duas privadas e duas públicas, representadas da seguinte forma:

Legendas: de identificação das escolas

Escola Privada =	W\$	X\$
Escola Pública =	Y*	Z*

A primeira escola a ser visitada foi a Y*, a apresentação do material foi feita a uma das coordenadoras da escola que não era responsável pelas turmas do (8º e 9º anos), a princípio ela disse que seria interessante e que no caso, o melhor seria conversar com a coordenadora dessas turmas. Posteriormente retornamos à escola, a referida coordenadora da turma havia entrado de licença médica, e o espaço para a proposta foi negado.

Depois apresentamos nossa proposta à escola W\$, o atendimento partiu da secretária, neste dia não foi possível conversar com a coordenadora que estava em reunião, sendo assim a proposta foi explicada pra a secretária, a mesma esboçou interesse em ter a temática abordada em formato de palestras, foi explicado então sob quais critérios adotamos a intervenção didática em sala de aula ao uso de palestras, no fim a secretária manifestou desacordo com a proposta ao comentar que isso representaria “mais uma incumbência para a escola”.

Passados alguns dias o contato foi feito por telefone com a escola W\$, novamente a secretária insistiu com a ideia da palestra, já que a política da escola é de não abrir espaço para estagiários, intervenções e entrevistas, apenas permitem palestras e aplicação de questionários.

Mais uma vez foi explicado o porquê da opção de aulas a palestras, relacionando a necessidade desse tipo de aprendizagem caracterizar-se como contínua e contextualizada com os demais conteúdos e vivências dos alunos, os argumentos ainda traziam dados das próprias investigações da pesquisa, porém mesmo assim tivemos apenas autorização para aplicarmos os questionários sob ressalvas.

Passados alguns dias os questionários foram entregues à escola W\$ para que fossem aplicados aos pais, alunos e professores. Neste dia o atendimento partiu novamente da secretária, que solicitou a permanência do material da proposta didática na escola, pois a coordenadora só iria aplicar os questionários depois de estudar todo o material para então poder explicar aos alunos sobre a temática, nesta escola o prazo solicitado correspondeu a sete dias para a devolutiva, considerando que os alunos estavam em semana de provas.

A terceira visita foi feita na instituição Z*, o atendimento foi feito pela coordenadora das turmas, que solicitou explicações sobre a proposta, a mesma fez leituras sobre alguns textos e documentos presentes nos planos e solicitações de aplicação do material. Demonstrou muito interesse na temática, e comentou com outras coordenadoras sobre a proposta, e ainda

ressaltou sua opinião dizendo que “há tempos a escola já deveria ter inserido como tema transversal a temática sobre o uso responsável da internet”. As abordagens da pesquisa e a inserção na escola agradaram a coordenadora, e por ela o espaço para a proposta estava cedido, porém solicitou ficar com o material para que fosse apresentado aos professores para que avaliassem as possibilidades de aplicação.

A última instituição a ser consultada sobre a possibilidade de se aplicar a proposta foi a escola X\$, a apresentação da proposta foi feita para a diretora da escola, o material também ficou para apreciação. A diretora, porém, deixou claro que para esse tipo de atividade não basta que ela autorize, seria preciso que o material passasse por tramites hierárquicos de aprovação.

O planejamento da intervenção seria então de aplicar um plano de aula para cada turma, sem que houvesse a nossa intervenção mais que uma vez por turma, pressupondo que cada escola teria aproximadamente duas turmas da mesma série no mesmo período. Contávamos também com a possibilidade de trabalhar um período em uma escola pública e no outro na escola privada. Essa possibilidade teria sido acertada caso uma das escolas privadas tivessem autorizado nossa inserção, pois possuíam as turmas no período oposto das instituições públicas.

Por fim recebemos a confirmação da escola Z* quanto a possibilidade de aplicarmos nossa proposta com turma do 9º ano, período vespertino, nas disciplinas de Língua Portuguesa e Educação Física, a proposta dirigida a disciplina de geografia não foi aplicada, pois a coordenadora não conseguiu encontrar com o professor para apresentar os planos em tempo hábil.

3.3 A internet sob o olhar de pais, adolescentes e professores

Na escola, o uso do computador tem se mostrado cada vez maior e com bons resultados no desenvolvimento e aquisição de algumas aprendizagens, porém é utilizado ainda de modo limitado quando pensamos em suas contribuições a partir do acesso à internet.

As práticas educativas que envolvem essa mídia se encaminham a partir de restrições, que podem ser classificadas para evitar o uso polêmico da rede, ou seja, quando o acesso sai do controle, os alunos visitam salas de bate-papo, sites de relacionamentos, fazem trocas de mensagens instantâneas, visitam redes sociais, sites eróticos e pornográficos, buscam por comércio, jogos e etc.

Essa gama de conteúdos tem representado para escola e para os profissionais da educação uma barreira para o avanço educacional, pois seu uso é entendido como sendo a dispersão do aluno frente aos conteúdos disciplinares propostos nas salas de tecnologias. Além disso, liberar o acesso a esses e outros sites representaria uma postura adotada pela instituição, de confiança na conduta, bom-senso, responsabilidade, consciência e ética de seus alunos.

Seria então, confiar em uma educação para o uso da internet, adquirida fora do espaço escolar, ensinada por outra instituição. Como o aluno chega com uma educação provinda da instituição familiar, esta também teria sua origem em casa, já que não há outra instituição especializada na temática. Porém, a família cumpre pouco ou nada com essa educação, a justificativa para tal situação pode ser por falta de tempo, falta de conhecimento quanto à importância de orientações ao se acessar a rede ou ainda pela falta de conhecimento sobre o uso do computador e da internet.

Verifica-se então, que as condutas de acesso são adotadas conforme as experiências, interesses e conhecimentos de cada indivíduo em julgar suas atitudes e dos outros. Não há uma educação consolidada e nem mesmo oficializada que seja voltada para o fenômeno da internet. A escola,

diante disso, também se isenta das possibilidades de participar da formação de seus alunos, se ausenta de algo que cada vez é mais marcante na sociedade atual, ou seja, a necessidade que os indivíduos têm de saberem lidar com os conteúdos da rede.

Sem essa certeza de sucesso na confiança de uma postura responsável por parte de seus alunos, a instituição escolar opta pelo uso de softwares que bloqueiam a visita a sites indesejados, direcionando o uso da rede apenas para pesquisa, edição e comunicação restrita, marcando uma aprendizagem limitada sobre os recursos disponíveis no computador.

Assim podemos resumir, de modo geral, que as interações entre escola e internet se caracterizam da seguinte maneira:

- Não há na escola, em suas documentações (projeto político-pedagógico, plano de aula e projeto de aprendizagem), o planejar de atividades educativas direcionadas à formação dos alunos sobre o uso responsável e consciente da internet;
- As atividades desenvolvidas na escola com o acesso à internet pelos alunos restringem-se à pesquisa e comunicação limitada, configurando-se como um uso operacional;
- A escola ignora a importância e necessidade de atividades específicas voltadas para o uso da internet, restringindo seu entendimento e funcionalidade.

Os resultados dos dados coletados nos questionários vão de encontro com estas hipóteses sobre o entendimento e uso da internet nas instituições família e escola. Apresentaremos alguns dados coletados, destes os que mais chamaram a atenção, por trazer peculiaridades de semelhança ou oposição ao esperado.

Para a instituição W\$ (privada), deixamos 50 questionários (anexo) para os pais/responsáveis e alunos, de devolutivas tivemos 34 respondidos pelos alunos/filhos e 35 pelos pais/responsáveis, para os professores foram entregues 9 e de devolutiva recebemos 7.

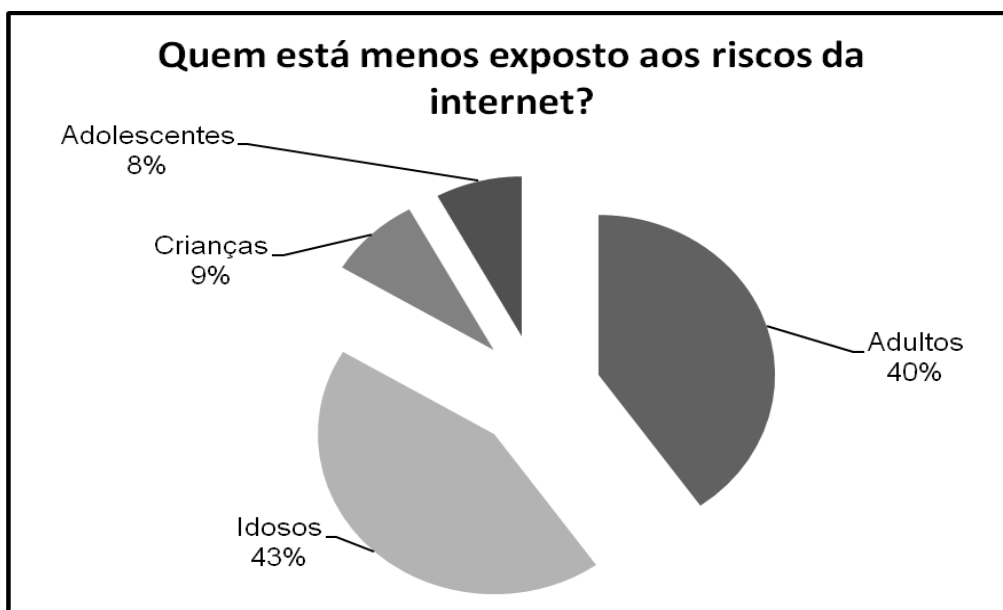
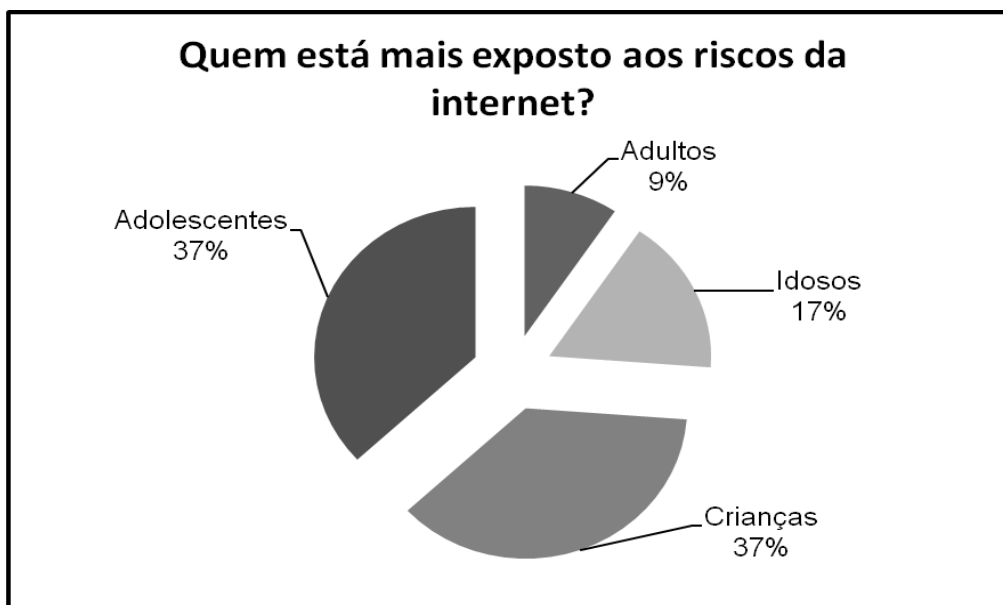
Na instituição Y* (pública), entregamos 20 questionários aos alunos e tivemos de devolutiva 17, posteriormente entregamos 15 questionários destinados aos pais/responsáveis e tivemos de devolutiva 4. Para os professores foram distribuídos 10 e tivemos o retorno de 5.

As variáveis também continuam nas somas dos percentuais, onde a soma das porcentagens nem sempre chegará a 100% de participação dos respondentes, pois tivemos questões que ficaram sem resposta, suponhamos que tenha sido por distração e outras de fato por dúvidas, assinaladas com ponto de interrogação.

Outra característica interessante dos questionários é que por mais que tenha sido de caráter objetivo, com no máximo cada com uma pergunta para escrever uma variável em outros. Observamos que os três grupos de respondentes quiseram nos passar informações para além do solicitado, expressões como pontos de interrogação em itens e anotações pessoais sobre as temáticas acabaram por acrescentar em nossas análises. Sendo assim apresentaremos os dados dos questionários de duas maneiras: fazendo um comparativo entre as instituições integrantes da nossa amostragem, ora unindo determinados resultados.

As intenções dos questionários destinados aos alunos vincula-se a necessidade de conhecer as percepções que eles têm com relação a internet, suas interações, os riscos e como observam as inferências da escola e dos seus pais/responsáveis com relação a este assunto.

Um primeiro dado interessante condiz com as respostas dadas sobre quem corre mais riscos de exposições na internet.

Gráfico 4: Quem está menos exposto aos riscos da internet?**Gráfico 5:** Quem está mais exposto aos riscos da internet?

Os idosos e os adultos são avaliados como pessoas que se expõem menos, sob dois aspectos, um condiz com frequência de acesso, para os alunos não existem tantos idosos que navegam na internet, pois a maioria tem como referência os avôs, e o outro aspecto relacionam-se ao entendimento de que os adultos são responsáveis e conscientes sobre seus atos.

Sobre quem está mais exposto na navegação os alunos elencaram a si próprios e as crianças, porém durante a tabulação dos dados, encontramos questionários onde a avaliação era contrária, onde podemos interpretar que a avaliação no momento de classificar entre mais e menos, foi relacionada não a maturidade, mas sim nas possibilidades de atividades que os adultos e os idosos têm ao acessarem a rede, por exemplo, realizar compras.

Percebemos que as noções entre as diferentes formas de se expor na rede, vinculam-se muito mais a imaturidade do que as possibilidades que todos os indivíduos têm de acesso a diferentes conteúdos sejam positivos ou negativos. O que reforça essa interpretação condiz com a resposta dada pelos alunos quando questionados se alguma vez acessaram algum conteúdo impróprio segundo a opinião de seus pais ou sua própria opinião. Dos 17 alunos respondentes da escola pública, 29% apontaram já ter acessado e identificaram o site de bate-papo do UOL (Universo On Line), já os alunos da escola privada 9% dizem ter acessado um conteúdo impróprio e apontam o Orkut.

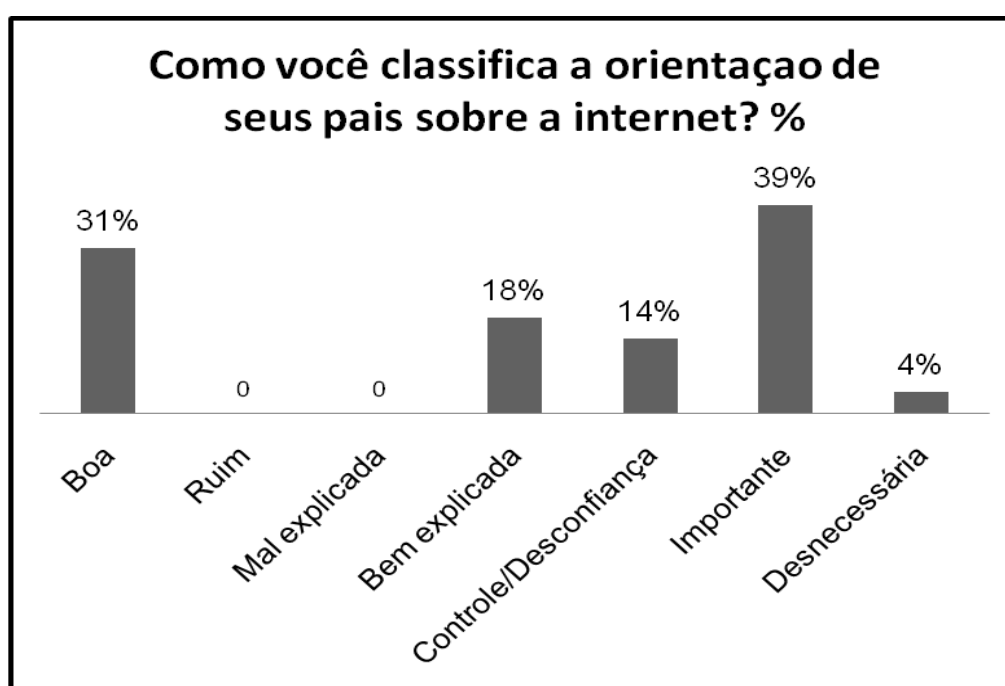
As noções entre certo e errado, perigoso e seguro, não estão bem estabelecidas no julgamento de suas ações na rede. O Orkut, site de relacionamentos, é para uso de maiores de 18 anos, porém na prática não é o que ocorre, acessar o Orkut nesse caso se caracteriza mais como algo errado, dependendo das interações os adolescentes estão muito mais expostos a situações de constrangimentos sociais. Já o bate-papo do UOL, vincula-se a riscos, nem sempre sabemos com quem estamos falando e esse fator pode significar exposição a algum tipo de dano, por exemplo, assédio, pedofilia e pornografia, diferente do Orkut que possui restrições de comunicação as salas de bate-papo são de trânsito livre.

Essas noções podem estar vinculadas ao tipo de orientação que estes alunos recebem de seus pais/responsáveis bem como o significado que tem para si. Quando questionados se recebem algum tipo de orientação dos pais quanto aos riscos da internet, 44% dos alunos da escola privada afirmaram sempre ter orientação, 46% apontaram que às vezes são

orientados e 6% nunca terem orientações sobre os riscos da internet. Já os alunos da escola pública 18% dizem nunca terem tido orientação, 29% indicam que as vezes há orientação e 53% dizem sempre serem orientados.

Na questão sobre quem se expõe a mais riscos nas internet os alunos se incluíram, e diante desse fato deixaram bem mais evidente que é importante ter orientação, sendo bem explicada ou não, ela se faz necessária.

Gráfico 6: Como você classifica a orientação de seus pais sobre a internet?



A mesma pergunta é feita sobre as orientações que eles recebem na escola, e a classificação é semelhante. A tendência de ver a orientação como importante fica na marca dos 29%, 12% avaliam que essa orientação tanto é bem explicada como mal explicada e 4% a entendem mais como uma desconfiança e controle por parte dos professores. As escolas não abordam a temática da internet como proposto nessa pesquisa, logo as orientações vinculam-se tão somente aos propósitos das aprendizagens disciplinares.

Um exemplo dessa prática é a elaboração de um blog por parte do professor, assim os conteúdos que serão trabalhados com a turma serão

todos buscados nesse ambiente, balizando o comportamento dos alunos ao acessarem a internet, além disso, orientam quanto os modos de pesquisa e o cuidado em apenas não copiar. Outra maneira de conduzir as atividades sem grandes conflitos está relacionada à internet enquanto premiação “se fizer o que peço, poderá jogar”, e uso de softwares bloqueadores.

Os bloqueadores tornam-se importantes quando pensamos que, por vezes, muitos conteúdos são acessados sem intenção o que gera constrangimentos e sustos. Assim sua presença na escola torna-se importante principalmente quando o acesso é feito por crianças. Porém os bloqueios devem ser ponderados já que muitas vezes acabam por impedir o acesso a ferramentas e serviços interessantes para o desenvolvimento de diferentes aprendizagens.

Sobre esse aspecto os alunos são da seguinte opinião: 41% consideram importante o bloqueio, 10% são a favor do acesso livre, 18% dizem que não é uma medida necessária e 4% alegam que os bloqueadores impedem o acesso a conteúdos importantes. Aos professores foi feita a mesma questão, 83% acham importante bloquear sites, 8% dizem que com o bloqueio fica faltando acesso a conteúdos importantes, como determinados vídeos do “Youtube” e e-mails, e 8% acham que não é necessário o bloqueio.

Sendo assim, aos professores questionamos quais tipos de conteúdos, ferramentas e programas disponíveis na internet eles usariam em suas aulas para as aprendizagens dos seus alunos. Listamos 14 itens, dos quais os professores deveriam organizar de maneira ordinal. Do total de 12 professores entre escola pública e privada 33% classificaram de 3 a 4 itens dos 14 apresentados (realizar pesquisas, visitar bibliotecas e museus e buscar por informações, ler revistas e jornais), alegando, por meio de escrita próxima da questão que os demais são desnecessários (Acessar e-mail; Assistir filmes ou vídeos; Assistir televisão; Divulgar vídeos; Fazer ou atualizar blog/fotoblog; Jogar online; Ouvir rádio; Participar de ambiente de realidade virtual; Participar de ambiente de simulação; Sites de relacionamento). Essas escolhas são condizentes com suas próprias atividades quando acessam a internet.

Além de ressalvas quanto à inutilidade dos demais 10 itens, alguns professores justificaram suas escolhas com outras observações escritas próximas aos itens: jogos e vídeos. A justificativa refere-se que ambos os itens foram apenas selecionados, pois foram entendidos como sendo educativos. Porém no questionário não há essa diferenciação, já que situações, jogos e conteúdos não são por si só educativos. Sendo assim começamos a distinguir uma marca de que o professor só vai até a STE se tiver em mãos algo que já é educativo, pronto e acabado ou algo que seja indicado pelo livro escolar. Cabe ao professor direcionar as aprendizagens e atribuir valores em suas atividades sejam elas originalmente educativas ou não.

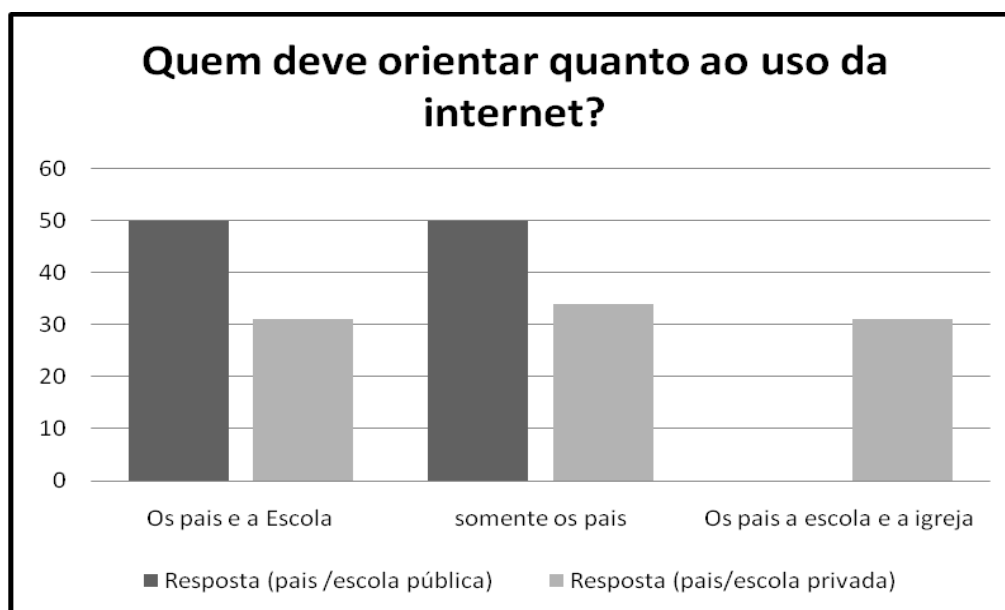
Os professores que responderam ao questionário se identificaram como sendo Pedagogas, Licenciados em Língua Portuguesa, Ciências Biológicas, História e Matemática, ministram aulas para o Ensino Fundamental e Ensino Médio. Dessas graduações 25% dos professores apontam que tiveram disciplinas de TICs e educação, 50% dizem não ter cursado nenhuma disciplina com essa temática, sendo assim 58% avaliam que sua formação graduação/especialização é adequada, porém sempre requer aprimoramentos e 33% avaliam ser insuficiente.

Dos questionários que entregamos aos alunos da escola pública para que seus pais respondessem, recebemos apenas 4 do total de 15, os alunos alegaram esquecimento, falta de tempo dos pais e falta de conhecimentos deles sobre internet, sendo o aluno o único a conhecer e acessar a internet. Já os questionários dos pais de alunos de escola particular apresentaram uma peculiaridade um tanto quanto interessante que contradizem nossas hipóteses sobre os conhecimentos dos pais sobre a internet e o papel que eles possuem para a websocialização, por isso iremos abordar as respostas de maneira separada fazendo comparações entre instituição pública e privada.

Aos pais questionamos se eles costumam conversar com seus filhos sobre o que eles têm acessado na rede, os pais de alunos da escola pública (P*) responderam em unanimidade que sempre questionam. Já os pais que

têm filhos em escola particular (P\$), 54% dizem sempre perguntar, 29% dizem que as vezes se interessam em saber e 26% o fazem frequentemente. Sobre acompanhar o acesso os (P\$) 9% apontam não acompanhar, 54% o fazem parcialmente e 31% sempre acompanham seus filhos ao navegarem na rede. Já os (P*) 25% acompanham 25% o fazem parcialmente e 50% não acompanham seus filhos fazem ou deixam de fazer na rede.

Gráfico 7: Como você classifica a orientação de seus pais sobre a internet?



A mesma pergunta sobre quem deve orientar a respeito do acesso à internet foi feita aos professores, 17% julgam que uma educação voltada para o bom uso da internet deve ser responsabilidade da família, 33% acham melhor que essa educação seja feita em colaboração entre pais e escola, 42% apontam a importância da escola, família e igreja para orientar crianças e adolescentes, 8% apontaram a necessidade de que exista uma instituição especializada para essa formação e 8% citou a mídia como a maior responsável.

A opinião dos pais (escola particular) sobre terem para si a responsabilidade de orientar e educar seus filhos para a websocialização chamou-nos a atenção quando cruzamos outras informações contidas em

suas respostas. Dentre elas as referentes aos seus conhecimentos sobre os riscos da internet, fenômenos tais como fraude, plágio, pedofilia, bem como se conhecem algum tipo de material que informa sobre esses casos, maneiras de prevenir, diagnosticar e denunciar.

Dos 33% dos pais que apontaram que a educação para a websocialização deveria ter como princípio na família desses 14% não conhecem 63% dos fenômenos por nós elencados como risco. Questionamos também se os pais conhecem algum material informativo sobre internet (guias, cartilhas, como as apresentadas no Capítulo 1), as opções de resposta eram: sim, mas não li; sim, eu li; não conheço; não conheço, mas tenho interesse em conhecer, 11% desses pais que se comprometem com a educação de seus filhos assinalaram não conhecer, em lugar de demonstrar interesse pelo material. Esses dados nos revelam que os pais não possuem conhecimentos suficientes para conduzirem, sozinhos, uma educação para a websocialização.

Outra questão que merece destaque relaciona-se ao percentual fora do esperado de pais que conhecem e tenham lido algum guia ou cartilha sobre internet. A contradição está entre o que foi lido e a ausência de conhecimentos dos fenômenos da internet, assim temos 34% de pais que marcaram ter lido um material sobre internet e desses 12 respondentes 5 não conhecem mais que 3 fenômenos de risco, elencados por nós a partir do critério de frequência abordada em cartilhas.

Essas informações deixam claro que a escola particular preparou tanto alunos como pais para as interações por meio da internet, e esse preparo por sua vez influenciou no preenchimento de nossos questionários. Nossa hipótese vincula-se a ideia de que juntamente com os questionários a escola tenha mandado um informativo sobre os riscos da internet, pois as respostas dos alunos sobre o conhecimento de algum tipo de material demonstram-nos que eles conhecem, mas não leram (18%), e 18% dizem ter lido.

Ficou explícito que os pais e alunos receberam material informativo, ganha força diante do fato que 100% dos professores não conhecem nenhum

material informativo, ou seja, além de não conhecerem por si só, a escola não compartilhou do material, desses professores 43% dizem ter interesse em ler guias e cartilhas sobre internet. A não partilha desse material pode estar vinculada aos últimos acontecimentos na cidade, que envolveu caso de pedofilia em duas escolas particulares e uma pública, praticado por um professor de geografia. Entregar esse tipo material aos professores poderia representar constrangimentos quanto suas condutas pessoais e profissionais.

A entrega de um suposto material sobre internet e seus riscos e prevenções, pode associar-se a dois eventos, o primeiro se vincula a necessidade de informar os pais sobre o assunto e tranquilizá-los demonstrando que a escola tem tomado medidas preventivas e educativas. Isso antes da nossa “interferência” no ambiente. Outra possibilidade pode vincular-se com a maneira pela qual a instituição interpretou nossas investigações, como por exemplo, entendendo que nosso objetivo seria o de medir o quanto o ambiente escolar se organiza diante das ultimas notícias da mídia e assim preparou alunos e pais para nos mostrar o quanto estão preparados para lidarem com as variadas situações.

Do mais, as iniciativas são válidas, por mais que se caracterizem como sendo superficiais e de grande interferência em nossos resultados.

3.4 Proposta didática

3.4.1 Temáticas escolhidas para proposta didática

As interações dos indivíduos por meio da internet resultam em diferentes fenômenos que se vinculam a exposição, a riscos ou infrações. A partir de pesquisas por nós realizadas listamos os principais fenômenos recorrentes que possuem cada qual sua importância de ser conhecido, discutido e evitado:

- **Ciberbullying**→ Na versão virtual são agressões e ofensas direcionadas repetidamente a uma pessoa na intenção de coagi-la, humilhá-la e ridicularizá-la no seu grupo de convívio.
- **Consumismo**→ o consumismo, compulsão por compras de bens e serviços que supera a necessidade do indivíduo. Por meio das facilidades de compra e mobilidade entre sites de vendas, o consumismo pode ser potencializado na internet. Além disso, a falta de cuidado no momento da compra pode acarretar prejuízos, como cartão clonado, embolso do valor da mercadoria sem a entrega da mesma e outros tipos de golpes.
- **Conteúdos sobre saúde**→ A má utilização de diferentes conteúdos, sobretudo os relacionados à dietas milagrosas e curas
- **Cracker**→ Termo usado para designar o oposto de Hacker, ou seja, cracker é aquele indivíduo que usa seus conhecimentos técnicos para fins antiéticos e ilegais, invadem sistemas de segurança, realizam espionagem, roubo, estelionato entre outros crimes que prejudicam pessoas e/ou empresas (SAFERNET BRASIL, 2011).
- **Deturpação de informações**→ Trata-se da divulgação de informações falsas, estes boatos possuem conteúdos alarmantes, geralmente são distribuídos por e-mails e anunciam situações, fenômenos ou ações exageradas, como boatos sobre sequestros de alguém conhecido, questões de saúde pública, organização de sociedades secretas e etc., tendo como remetente muitas vezes órgãos governamentais, instituições e empresas conhecidas. (CGI.BR, 2006).
- **Intimidade/sexting**→ Divulgação de conteúdos (mensagens, fotos, vídeos e textos) relacionados a intimidade, com apelo sexual ou erótico, que são distribuídos na rede com intenção de chacota ou vingança contra alguma desavença pessoal.
- **Ladrão de tempo**→ Atualizar-se sobre a vida do amigo ou parente vendo fotos e vídeos, participar de conversas instantâneas, trocar *e-mails* do tipo corrente, ou assistir a mensagens em *slides*. São práticas que demandam muito tempo sendo conhecidas como “ladrões de tempo”, pois despendem a

dedicação de um tempo razoável se não alto para serem realizadas e resultam em um baixo rendimento no trabalho e nos estudos.

- **Pedofilia**→ Nem sempre interagimos com pessoas bem intencionadas na internet, por meio de bate-papos, e-mails e redes sociais uma pessoa do outro lado do computador pode simplesmente se fazer passar por outra com idade e sexo diferentes. É assim que o pedófilo age quando encontra uma vítima em potencial, se faz de amigo da criança e aos poucos vai inculcando em suas conversas seus desejos sexuais pela criança.
- **Pesquisa e plágio** → Noções sobre como pesquisar, onde pesquisar e como escrever, são importantes para superar o conhecido “Ctrl+c/Ctrl+v”. Os conteúdos disponíveis na internet nem sempre são verídicos, ao se fazer uma pesquisa na rede é necessário seguir alguns critérios relacionados à confiabilidade, especialidade e cientificidade do *site*, além disso, a sistematização dos resultados da pesquisa deve ser feita de modo a privilegiar e citar o autor dos dados utilizados, caso contrário o conteúdo reescrito será classificado como plágio.
- **Pirataria**→ Copiar ou reproduzir músicas, livros e outras criações artísticas sem autorização do autor. (GVT, 2008).
- **Spam**→ são e-mails recebidos com conteúdos e remetentes desconhecidos e sem que tenham sido solicitados, esse tipo de mensagem costuma conter temáticas que nem sempre são do interesse do destinatário ou do conhecimento do mesmo.
- **Web texto/grafia** → Reorganização da escrita coloquial para uma escrita suprimida e rápida de se digitar no teclado do computador. Trata-se do uso dos fonemas das letras e junção de números para comporem palavras, por exemplo: “9dade” (novidade), “ksa” (casa). Esse hábito de escrita tem gerado erros de ortografia e caligrafia ilegível nas atividades escolares, dado preocupante principalmente para vestibulandos.

Todas essas temáticas tornam-se alvo de discussões e ensinamentos para quem acessa a internet, porém algumas temáticas foram descartadas por estarem vinculadas a situações muitas vezes entendidas

como tabus, como por exemplo, a pedofilia e pornografia, esse tipo de abordagem demandaria mais tempo e seria necessário também trabalhar mais profundamente com a instituição escolar e pais e/ou responsáveis. Outra temática polemica seria a questão da pirataria que envolveria discussões e valores mais densos sobre moral e ética, casos que também demandariam mais tempo.

Para nossa proposta didática elaboramos alguns critérios de seleção para filtrar nossas escolhas:

- **Maior ocorrência** → qual fenômeno ocorre mais.
- **Maior risco à vítima** → qual fenômeno da internet possui consequências diretas ao usuário.
- **Maior número de vítimas** → a quais fenômenos as pessoas estão mais expostas na internet.
- **Tempo** → disponibilidade dos professores, e adaptação de conteúdos para a aprendizagem sobre o uso da internet;
- **Possibilidades** → de discussões maturidade dos alunos no conhecimento, reflexão e discussão dos temas escolhidos;
- **Aplicação** → nível potencial de aproveitamento da aprendizagem, pelos alunos, professores e escola.

Assim para além das temáticas apresentadas escolhemos três, que deixamos para apresentá-las de uma maneira mais delongada, trazendo suas características, exemplos de suas consequências, bem como sua importância em ser tratada com o público jovem. Assim os temas abordados na proposta didática foram, “vício em internet”, “fraude” e “privacidade”, além de se enquadrarem nas três condições de trabalho educacional.

Vício em internet

O vício em internet é observado por uma série de comportamentos que evidenciam a ausência de um uso saudável e produtivo do acesso. Gradualmente a internet passa a ser a atividade central na vida do indivíduo, atividades do cotidiano como higiene pessoal, alimentação saudável e vida social, com amigos e família, vão perdendo espaço à necessidade de acesso contínuo às informações, comunicação e entretenimento online. (VEJA, 2010).

Estimativas de uma pesquisa da Universidade de *La Salle* (EUA) apontam para o quantitativo de 50 milhões de indivíduos que têm um comportamento compulsivo por acesso à internet, sendo uma fatia de um total de 1,3 bilhões de navegadores no mundo (levantamento feito pelo Internet World States). (UNIVERSIA, 2008).

A grande parcela afetada por essa dependência em internet são os adolescentes, fato explicado muitas vezes pela fase da vida, com momentos de isolamento e vergonha em que o acesso à rede figura-se como um refúgio, desabafo ou ainda em uma nova expressão de vida longe dos olhares do real, vício esse que também pode ser constatado em adultos e até mesmo em idosos.

Das pesquisas feitas em periódicos trazemos os depoimentos de que é ou tenta controlar o vício por internet:

“Com 14 anos, ganhei meu primeiro computador e fui, pouco a pouco, me tornando dependente dele, sem me dar conta da gravidade disso. Há seis meses, desde que concluí a escola e fiquei ociosa, ainda sem saber qual faculdade seguir, passo em média oito horas por dia navegando — e sempre me parece insuficiente. Na internet me refugio da timidez. Tenho um blog e frequento as redes sociais, onde já conto com 300 amigos e arranjei até namorado. Só me sobrou uma amiga dos tempos pré-internet, e as refeições eu faço apenas em frente à tela. Vivo num mundo tão à parte que, confesso, saio à rua e acho tudo estranho. Sou uma pessoa improdutiva, e o mais assombroso é que tenho total consciência disso. Ainda não procurei tratamento, mas talvez seja o caso.” Marília Dalabeneta, 18 anos. (VEJA, 2010).

“Há dois anos, minha relação com a internet deixou de ser saudável. Sinceramente, não sei em que momento eu perdi a medida. Entro no computador para trabalhar em meu projeto de conclusão de curso da faculdade e, quando me dou conta, estou às voltas com conversas infundáveis no Orkut. Isso me preenche. Sei que pode me custar até uma repetência, mas é irresistível. Já faltei a muita festa de amigo só para ficar on-line. Minha mãe acha que devo moderar, e talvez esteja certa. Cogito procurar ajuda médica. Hoje, nada no mundo faz com que eu me desconecte daquele computador — só o sono.”
Tiago Lourenço, 25 anos. (VEJA, 2010).

O primeiro sinal expresso pelo indivíduo que vive uma jornada longa de navegação na rede é o baixo rendimento escolar e/ou profissional, resultante de pouco ou nenhum momento de sono, (G1, 2008) e quando desconectado, o indivíduo apresenta certa ansiedade pelo momento de conectar-se novamente. Em longo prazo, a rotina de horas frente ao computador pode resultar em sintomas físicos como

[...] taquicardia, a sudorese, a secura da boca e as tremedeiras. [...] ainda resulta em problemas como comprometimento da postura, lesões por esforço repetitivo, como tendinite, obesidade ou subnutrição, devido a má alimentação, e deformidade na visão, atacada pela luminosidade do monitor. (FOLHA DE S.PAULO, 2006).

Além desses comportamentos, muitas outras atitudes podem ser observadas nos indivíduos que são viciados em internet ou ainda os propensos à desenvolverem essa compulsão, segundo observações feitas em pacientes atendidos no Núcleo de Pesquisas em Psicologia e Informática da PUC, elencou algumas características em comum de seus pacientes tais como:

Tabela 7: Evidências comportamentais de quem é viciado em internet.

Preocupação	O viciado fica constantemente preocupado com a internet quando está off-line e mal consegue pensar em outra coisa.
Necessidade	O indivíduo tem a necessidade contínua e crescente de utilizar a internet como forma de obter a excitação desejada.
Irritabilidade	Quando tentam reduzir seu tempo na internet, o adicto apresenta reação irritada e grande dificuldade de aceitação.
Fuga	Utilização da internet como forma de fugir de problemas, ou de aliviar sentimentos de impotência, culpa, ansiedade ou depressão é o modo como o viciado se relaciona com ela.
Mentira	O viciado tem o hábito de mentir para familiares e pessoas próximas com o intuito de encobrir a extensão do seu envolvimento com as atividades on-line
Prejuízos	Com o excesso de tempo na internet, o adicto compromete sua vida social e profissional, evitando compromissos off-line.
Lesões	O uso prolongado do computador causa problemas nas articulações motoras utilizadas na digitação, o que causa lesões por esforços repetitivos (LER)
Apatia	O viciado em internet tem falta de interesse em atividades que sejam realizadas fora da rede ou longe do mundo digital.
Sonho	Sensação de estar vivendo um sonho, durante um período prolongado na internet, é comum no dia-a-dia da pessoa com compulsão ao acesso.
Tempo	Tempo exagerado de conexão, aliado à má qualidade do uso da internet, é uma constante na vida do viciado. A forma da utilização da internet é o elemento determinante para definir se o indivíduo é viciado ou não.
Temas	Os temas abordados normalmente pelo indivíduo são relacionados, de forma direta ou indireta, com a própria internet.

Fonte: Folha S.Paulo, 2006.

Como já pontuado o vício em internet muitas vezes se configura como uma fuga da realidade. No caso de adolescentes esse fenômeno é mais recorrente por fatores relacionados às mudanças comportamentais e identitárias dessa fase da vida humana. Muitas vezes fazer parte de grupos e interagir com outras pessoas torna-se fácil quando há um computador mediando esses relacionamentos. Assim nossa escolha se pauta sobre a necessidade contextual de se tratar essa temática frente as nossas organizações de estudos, além de isolamento social o indivíduo viciado em internet compromete muitas de suas atividades diárias como alimentação,

higiene e socialização, além disso, compromete também sua estrutura física e o rendimento escolar.

Em nossos questionários obtivemos os seguintes percentuais quando questionamos os alunos sobre vício em internet, 51% marcaram não conhecer pessoas com esse tipo de comportamento, 41% dizem conhecer um amigo ou parente viciado em internet e 4% apontaram ser viciado em navegar por horas e horas na internet.

Fraudes

A fraude é um fenômeno recorrente na internet, para se expor a uma basta acessar algo. As tentativas de fraudes aparecem no formato de premiações instantâneas, publicidades de artigos ou serviços com um preço muito abaixo do comum, surgem em e-mails recebidos de contatos conhecidos e desconhecidos com mensagens do tipo “clique no link, você vai morrer de rir desta nossa foto” e existem ainda fraudes que envolvem diferentes instituições como os Correios, o DENATRAN (Departamento Nacional de Trânsito), bancos e lojas.

No ano de 2008 foram registrados 220 mil golpes pela internet, 39% a mais quando comparado com o ano de 2007. (EP TV, 2009). Não é porque reconhecemos alguns ícones de segurança, ou que conhecemos a pessoa que nos mandou o e-mail que estamos sabendo analisar e prevenir-nos contra as fraudes da rede.

Os golpes são organizados para lesar as vítimas principalmente monetariamente, por exemplo, um caso em Americana, cidade do interior de São Paulo, onde “uma empresa fantasma [...] causou prejuízo de mais de R\$ 150 mil em golpes contra clientes de um site. A firma vendeu diversos produtos à pelo menos 30 clientes, mas não os entregou.” (G1, 2010).

Além desses golpes feitos a partir de páginas falsas na internet representando instituições e lojas, há quem seja vítima de e-mails

fraudulentos. Esses e-mails podem ter como remetente alguém conhecido, porém que não o mandou, ou ainda possuir um endereço desconhecido. E-mails fraudulentos costumam conter links que quando clicados ativam programas conhecidos como maliciosos que agem do computador de maneira mecânica, apagando arquivos, espalhando vírus ou ainda roubando dados e enviando a outros computadores.

Desde 2008 está na rede um site da RNP (Rede Nacional de Ensino e Pesquisa) que orienta e educa os usuários da internet de modo a ensiná-los a se prevenirem e agirem em caso de fraudes na internet. A RNP hospeda a rede CAIS-Centro de Atendimento a Incidente de Segurança, lá o usuário encontra uma listagem de fraudes que foram identificadas com data, identificação de quem a enviou, características da mensagem ou página e qual tipo de programa malicioso possuem. Além da consulta o site ainda possui um link de acesso a um formulário para a notificação de incidentes de segurança. Na página estão disponíveis 1847 fraudes notificadas, seguem alguns exemplos:

Boletim de ocorrência

Mensagem falsa que usa o nome da Polícia Civil para enviar um boletim de ocorrência. A fraude alerta que caso a vítima não entre em contato será emitido um mandado de prisão. A fraude contém diversos erros de português. O link contido na mensagem leva a um arquivo malicioso que não foi identificado por nenhum antivírus no momento da análise. (CAIS, 2011).

Atualização de dados

Mensagem falsa do Grupo Santander solicitando que a vítima realize a atualização de dados Real internet banking. A mensagem informa que a atualização é obrigatória e que, caso não seja realizada, a vítima terá seu cartão e senha bloqueados. O link contido na mensagem leva a um site falso destinado a roubar os dados da conta bancária da vítima. (CAIS, 2011).

Webmail da Unicamp

Fraude em nome do administrador do Webmail da Unicamp informando sobre a necessidade de atualização da conta. A vítima é aliciada a responder a mensagem informando seu email e senha. (CAIS, 2011).

Além desse tipo de aviso, os próprios sites, que têm suas páginas falsificadas, disponibilizam em suas páginas oficiais explicações sobre sua política de comunicação com clientes que geralmente diferem muito das fraudes, além disso, orientam como agir.

Para estar exposto a uma fraude baste ter um e-mail, buscar fazer uma compra pela internet, participar de redes sociais, fazer cadastro em sites. Os conteúdos fraudulentos muitas vezes são gerados e enviados a partir de programas que captam informações na internet por meio de cadastros e sites. Adolescentes e jovens percorrem com o mouse por esses ambientes e muitas vezes pelas facilidades, possibilidades oferecidas podem sofrer ou expor outras pessoas a danos originários de fraudes. Em nossos questionários, 47% responderam estarem aptos a reconhecer tentativas de fraudes, 35% dizem as vezes saber reconhecer e 18% admitem não saber quando um documento é fraudulento ou não, desses alunos 6% dizem ter sido alvo de fraudes e 86% apontaram que nunca passaram por uma situação assim.

Exposição da Privacidade

Noções sobre o que deve permanecer na esfera privada e o que faz parte da esfera pública se definem para além de uma identificação pessoal sobre o que é ser tímido e o que é ser extrovertido. A publicação de determinados hábitos, gostos, dados pessoais, local de trabalho e escola, propriedades entre outras atividades que delineiam os espaços que frequentamos devem ser preservados de divulgação na internet. Esse tipo de informação quando divulgadas na rede além de atrair pessoas interessantes para negócios e relacionamentos atraem também pessoas mal intencionadas.

No Brasil e em outros países o excedente de informações tem gerado riscos aos participantes de redes sociais, além de divulgarem informações privadas como números de telefones, endereços residenciais, imagens com fachadas de casas, prédios, placas de carro ou pontos de referência, esses usuários muitas vezes não delimitam o acesso a tais dados

apenas por pessoas conhecidas, disponibilizando assim para qualquer pessoa que clicar.

Em São Paulo, por exemplo, policiais depois de investigarem caso de sequestro descobriram que os sequestradores despendiam de horas diárias para buscar informações de possíveis vítimas por meio de redes sociais, nesse caso o Orkut. As buscas eram direcionadas às imagens que ostentassem riqueza por parte dos usuários, a partir dessas informações sobre as condições financeiras e os hábitos das vítimas os integrantes da quadrilha passavam a frequentar os mesmos lugares que de seu alvo de sequestro a fim de terem mais comprovações sobre a escolha e as possibilidades para o crime. (FLORIANO NEWS, 2010).

Esta semana, o pai do estudante mantido refém em Ilha Comprida reconheceu, ao Fantástico, que o filho expôs informações demais na internet. “Ele fica trancado no quarto dele. Acessa [internet] quase todos os dias. Todos os pais têm que estar mais presentes, porque eu não estava muito atento”, afirmou. [...] O estudante foi libertado pela polícia e nove sequestradores foram presos. Um deles, segundo a polícia, é de uma família de empresários de renome na região de Sorocaba. As investigações apontam que, em um mês, a quadrilha praticou dois sequestros e possuía uma lista de novas vítimas. (FLORIANO NEWS, 2010).

A partir de uma pequena informação e com a ajuda de buscadores e outras ferramentas da internet é possível fazer um levantamento do perfil da pessoa seja para o bem ou para o mal como roubo, sequestro entre outras violências.

Para os usuários adolescentes divulgar determinadas imagens e dados pessoais significa atrair amigos com interesses em comum, afirmar um *status* sobre algo valorado entre seus pares. O divulgar de certos dados representam também o pertencimento a algo, e nessa ânsia e ingenuidade por ser conhecido é que se ultrapassam os limites entre o que é público e o que deve ser mantido no privado.

3.5 Aplicação e resultados da Proposta Didática

A aplicação da proposta teve início na segunda-feira dia 21 de março, período vespertino com a turma do 9º ano C, composto por 20 alunos. A segunda aula seria a disciplina de Educação Física (segunda aula no período), as hipóteses giravam em torno de um descontentamento por parte dos alunos ao interferirmos justamente na aula que é referência de diversão e lazer. De fato o descontentamento foi em proporções maiores, já que as notícias que os alunos tinham, era a de que o professor tinha faltado, e a partir disso correram em direção da quadra. Porém a situação era a de que o professor havia se atrasado e, além disso, havia se esquecido da intervenção que estava marcada para aquela segunda-feira.

Depois dos alunos organizados novamente na sala, o professor avisou-os sobre a proposta didática e a conseqüente mudança em seus planos. A princípio estes não colaboraram muito, porém conforme fomos conversando sobre os tipos de atividades de lazer e educação física, evidenciando suas preferências, a conversa encaminhou-se bem. Quando chamados a preencherem um organograma no quadro participaram espontaneamente e foram expressando bem mais suas opiniões, até que mencionaram a internet. A partir de então foram distribuídos os questionários.

O professor permaneceu na sala durante a aplicação da proposta e por vezes colaborou nas discussões fazendo inserções e comparações sobre hábitos saudáveis e vícios, citou exemplos e por vezes pediu silêncio aos alunos e os ameaçou com a possibilidade de restrição a próxima aula e educação física.

Em um bom ritmo, os alunos, responderam ao questionário, porém a turma se dispersou a partir do momento em que uma aluna com baixa-visão precisou de auxílio para preencher sua folha, já que a ampliação não foi o suficiente para que o fizesse sem ajuda.

A retomada às discussões ocorreu a partir da organização dos alunos em grupos, textos sobre vício em internet, vídeo game e televisão,

foram distribuídos entre eles, a atividade era de uma leitura rápida para discussões sobre os aspectos positivos e negativos dessas atividades de lazer, bem como suas opiniões pessoais sobre o assunto. Porém o tempo ficou restrito com discussões fragmentas e dispersas a atenção de todos.

No dia seguinte, 23 de março (terça-feira). A inserção da proposta desta vez foi nas duas aulas da disciplina de Língua Portuguesa (duas últimas aulas), com uma conversa mais calma, foram apresentados de modo oral alguns dados da própria dissertação e como estes aparecem no corpo do trabalho, a partir dessa fala inserimos nas aprendizagens as noções de gênero textual e tipos de texto, previstas no planejamento para essa disciplina (anexo).

Juntamente com os alunos fomos organizando no quadro, algumas características dos gêneros textuais e quais tipos de texto eles englobam em suas estruturas. Por fim a partir dessas noções, entramos na temática fraude, a partir de análises de situações do cotidiano contadas pelos próprios alunos, fomos traçando características que compõem um texto fraudulento em e-mail e um texto verídico.

Neste dia os alunos colaboraram mais, e participaram com várias inserções, leituras e distribuição de material. Por fim foi como tarefa à turma teria que conversar com alguém, amigo ou família, sobre e-mails fraudulentos e ainda trazer impresso ou ter um exemplar em seu e-mail.

Obedecendo ao horário das aulas, retornamos a instituição na quinta feira (24/03), na segunda aula na disciplina de Educação Física, onde mais uma vez houve um descontentamento por parte dos alunos. E na terceira aula com na disciplina de Língua Portuguesa.

Na aula de educação física o professor se fez presente de maneira breve, para apenas se certificar de que desta vez os alunos se comportariam e colaborariam com as atividades, do contrário as atividades se encaminhariam utilizando suas aulas até que se chegasse à conclusão. Como na aula de Educação Física a proposta teve momentos de dispersão entre os alunos, foi feita uma retomada das discussões e depois os alunos organizaram-se em

grupos para confeccionarem cartazes informativos sobre o vício em internet e a importância de se praticar atividades físicas.

A primeira ideia seria de que os alunos montassem pequenos panfletos explicativos feitos no computador, utilizando informações sobre os textos e discussões da aula anterior, porém na semana de execução da proposta, a sala de tecnologias educacionais (STE) estava no período da tarde reservada para uso das demais turmas, tendo apenas um horário disponível no horário da disciplina de Língua Portuguesa, horário este que agendamos para uso.

Sendo assim na aula de Educação Física os alunos se organizaram em cinco grupos e cada grupo ficou responsável em confeccionar cartazes para afixar nas paredes do pátio da escola, chamando a atenção dos demais alunos da escola sobre a importância de se dosar o tempo de acesso a internet. Para quem não queria perder mais uma aula de Educação Física os alunos, se distraíndo com a confecção dos cartazes, excederam o horário da aula e findaram o trabalho no início da aula de Língua Portuguesa, na qual continuaríamos trabalhando sobre gêneros textuais e a identificação de e-mails fraudulentos.

Conforme os alunos foram finalizando seus cartazes, dirigiam-se à STE, onde iríamos fazer um trabalho de busca e reconhecimento de e-mails fraudulentos. Parte da sala ficou terminando os cartazes com em companhia da professora de Língua Portuguesa e parte nos acompanhou para as buscas nos e-mails, tarefa dada na aula anterior (um aluno até trouxe a atividade pronta e impressa, apêndice), já alguns comentaram que haviam pedido para amigos e familiares mandarem no e-mail.

Em frente aos computadores os alunos ligavam o bate-papo e conversavam entre si por mensagens instantâneas, cômico. O interessante foi que muitos não sabiam acessar o próprio e-mail, não apenas por terem esquecido a senha, mas por não saber o endereço e nem como acessarem a página do site. Eles diziam: “Professora eu tenho Orkut e MSN, em qual dos

dois eu procuro?"; "Professora eu só tenho Orkut, não tenho e-mail..."; "Professora não sei entrar no meu e-mail do MSN, lá em casa é diferente!".

Essa de dificuldade de acesso aos e-mails por parte dos alunos não estava prevista e acabou por atrasar a conclusão da atividade, por mais que tivéssemos a noção de que a escola não disponibiliza espaços nas atividades na STE para acesso ao e-mail, esperávamos que os alunos tivessem uma interação maior com essa ferramenta fora do espaço escolar. Algumas alunas improvisaram duplas para poderem utilizar dos e-mails da amiga para finalizar a tarefa, porém o e-mail da amiga não continha nada na caixa de e-mail. Por fim apenas dois alunos entregaram a atividade, outros souberam diferenciar e-mails fraudulentos dos demais, porém não houve tempo para que inserissem comentários e argumentos que os validassem como tal.

A percepção a partir de dados sobre as dinâmicas interativas entre as instituições família, escola e mídia com a internet, firma ainda mais as discussões feitas no capítulo 1, ou seja, as aprendizagens comportamentais perpetuadas de geração em geração já não sustentam preceitos aplicáveis nas novas relações sociais que extrapolam o presencial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os grandes avanços tecnológicos na maioria das vezes representam mudanças e transformações sociais. Em contínua expansão a internet tem possibilitado a execução de diferentes atividades por diferentes pessoas. Tornar-se um internauta não requer habilitação para navegar, licenciatura para se expressar ou permissão para acessar, não há limite de gênero, cultura, idade, horário. E por conta dessas características que prestam autonomia aos indivíduos, mais e mais pessoas se interessam em fazer parte desse universo que já não é tão paralelo assim.

Noções de autonomia e liberdade vivenciadas entre cliques e visitas a sites, jogos, bate-papo e entre outras possibilidades multimídia, convergiram em um acesso livre de preocupações e desconfianças sobre o que poderia vir a ser prejudicial a si ou ao outro.

O entendimento e condições de se estabelecer vivências e experiências entre os dois espaços: o presencial real e o remoto virtual, resultou na construção de uma ideia de que real e virtual referem-se a fenômenos opostos como concreto e abstrato, e de maneira mais objetiva o concreto nós sentimos e o abstrato ninguém vê ou conhece. Deste modo entre consequência e inconsequência os indivíduos foram ampliando suas zonas de exposição e interação.

Aos poucos alguns indivíduos a atribuíram à internet uma função de alçapão do que não pode ser feito no mundo real, ali tudo é jogado ou acessado por meio das válvulas de escape de cada indivíduo. As possibilidades de anonimato e o ingênuo entendimento de perenidade do que é feito na rede, deram margem a mudanças comportamentais das quais são inaceitáveis por nossa sociedade em instâncias tradicionais de convívio social presencial.

Estar à mercê desse tipo de entendimento resulta em modificações comportamentais com consequências que muitas vezes têm suas origens no meio virtual e acabam por desembocar na vida real. Ou seja, real e virtual já

não são mundos paralelos onde os acontecimentos não transpõem seus limites fronteiriços, pelo contrário o transpor de limites na internet é que tem resultado e caracterizado a rede, não apenas, como um espaço de comunicação e aprendizagem.

Expressões sobre esse uso desmedido aparecem em fenômenos como, vício em internet, fraude, roubo de dados, exposição da intimidade e privacidade, *ciberbullying*, calúnia, difamação, crime contra a honra e etc., são algumas das tantas outras ocorrências.

Ao nos defrontarmos com esse tipo de situação, averiguamos que os níveis de tolerância trazidos por estudos sobre os processos comportamentais, perpetuados e praticados por representarem importância à manutenção da vida em sociedade, foram flexibilizados nas interações virtuais, demarcando a ausência de uma educação para o que chamamos de websocialização.

A ausência de balizas comportamentais e a resultante desse processo, assimilação e adequação da tecnologia pela sociedade, possibilitam que diferentes pessoas vivenciem os chamados constrangimentos sociais.

Os indivíduos, de modo geral, a partir da praticidade de acesso e curiosidade aprendem por si só a navegar pela rede. Alguns frequentaram escola com curso específico de informática, porém tiveram suas aprendizagens direcionadas para conhecimentos operacionais, que não possibilitam o entendimento social-cultural de suas atividades na rede. A família como constatado por meio de questionários, muitas vezes não dispõe de tempo ou conhecimento para orientar seus filhos, e já sabemos a partir das teorias dos processos civilizadores que, os ensinamentos que os pais passam para seus filhos é a perpetuação do que eles enquanto crianças e jovens aprenderam com seus pais. Sendo assim a educação para a socialização provinda da família contempla apenas os modos tradicionais de interações pessoais.

Dedicar atenção a esses fatos requer que pensemos então como lidar, com esse fenômeno interativo que é a internet, e que carrega consigo

tanto aspectos negativos como positivos, que podem ser acessados por crianças e jovens a qualquer clique. Dedicar atenção ao fenômeno da internet seria formar indivíduos para potencializar o que há de melhor na internet, ou seja, a expressão, criação, educação, comunicação, colaboração, interatividade e construção das relações sócio-culturais, além disso, possibilitar aprendizagens que resultem em ações preventivas, conscientes e responsáveis.

Aprendizagens para a websocialização provindas de eventos e materiais impressos são importantes, porém não tem atingindo um grande público. Muitos materiais possuem linguagens difíceis, são extensos e nada objetivos, ou ainda apresentam-se como superficiais e raramente vinculam-se a uma organização para consulta. Professores, alunos e pais principalmente de regiões que não pertencem ao eixo sul e sudeste não participam de eventos como os produzidos pela SaferNet.

Os materiais impressos são distribuídos gratuitamente e também estão para *download*, porém poucos sabem ou percebem a importância de se pensar sobre as atividades desenvolvidas na rede. Um exemplo é que coordenadoras de uma das escolas vistas durante a pesquisa, espantou-se ao saber que havia cartilhas e guias sobre o acesso responsável à internet, durante a conversa informal, foram dadas algumas características desses materiais, e a coordenadora reconheceu que de fato na escola, na biblioteca eles possuíam o livro do Menino Maluquinho sobre internet.

A escola por sua vez, a partir dos dados coletados por meio de questionários, tem para si que seu uso da internet é o suficiente, e que as demais ferramentas fora do rol de comunicar, informar e pesquisar, não são necessárias. Os professores por sua vez observam a necessidade de uma educação para a interatividade na internet e até incluem sua instituição de trabalho como sendo um espaço propício. Porém o que foi observado refere-se a muito mais do que abrir possibilidades para essa formação, os próprios professores muitas vezes não se veem construtores de material didático para

suas aulas, e quando vão para a STE contam com o uso de softwares elaborados para cada disciplina e turma.

Esse tipo de inserção e utilização da STE é importante e interessante para as aprendizagens, porém não se vinculam a possibilidade de se construir uma formação para a websocialização e tão pouco representa a aplicação de conteúdos curriculares ao contexto de vivência dos alunos.

Ao propormos que a instituição escolar seja o espaço para a formação e prática da websocialização, sabíamos deste quadro de limitações quanto ao acesso à diferentes ferramentas da rede. Mas também o potencial de aprendizagens que a aplicação da proposta didática teria para ser desenvolvida, bem como as potencialidades que essa traria a partir de suas proposições à dinâmica escolar.

A partir de estudos teóricos sobre os processos comportamentais pelos quais pessoas e sociedades passam, aos poucos a proposta didática foi sendo entendida mais como uma demonstração do que é possível fazer, e como por meio dela à longo prazo o que é possível modificar no espaço escolar e nas interações entre as pessoas.

Assim as avaliações sobre os resultados da aplicação referem-se mais aos momentos da prática, pois submeter às aprendizagens dos alunos a algum tipo de avaliação que pudesse dimensionar o antes e o depois, da aplicação da nossa proposta, seria ir contra ao princípio que justificou abordarmos as temáticas sobre a internet de maneira transversal, contínua e relacionada com outras aprendizagens do currículo escolar. Seria ignorar a necessidade de levar essas aprendizagens como um processo de resultados a longo prazo dentro e fora da escola, onde palestras e leituras informativas sobre os riscos e potencialidades da internet não demandariam os resultados esperados em um período maior.

Quanto à avaliação da prática, essa tem seu parâmetro a partir dos objetivos que foram ou não alcançados durante sua execução, não solicitamos que os professores ou coordenadores dessem-nos algum tipo de parecer, não

teria veracidade, já que a proposta foi apenas aplicada a uma turma e em um período e isso seria expor os professores a um constrangimento que os limitasse a registrar o que verdadeiramente acharam.

E assim dentre o que esperávamos que ocorresse temos o lado positivo e o negativo. A começar pelo negativo foi que por ser de fora e não ter havido uma organização colaborativa entre mestrandos e professores durante a aplicação da proposta os alunos colaboraram, porém por vezes se sentiram na vontade de não fazer, de não participar.

Teria sido importante uma organização dos conteúdos mais próxima do professor em uma colaboração entre os conteúdos específicos os quais ele possui conhecimentos somados aos conhecimentos adquiridos a partir da elaboração dessa pesquisa. Assim com a figura do professor titular da sala, as aprendizagens teriam ganhado um maior grau de seriedade por parte dos alunos.

Outro fator que nos impossibilitou a tomada de outras conclusões foi o fato de não conseguir aplicar a proposta na instituição privada, o que marca que mesmo diante dos fatos a escola ainda assim, fecha os olhos para algo que palestras e informativos não estão dando conta de resolver. Impossibilitando estabelecer comparações entre práticas e resultados de aplicação.

Por fim as considerações que revelam saldos positivos da proposta referem-se primeiramente, no interesse da escola pública em abrir suas portas para nossa intervenção, essa situação não pode ser apenas interpretada como disponibilidade da escola, mas também como interesse, esboçado pela coordenadora, em intervir na realidade negativa dos fenômenos da internet. Posteriormente, por mais que não tenha havido a participação esperada, o aceite dos professores em ceder suas aulas também representou uma parcela de conscientização quanto a importância de se tratar o tema em sala de aula.

Essa aceitação revela mais um objetivo alcançado, pois se vincula ao fato das temáticas de risco, fraude e vício em internet, estarem inseridas de maneira correta nos conteúdos e abordagens específicas das disciplinas de

Língua Portuguesa e Educação Física. Apresentando assim as flexibilidades desejadas de um plano de aula passível de adequações quanto a outros conteúdos e temas relacionados aos riscos da internet, e utilizando das potencialidades também da internet para a construção e prática dessas aprendizagens.

Observamos também frente a participação dos alunos, por mais que a princípio agiram de maneira esguia, quando passávamos às discussões e conversas sobre suas atividades na internet pudemos contar com a participação de mais da metade da turma. Assim contemplamos mais um objetivo que seria então da adequação das temáticas a fatos dos quais os alunos conhecessem ou já tivessem ouvido falar. Quanto mais situações contextualizadas com as vivências dos alunos maiores são as possibilidades de se construir e valorar uma aprendizagem.

Assim agregar aos conhecimentos do currículo informações sobre a internet que venham a colaborar para a websocialização, vincula-se a estabelecer aprendizagens e práticas que não destoam do cotidiano do aluno, como uma excursão, não que avaliemos essa prática como negativa, pelo contrário. Porém momentos de aprendizagens que destoam muito do que os alunos estão acostumados muitas vezes geram distração, falta de seriedade ou até mesmo esquecimento depois de um tempo. Porém se adotado pela escola a formação para a websocialização poderá ocorrer de modo transversal, assim como estipula os PCN.

Organizar práticas voltadas para a websocialização representa pensar um processo contínuo, lento com nuances entre avanços e retrocessos, comuns nesses ajustes sociais, compreendidos como processos civilizadores. Seria então levar para o ambiente escolar, possibilidades organizacionais no cotidiano de alunos e professores em conformidade com as demandas e ritmos diferenciados.

Pensando à longo prazo a prática de uma educação websocializadora por parte da escola, possibilitaria o uso da internet para além das três atividades, comunicação, pesquisa e informação. Seria expandir

as potencialidades educacionais da internet dentro da escola. O uso de softwares ainda seria necessário, porém não mais com o bloqueio de tantos sites, programas e ferramentas como na atualidade. Tudo porque além de saber usar, os alunos teriam os conhecimentos dos riscos, de como se prevenir e como se portarem diante da diversidade da rede.

Com escola trabalhando essa temática de maneira, contínua e processual, os conhecimentos adquiridos não ficariam apenas com os alunos que o perpetuam em conversas pessoais e virtuais entre seus pares e família. É importante pensar em colaborações para essa educação que se faz tão urgente, assim escola, família e mídia comporiam cenários de aprendizagens e práticas sobre as relações sócio-culturais e a websocialização na rede.

A escola por compor grande parte da vida de socialização de crianças e adolescentes, representa uma instituição propícia para essas aprendizagens, pois alcança um maior público. Se ausentar de uma tarefa dessas, ignorar as evidências ou ainda não dar importância às iniciativas já existentes representa deixar a sociedade à mercê da ingenuidade.

Por fim fica a vontade de ver os resultados dessa ideia, aplicada no cotidiano escolar, por mais tempo, seis meses, um ano, fica a curiosidade de saber as mudanças na escola, no acesso à internet e as possibilidades encontradas e construídas entre professores e alunos. Antes, porém, é preciso divulgar a experiência por meio eletrônico, artigos e apresentações em eventos, socializar reflexões com ONGs e comunidades da rede citadas ao longo dessa dissertação.

E o mais importante, divulgar as possibilidades da intervenção para diretores, coordenadores e professores da rede de ensino público de Dourados, para que a partir de uma formação voltada para essas aprendizagens construídas entre professores e alunos, possamos então avançar no estudo entre a teoria construída e a prática almejada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADOLESCENTES são identificados após exibir cenas de sexo na internet. Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2010/07/adolescentes-sao-identificados-apos-exibir-cenas-de-sexo-na-internet.html>>. Acesso em: 07 set. 2010.

ANTES de ver as fotos e vídeos, leia com atenção. Disponível em: <<http://www.cabuloso.xpg.com.br/portal/>>. Acesso em: 27 mar. 2011.

AUTORIZAÇÃO não muda rotina de jovens em lan houses. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/i...24u19679.shtml>>. Acesso em: 01 jan. 2010.

AULETE, Caldas. **Dicionário Caldas Aulete da língua portuguesa:** edição de bolso. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital; 2008; Porto Alegre: L&PM, 2008.

ARRAIS, Daniela. Escolas se atualizam por atenção dos alunos. **Folha de S.Paulo**, 31 out. 2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u645944.shtml>>. Acesso em: 03 de jan. 2010.

BIUGIL, Melib. **A História da Internet.** 2009, 7min.15seg. Vídeo. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=yyY_392Tn7Q>. Acesso em: 26 jan. 2010.

BALERO, Zeca. Kid Vinil, 2007. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/zeca-baleiro/kid-vinil.html#ixzz1Hq3LPGuj>>. Acesso em: 27 mar. 2011.

BRANDÃO, Carlos da Fonseca. O controle dos impulsos e das paixões no processo civilizatório de Norbert Elias. In: GEBARA, Ademir; WOUTERS, Cas (Orgs.). **O controle das emoções** – João Pessoa: Ed. UFPB, 2009. p. 61- 89.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Lei nº. 8.069, de 13 de julho de 1990. São Paulo: Condeca, 1998.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988.- 16. São Paulo: 1997.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998a. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_estrangeira.pdf>. Acesso em: 20 maio 2010.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998b. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_estrangeira.pdf>. Acesso em: 20 maio 2010.

BOTTENTUIT JÚNIOR, João Batista; COUTINHO, Clara Pereira. O Software Social *Orkut*: Estudo da Comunidade Virtual “Ensino a Distância”. In: MUÑOZ, Mário Organero et al. coord. – **Tecnologias de Informação e Comunicação**: Portugal, 2007. p. 273-279. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/7372>>. Acesso em: 21 dez. 2009.

BRITO, Glaucia da Silva; PURIFICAÇÃO, Ivonélia da. **Educação e novas tecnologias**: um re-pensar. Curitiba: Ibpex, 2006.

BUCHALLA, Anna Paula. Aula on-line: endereços que ajudam os alunos no dever de casa. **Veja Online**, 16 ago. 2009. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/160800/p_136.html>. Acesso em: 10 jan. 2010.

_____. O consultório da internet: os *sites* com informações sobre doenças e tratamentos estão mudando a relação entre médicos e pacientes. **Veja Online**, 14 set. 2005. Disponível em:< http://veja.abril.com.br/140905/p_112.html>. Acesso em: 10 fev. 2010.

CAIS- (Centro de Atendimento a Incidentes de Segurança). Fraudes identificadas e divulgadas pelo CAIS. Disponível em: <http://www.rnp.br/cais/fraudes.php?ano=&mes=&pag=1&busca=&tag_extend=&tag=>> .Acesso em: 23 jan. 2011.

_____. Atualização de dados. Disponível em:
<http://www.rnp.br/cais/fraudes.php?id=7076&ano=&mes=&pag=1&busca=&tag_extend=&tag=>. Acesso em: 23 jan. 2011.

_____. Fraudes identificadas: Boletim de Ocorrência. Disponível em:
<http://www.rnp.br/cais/fraudes.php?id=7116&ano=&mes=&pag=1&busca=&tag_extend=&tag=>. Acesso em: 23 jan. 2011.

_____. Webmail Unicamp.
<http://www.rnp.br/cais/fraudes.php?ano=&mes=&pag=1&busca=&tag_extend=&tag=>. Acesso em: 23 jan. 2011.

_____. Segurança em redes sociais: recomendações gerais. Disponível em:
<http://www.rnp.br/_arquivo/disi2009/rnp-disi-2009-cartilha.pdf>. Acesso em: 04 fev. 2010.

CARELLI, Gabriela. terror.com: grupos terroristas usam largamente a rede para recrutar assassinos, ensinar a fabricar bombas e planejar atentados. **Veja Online** Disponível em: <http://veja.abril.com.br/280704/p_068.html>. Acesso em: 10 fev. 2010.

CARPANEZDO, Juliana. Cyberbullying preocupa 16% dos internautas jovens no Brasil, diz pesquisa. **UOL Tecnologia**. Disponível em:
<<http://tecnologia.uol.com.br/seguranca/ultimas-noticias/2010/02/10/cyberbullying-preocupa-16-dos-jovens-brasileiros-diz-pesquisa.jhtm>>. Acesso em: 10 fev. 2010.

CARTILHA da OAB. Disponível em:
<<http://www.blogosferalegal.com/2010/10/internet-segura-para-todos-cartilha-da.html>> 22 de dez 2010.>. Acesso em: 23 dez. 2010.

CARTILHA primeira compra. Disponível em:
<<http://www.criancamaissegura.com.br/cartilha-primeira-compra.pdf>>. Acesso em: 22 dez. 2010.

CETIC BR. **Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil**: TIC Domicílios e TIC Empresas 2008. Centro de Estudos sobre Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2009. (Edição bilíngüe: português/inglês).

CHAVES, Érica; LUZ, Lia. A nova civilização on-line. **Veja Online**, Agosto de 2007. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/especiais/tecnologia_2007/p_012.html>. Acesso em: 10 jan. 2010.

CIBERCRIMINOSOS usam classificados on-line para contratar. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u688752.shtml>>. Acesso em: 03 fev. 2010.

COLAVITTI, Fernanda; VERA, Andres. Saiba quais os riscos do “sexting”. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI66866-15228,00-SAIBA+QUAIS+OS+RISCOS+DO+SEXTING.html>>. Acesso em: 07 set. 2010.

COMITÊ Gestor da internet no Brasil. Cartilha para segurança para Internet Parte IV: Fraudes na Internet Versão 3.1/2006. Disponível em: <<http://cartilha.cert.br/>>. Acesso em 14 jul. 2010.

CONVERSA sobre sexo. Disponível em: <www.glugu.com>. Acesso em: 20 mar. 2011.

COUTINHO, Leonardo. As comunidades do ódio: grupos de internautas pregam intolerância racial e sexual no *site* de relacionamento preferido pelos brasileiros. **Veja Online**, 23 nov. de 2005. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/231105/p_092.html>. Acesso em: 10 fev. 2010.

CULTURADIGITAL. **Marco civil da internet**: seus direitos e deveres em discussão. Disponível: <<http://culturadigital.br/marcocivil/>>. Acesso em: 20 de maio 2010.

_____. Primeira fase. Disponível em: <<http://culturadigital.br/marcocivil/consulta/>>. Acesso em: 20 de maio 2010.

DOURADOS, Prefeitura Municipal de. em números. Disponível em: <<http://www.dourados.ms.gov.br/ACidade/Douradosemn%C3%BAmemos/tabid/1065/language/pt-BR/Default.aspx>>. Acesso em: 28 abr. de 2010.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. - Rio de Janeiro: Zahar, 1994.2v.a

_____. **A sociedade dos indivíduos**. - Rio de Janeiro: Zahar, 1994.b

_____. Tecnização e Civilização. In: **Escritos & Ensaios**. Rio de Janeiro: Zahar Ed.,2006.

É RECOMENDÁVEL que apenas maiores de 18 anos, visualizem o conteúdo deste site. Disponível em:< <http://www.assustador.com.br/> >. Acesso em: 27 mar. 2011.

EMOTICONS – A expressão dos impulsos na internet. Disponível em: <<http://m157.photobucket.com/albumview/albums/americanidiot813/Miscellaneous/Emoticons.jpg.html?src=www&action=view¤t=Emoticons.jpg&newest=1>>. Acesso em: 20 mar. 2011.

EMPRESA fantasma causa prejuízo de mais de R\$ 150 mil em SP.

Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2010/06/empresa-fantasma-causa-prejuizo-de-mais-de-r-150-mil-em-sp.html>>. Acesso em: 14 jun. 2010

GETSCHKO, Demi. Internet, mudança ou transformação? In: CGIB. **Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil: TIC Domicílios e TIC Empresas 2008**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2009. Edição bilíngüe: português/ inglês.

GINDRE, Gustavo. Para Além do mercado. In: **Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil: TIC Domicílios e TIC Empresas**, 2008.

GUIA de segurança online para pais: idades e estágios. Disponível em: <<http://diganaoaerotizacaoainfantil.wordpress.com/2007/10/26/guia-de-seguranca-online-para-pais/>>. Acesso em: 4 mar. de 2010.

GVT; CDI. Guia para o uso responsável da Internet. Vol.1, 2008.

_____. Guia para o uso responsável da Internet. Vol.2, 2009. Disponível em: <<http://www.internetresponsavel.com.br/pdf/educandogvt/novoguia.pdf>>. Acesso em: 04 fev. 2010.

_____. Guia para o uso responsável da Internet- crianças 3.0, junho de 2010. Disponível em: <http://www.internetresponsavel.com.br/pdf/educandogvt/cartilha_gvt_crianças.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2010.

_____. Guia para o uso responsável da Internet- pais 3.0, junho de 2010. Disponível em: <http://www.internetresponsavel.com.br/pdf/educandogvt/cartilha_gvt_pais.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2010.

_____. Guia para o uso responsável da Internet- professor 3.0, junho de 2010. Disponível em: <http://www.internetresponsavel.com.br/pdf/educandogvt/cartilha_gvt_professor.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2010.

GOUDSBLOM, Johan. A vergonha: uma dor social. In: GEBARA, Ademir; WOUTERS, Cas (Orgs.). **O controle das emoções**. João Pessoa: Edu UFPB. 2009.p.47-60.

IBGE: 23,8% dos domicílios brasileiros têm acesso à internet. Disponível em: <<http://idgnow.uol.com.br/internet/2009/09/18/ibge-23-8-dos-domicilios-brasileiros-tem-acesso-a-internet/>>. Acesso em: 16 jan. 2010.

IBOPE Inteligência. **Redes colaborativas influenciam consumo de internauta**. Disponível em: <<http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=5&proj=PortalIBOPE&pub=T&db=caldb&comp=IBOPE+Inteligência&docid=C146B1D73EDD91F28325754D0043ECED>>. Acesso em: 27 jan. 2009.

_____. **Tempo de navegação do brasileiro alcança mais uma marca inédita**. Disponível em: <http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=6&proj=PortalIBOPE&pub=T&db=caldb&comp=pesquisa_leitura&nivel=null&docid=0C603C3C20140371832575F3004B038C>. Acesso em: 15 jan. 2010.

IDENTIFICAR os criminosos na Internet não é simples. SaferNet Brasil, 2011. Vídeo (00:00:30) Disponível

em:<http://www.dzai.com.br/alexandreatheniense/video/playvideo?tv_vid_id=112925>. Acesso em: 01 abr. 2011.

IG CONTROL PAIS. As crianças podem aprender muitas coisas sobre a Internet. IG Control Pais.Tornar a Internet um lugar seguro. Disponível em: <<http://roupanovaral.wordpress.com/2008/07/15/neogamabbh-torna-a-internet-mais-segura/>>. Acesso em: 20 mar. 2011.

INTERNET no Brasil cresceu 10% no mês de julho. Disponível em: <http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=6&proj=PortalIBOPE&pub=T&db=caldb&comp=pesquisa_leitura&nivel=null&docid=62A33B253477B58783257619004BD15C>. Acesso em: 15 jan. 2010.

I. START. Criança mais segura na internet: cartilha orientativa. Disponível em:<<http://www.criancamaissegura.com.br/cartilha-crianca-mais-segura.pdf>>. Acesso em: 04 fev. 2010.

_____. **Minha primeira compra na internet:** dicas para você realizar sua compra online com segurança. Disponível em: <<http://www.criancamaissegura.com.br/cartilha-primeira-compra.pdf>>. Acesso em: 31 jul. 2010.

_____. **Criança mais segura.** Disponível em: <http://www.wcf.org.br/navegar_seguranca.htm>. Acesso em: 10 fev. 2010.

_____. **Participe do abaixo assinado digital.** Disponível em: <<http://www.criancamaissegura.com.br/abaixo-assinado-digital.asp>>. Acesso em: 30 jun. 2010.

_____. **Guia de postura em redes sociais.** Disponível em: <http://www.criancamaissegura.com.br/cartilha_guiaredessociais.pdf> Acesso em: 26 dez. 2010.

LULA manda liberar R\$ 1 bi para banda larga. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/economia,lula-manda-liberar-r-1-bi-para-banda-larga-diz-coordenador,467290,0.htm>>. Acesso em: 29 jan. 2010.

MARIANI, Santos e Advogados associados. **Guia Prático para o bom uso da internet.** Curitiba/Paraná, 2009.

MELO, José Marques; TOSTA, Sandra Pereira. **Mídia e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. (Coleção Temas & Educação).

OLHARDIGITAL. Discussão - Marco Regulatório. Disponível em: <http://olhardigital.uol.com.br/central_de_videos/video_wide.php?id_conteudo=10694&MARCO+REGULATORIO+A+LEGISLACAO+DA+INTERNET>. Acesso em: 13 maio 2010.

PDE: Banda Larga e Proinfo. Disponível em: <<http://pde3anos.mec.gov.br/>>. Acesso em: 28 abr. de 2010.

PÉROLAS do Orkut. **Ooops, pequeno descuido**. Disponível: <http://perolasdoorkut.com.br/categorias_fotos.php?categoria=18>. Acesso em: 17 mar. 2011.

_____. **Fotos que não precisavam estar no Orkut**. Disponível em: <http://perolasdoorkut.com.br/categorias_fotos.php?categoria=15>. Acesso em: 17 mar. 2011.

NA INTERNET é assim. Você nunca sabe com quem está falando. SaferNet Brasil, 2010. Vídeo. (00:00:27) Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=3AJAKXwXW_s>. Acesso em: 01 abr. 2011.

NEIVA, Paula. Pacto de morte pela internet, Um fenômeno assombra o Japão: internautas que usam a rede para tramar suicídios coletivos, **Veja Online**, 22 fev. 2006. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/220206/p_088.html>. Acesso em: 10 fev. 2010.

NEVES, Ricardo. O novo mundo digital - você já está nele: oportunidades, ameaças e as mudanças que estamos vivendo. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007.

NUNOMURA, Eduardo. Páginas do mal: polícia caça na internet as páginas que vendem drogas e ensinam a fazer bombas. In: **Veja Online**, Disponível em: <http://veja.abril.com.br/280499/p_118.html>. Acesso em: 10 fev. 2010.

OAB São Paulo. **Recomendações e boas práticas para o uso seguro da internet para toda a família.** Disponível em:

<http://www.cnpl.org.br/arquivos/USO_SEGURO_DA_INTERNET_PARA_TOD A_A_FAMILIA.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2010.

O BRASIL mediado pela internet. Disponível em:

<http://api.ning.com/files/8uNnwqtoaTxLt8s7Jp7RiIBVe*i3uEBzJZfALPOXzaumUPlvhO9Jtt*JB2aHnxV4e9AXFpRKInp2jIh3t3fm470g*1drpKob/Texto_18Internet.jpg>. Acesso em: 20 mar. 2011.

PEREIRA, Cláudia da Silva. *Os Wannabees e suas tribos: adolescência e distinção na Internet.* **Estudos Feministas**, Florianópolis, maio-ago/2007.

PINHEIRO, Patrícia Peck; SLEIMAN, Cristina Moraes. **Tudo o que você precisa saber sobre direito digital no dia a dia.** São Paulo: Saraiva, 2009.

PINTO, Ziraldo Alves. **A internet segura do menino maluquinho.** Disponível em: <<http://www.criancamaissegura.com.br/livro-internet-segura-maluquinho.pdf>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

PORTAL terceira idade. Disponível em:

<<http://www.portalterceiridade.com.br/lancamento/pecas/peca001.htm>>. Acesso em: 22 dez. 2010.

_____. **Folder do site Portal Terceira Idade.** Disponível em: <<http://www.afarias.blog.br/wp/?p=84>>. Acesso em: 22 dez. 2010.

TRAMACOMUNICACAO. **Recomendações e boas práticas para o uso seguro da internet por toda família.** Disponível em:

<http://www.tramacomunicacao.com.br/upload/fontes/Cartilha%20OABSP%20Comiss%C3%A3o%20C%20Alta%20Tecnologia_20101020164557.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2010.

REWALD, Fabiana. *Adolescentes escrevem livros inteiros em comunidade do Orkut.* In: **Folha de S. Paulo**, 01 jan. 2010. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u687456.shtml>>. Acesso em: 03 fev. 2010.

RNP. Segurança: **Protegendo seus filhos no uso da internet**. Disponível em: <<http://esr.rnp.br/leitura/protegendo>>. Acesso em: 04 fev. 2010.

SAFERNET Brasil. **Crimes na internet? Denuncie!** Disponível em: <<http://designtecnologico.com/2009/03/safernet-brasil-crimes-na-internet.html>>. Acesso em: 03 abr. 2010.

_____. **Saferdic@s**. Disponível em: <<http://www.safernet.org.br/site/prevencao/cartilha/safer-dicas>>. Acesso em: 04 fev. 2010.

_____. **Para que serve a "Netiqueta"?** Disponível em: <<http://www.safernet.org.br/site/prevencao/glossarios/netiqueta>>. Acesso em 16 mar. 2010.

_____. Dia da Internet Segura 2009. Disponível em: <<http://www.safernet.org.br/site/sid/o-que-e>>. Acesso em: 13 maio 2010.

_____. **Resultados de nova pesquisa sobre Segurança na Internet e Rede Social para educadores** engajados na promoção do uso responsável das tecnologias serão lançados no Dia da Internet Segura **2010**. Disponível em: <<http://www.safernet.org.br/site/sid2010/resultados-de-nova-pesquisa>>. Acesso em: 13 de maio 2010.

_____. Fraudes e golpes pela internet aumentaram 39%. Disponível em: <<http://www.safernet.org.br/site/noticias/fraudes-golpes-pela-internet-aumentaram-39>>. Acesso em: 14 jun. 2010.

_____. **Glossário da internet**. Disponível em: <<http://www.safernet.org.br/site/prevencao/glossarios/internet#bullying>>. Acesso em: 23 jan. 2011.

SANTOS, Reinaldo dos. Família e escola no processo contemporâneo de socialização primária: reflexão sociológica sobre representações e expectativas institucionais. In: GOETTERT, Jones Dari; SARAT, Magda. **Tempos e espaços civilizadores**: diálogos com Norbert Elias. (Orgs.). Dourados, MS: Ed UFGD, 2009. p.155- 176.

SARAT, Magda. Relações entre gerações e processos “civilizadores”. In: GOETTERT, Jones Dari; SARAT, Magda. **Tempos e espaços civilizadores: diálogos com Norbert Elias.** (Orgs.). Dourados, MS: Ed. UFGD, 2009. p.103-119.

SCHELP, Diogo. Sozinhos.com: nos laços (fracos) da internet. **Revista Veja**, São Paulo: Abril, nº 27. 8 jul. 2009.

SETTON, Maria da Graça. **Mídia e educação.** São Paulo: Contexto, 2010.

TOMAZ, Kleber. **Adolescentes aderem ao 'sexting' e postam fotos sensuais na internet.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2010/05/adolescentes-aderem-ao-sexting-e-postam-fotos-sensuais-na-internet.html>>. Acesso em: 07 set. 2010.

TOSCHI, Mirza Seabra. Apresentação. In: **Leitura na tela: da mesmice à inovação.** Goiânia: Ed. Da PUC Goiás, 2010.

WCF. **Navegar com segurança:** protegendo seus filhos da pedofilia e da pornografia infanto-juvenil da internet. Disponível em: <<http://www.childhood.org.br/wp-content/themes/twentyten/cartilha/>>.

WOUTERS, Cas. Mudanças nos regimes de costumes e emoções: da disciplinarização à informalização. In: GEBARA, Ademir; WOUTERS, Cas (Orgs.). **O controle das emoções.** João Pessoa: Editora Universitária da UFPB. 2009.p. 91- 117.

41 MILHÕES têm acesso à internet no Brasil. Disponível em: <<http://www.itweb.com.br/noticias/index.asp?cod=49199>>. Acesso em: 16 jan. 2010.

ZUIN, Antonio. O Orkut como fonte de pesquisa em educação. In Lúcido Bianchetti, Paulo Meksenas (orgs.): **A trama do conhecimento: teoria, método e escrita em ciência e pesquisa.** Campinas/SP: Papyrus, 2008.